

Fabiana De Lucca Munaier

**POSSIBILIDADES DISCURSIVAS DO ACONTECIMENTO: O PROJETO DE
REVITALIZAÇÃO DO LARGO DO Ó E A PERSPECTIVA DOS INTERLOCUTORES**

Belo Horizonte
MACPS - Escola de Arquitetura da UFMG
2013

Fabiana De Lucca Munaier

**POSSIBILIDADES DISCURSIVAS DO ACONTECIMENTO: O PROJETO DE
REVITALIZAÇÃO DO LARGO DO Ó E A PERSPECTIVA DOS INTERLOCUTORES**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Ambiente Construído e Patrimônio Sustentável da Escola de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Ambiente Construído e Patrimônio Sustentável.

Área de concentração: Bens Culturais, Tecnologia e Território.

Linha de pesquisa: Conservação de Bens Culturais.

Orientadora: Prof.^a Dra. Andréa Franco Pereira

Universidade Federal de Minas Gerais

Belo Horizonte
MACPS - Escola de Arquitetura da UFMG
2013

FICHA CATALOGRÁFICA

M963p

Munaier, Fabiana de Lucca.

Possibilidades discursivas do acontecimento [manuscrito] : o projeto de revitalização do Largo do Ó e a perspectiva dos interlocutores / Fabiana de Lucca Munaier. - 2013.
173f. : il.

Orientador: Andréa Franco Pereira.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Arquitetura.

FABIANA DE LUCCA MUNAIER

“ Possibilidades discursivas do acontecimento: o projeto de revitalização do largo do Ó e a perspectiva dos interlocutores ”

Dissertação apresentada ao curso de Pós-Graduação em Ambiente Construído e Patrimônio Sustentável da Escola de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais

Comissão Examinadora:



Profa. Dra. Andréa Franco Pereira (EAUFMG - orientadora)



Prof. Dr. Silvio Pinto Ferreira Junior (Universidade Cruzeiro do Sul)



Profa. Dra. Vera Regina Veiga França (FAFICH-UFMG)

Belo Horizonte, 21 de março de 2013

DEDICATÓRIA

À minha amada avó, Ziza.

AGRADECIMENTOS

Foram muitas contribuições. Cada uma à sua maneira cooperou grandiosamente para que mais esse objetivo fosse alcançado.

À Andréa, minha orientadora e consistente colaboradora para o desenvolvimento dessa dissertação. Convivência pautada pela firmeza, paciência, eficiência e objetividade. Por me direcionar de forma prática, que às vezes, as coisas são mais simples do que parecem e devemos apostar na coragem. A simplicidade em aprender com os outros e o exemplo de pessoa dedicada, correta e disciplinada.

Silvio, meu muito obrigada pelas oportunidades proporcionadas e à riqueza de suas ideias que me serviram de base e suporte à difícil tarefa de transitar entre os diferentes campos do saber. A ausência de reservas e bondade ao compartilhar o conhecimento, com certeza serão sempre referência e estímulo em toda minha vida acadêmica.

À professora Vera França da FAFICH, gostaria de reforçar e deixar registrado o prazer de ter bebido em sua fonte de grande conhecimento aliada à humildade, que a faz admirável enquanto pessoa, professora e pesquisadora. Quando convivi, mesmo que por um breve semestre, tive a oportunidade de comprovar seu talento frequentemente citado.

Aos professores e colegas da UFMG, em especial aos do Mestrado em Ambiente Construído e Patrimônio Sustentável - MACPS. Sobre tudo ao apoio da Jaqueline, Sérgio e Murilo, que foram muito além, tornaram-se amigos que levarei sempre no coração. À Victória, pela infinita boa vontade, incansável senso de responsabilidade, empenho, gentileza e simpatia.

Aos moradores do Largo do Ó, aos funcionários do Projeto de Revitalização e órgãos nele envolvidos, aos turistas, visitantes e todos que colaboraram cedendo tempo, generosidade e disponibilizando informações que deram subsistência à pesquisa.

Agradeço a CAPES-Reuni através do Curso de Design da UFMG, pela concessão da bolsa que me permitiu a realização desse mestrado.

Como as pessoas mais próximas possuem fundamental importância, tecerei também alguns agradecimentos aos que se fizeram presentes durante esta jornada.

Meu muito obrigada à minha mãe e fiel escudeira, exemplo de força, bondade, grande incentivadora e amiga. Fonte de amor incondicional. Meu pai, sempre um estímulo a seguir em frente. Inspiração de coragem e perseverança, pois “somos aquilo que pensamos ser”. Os mais admiráveis valores de que tenho conhecimento fazem parte de vocês.

Ao Flávio pelo companheirismo, compreensão e paciência: sempre! Minha fonte de equilíbrio, além é claro de ser um super-herói, amigo, suporte, porto-seguro e o grande amor de toda minha vida. Ao meu filho Thiago, a grande motivação para minha busca em ser melhor. Uma parte de mim, um amor imenso, sem fim, inexplicável e tão bom de ser vivido e compartilhado.

Vó, um espírito evoluído em busca constante pelo conhecimento e crescimento. Prova de superação e uma bela lição de vida a ser seguida. Amor confortante... Ao Rafael, um ser que amo tanto sem saber por quê. Quero bem, preocupo e me sinto feliz somente ao lembrar de sua existência. Doce mistério da vida.

Meus irmãos, Vitor Hugo, Luiz Henrique e Paulo Henrique, com quem aprendo diariamente a lidar com diferenças nas mais variadas formas. E apesar de todas elas, são minhas referências e parte da minha essência. Tenho orgulho e amo muito cada um, com seus jeitos únicos e indispensáveis. Kelly, querida cunhada e Felipe, primo e colega de mestrado com quem frequentemente troquei ideias e gratificantes experiências. Muito obrigada a vocês também!

Marco Túlio, mais que amigo... Ouvinte, confidente e conselheiro. Um ser humano maravilhoso com quem divido sempre os momentos mais importantes! Jussara, amiga e encorajadora desta etapa.

Por fim, a Deus e aos meus Guias Espirituais pelo amor, inspiração e direcionamento.

“Cada um escolhe sua altura ou seu tom, talvez suas palavras, mas a melodia é a mesma e há um mesmo trá-lá-lá sob todas as palavras, em todos os tons possíveis e em todas as alturas”.

Deleuze

RESUMO

Este trabalho investiga as possibilidades discursivas formuladas sobre o patrimônio cultural a partir dos pontos de vista de diferentes interlocutores que participam de um mesmo processo. A dinâmica do acontecimento é a nossa referência empírica por meio do Projeto de Revitalização do Largo do Ó em Sabará. Na primeira parte do trabalho estabelecemos especificidades das ideias principais ligadas ao patrimônio cultural e comunicação social que são a base de toda a pesquisa. O estudo mostra que a partir da experiência cotidiana, os sujeitos e grupos estabelecem valores e conformam suas narrativas, articulando incessantemente a interação entre todos os elementos. Em seguida, definimos os atores que estão envolvidos no processo e os sistematizamos através de grupos que representarão os interlocutores. A questão da construção discursiva e as representações simbólicas incutidas nelas também recebem destaque em meio aos outros conceitos centrais. Antes de efetivar as análises das diversas perspectivas, daremos contorno ao contexto referido, caracterizando o enquadramento com as particularidades relevantes do nosso objeto de pesquisa. Por fim as considerações são entrelaçadas e reconectadas à problematização inicial através das implicações suscitadas pelo estudo de caso. Como conclusão, a análise mostra a relevância do olhar da comunicação social no campo da arquitetura e patrimônio, e que as referidas disciplinas vão muito além das denominadas ciências aplicadas. O reconhecimento da experiência cotidiana e do acontecimento como ferramentas eficientes que auxiliam no método e na resolução de problemas também se fizeram evidentes. Os arranjos discursivos descortinaram valores que são acionados no intuito de justificar as marcas de experiências apreendidas que acabam por ser compartilhadas na sociedade. A pesquisa validou a proposta de que todas as áreas podem contribuir para o desenvolvimento sustentável dos ambientes construídos, sejam eles antigos, contemporâneos ou de planejamento futuro, pois estão sempre em diálogo com a sociedade e interferindo de algum modo na mesma.

Palavras chave: Acontecimento. Comunicação. Patrimônio Cultural. Projeto de Revitalização do Largo do Ó em Sabará

ABSTRACT

This academic study investigates the discursive possibilities raised about the cultural patrimony from the points of view of different interlocutors involved in the same process. The dynamic of the case is our empirical reference through Largo do Ó's Revitalization in the city of Sabará. In the first part of this study we established specificities of the main ideas related to cultural patrimony and social communication which are the basis of all research. The study shows that from daily experience, individuals and groups establish values and adapt their narratives, incessantly articulating the interaction between all the elements. Next we define the actors who are involved in the process and systematized through groups that represent the interlocutors. The question of discursive construction and symbolic representations instilled in them also features among the other main concepts. Before analyzing the effects of different perspectives, we will outline the context above, characterizing the frame with relevant particularities of our research object. Finally, considerations are intertwined and reconnected through the initial questioning of the implications raised by the study case. In conclusion, the analysis shows the importance of the social communication in the field of architecture and patrimony, and that these disciplines go well beyond the so-called applied sciences. The recognition of daily experience and the case as efficient tools that assist in method and problem solving techniques also became evident. Discursive arrangements showed values that are triggered in order to justify the marks of experiences that ultimately seized be shared in society. The research validated the proposition that all areas can contribute to the sustainable development of the built environment, whether ancient, contemporary or future planning, because they are always in dialogue with society and interfering somehow in it.

Keywords: Case. Communication. Cultural Patrimony. Project Largo do Ó's Revitalization in Sabará.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1: Etapas de Procedimento	22
FIGURA 2: Divisões do Patrimônio Cultural	33
FIGURA 3: Modelo Linear.....	60
FIGURA 4: Modelo Circular Retroativo	60
FIGURA 5: Modelo da Comunicação de Massas	60
FIGURA 6: Modelo Interacional	61
FIGURA 7: Integrantes do Grupo 2	78
FIGURA 8: Formação do Grupo 3	80
FIGURA 9: Divisão Administrativa de Sabará.....	85
IMAGEM 1: Ocupações nas encostas	90
IMAGEM 2: Monumento histórico ao fundo; vista comprometida	91
IMAGEM 3: Carros com equipamentos de som potentes no centro histórico.....	92
IMAGEM 4: Capela de Nossa Senhora do Ó em Sabará	94
IMAGEM 5: Imagem de Nossa Senhora da Expectação do Parto na Capela do Ó.....	95
IMAGEM 6: Capela-mor da Igreja de Nossa Senhora do Ó	96
IMAGEM 7: Detalhe de arte chinesa	96
IMAGEM 8: Minas ao Luar na Festa de São João.....	100
IMAGEM 9: Capela do Ó em situações cotidianas	102
IMAGEM 10: Placa com dados do Projeto no local de execução	105
IMAGEM 11: Mão de obra local no trabalho de recuperação das fachadas.....	106
IMAGEM 12: Fim do Projeto de Revitalização.....	107

LISTA DE TABELAS

TABELA 1: Levantamento de Publicações na Mídia	76
TABELA 2: Composição do Grupo 4	82

LISTA DE SIGLAS

CEDIF – Conselho Estadual de Direitos Difusos

DOEMG – Diário Oficial do Estado de Minas Gerais

FUNDIF – Fundo Estadual de Defesa de Direitos Difuso

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IEPHA/MG – Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais

IGA – Instituto de Geociências Aplicadas

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

MG – Minas Gerais

OMS - Organização Mundial de Saúde

OMT – Organização Mundial do Turismo

SEDESE – Secretaria de Estado de Desenvolvimento Social

SPHAN - Serviço de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

RMBH – Região Metropolitana de Belo Horizonte

TAC – Termo de Ajustamento de Conduta

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

SUMÁRIO

LISTA DE ILUSTRAÇÕES.....	11
LISTA DE TABELAS.....	12
LISTA DE SIGLAS.....	13
1. Introdução.....	16
2. Desenho metodológico	24
2.1 Problemática.....	26
2.2 Procedimentos de Investigação.....	30
3. O Patrimônio Cultural e seu valor na pós-modernidade	35
3.1 Definições.....	35
3.2 Evolução e sentido	37
3.3 Interdependência entre bens Materiais e Imateriais	44
4. Ambiente Construído: lugar de convivência social	47
4.1 A memória enquanto suporte	51
4.2 Identidade e apropriação	54
5. Comunicação e Interação	58
5.1 Acontecimento.....	65
5.2 Representações simbólicas: a construção dos discursos	70
5.3 Sujeitos e Interlocutores	74
5.3.1 Grupo 1: Mídia.....	76
5.3.2 Grupo 2: Habitantes	78
5.3.3 Grupo 3: Visitantes.....	80
5.3.4 Grupo 4: Colaboradores.....	83

6. Panorama contextual do objeto de estudo.....	86
6.1 Sabará.....	87
6.1.1 Breve História.....	88
6.1.2 Cenário Cultural	89
6.1.3 Quadro atual.....	91
6.2 A Capela e o Largo de Nossa Senhora do Ó	96
6.2.1 A Capela	96
6.2.2 A Festa e o cotidiano.....	99
6.3 Estudo de caso: o Projeto de Revitalização	106
 7. A plasticidade na narrativa das experiências.....	110
7.1 Posicionamento da Mídia	113
7.2 A leitura dos Habitantes	130
7.3 A relação dos Visitantes	135
7.4 A fala dos Colaboradores	138
 8. Discussão	142
 9. Conclusão.....	145
 REFERÊNCIAS	155
 ANEXOS.....	163

1. INTRODUÇÃO

O valor das cidades históricas é atualmente fato inquestionável. Porém, é essencial que o cidadão não só reconheça esse valor, mas se sinta proprietário dos bens que a fazem memorável e mais que isso, parte da sua história e responsável pela preservação. O conhecimento esclarece decisões a serem tomadas. Sabe-se que o patrimônio constitui registro de cultura, expressão artística e história. Ele há de ser analisado visando conferir-lhes estabilidade através da conservação. A cooperação para preservação do estado da arte e suas formas de comunicação com o passado, preservando a memória, e com o presente, quando entende as transformações e acontecimentos atuais buscando um novo fazer, além de conhecimento da realidade concreta, significa que qualquer contribuição feita no sentido de enriquecer o instrumental teórico ou metodológico disponível, ou ainda revelar aspectos previamente desconhecidos, será reconhecida como item fundamental.

Nesse sentido, o olhar voltado ao Patrimônio Cultural no presente trabalho adota uma perspectiva ampla que entende que os bens materiais dotados de significados indissociáveis da dimensão intangível. Dessa forma, as edificações históricas que vêm ao longo dos últimos anos passando por diversas mudanças, decorrentes de alterações dos contextos culturais e ambientais, requerem uma ação mais sistemática para garantia da sua integridade. Além disso, como destaca Benevolo (1999, p.9), todos os cidadãos “deveriam aprender a compreender sistemática e historicamente o ambiente físico em que vivem: a ler e escrever o mundo dos objetos materiais, além do mundo dos discursos, de modo a poder discuti-lo, modificá-lo, e não apenas suportá-lo passivamente”. Françoise Choay alerta que:

O culto que se rende hoje ao patrimônio histórico deve merecer de nós mais do que simples aprovação. Ele requer um questionamento, porque se constitui num elemento revelador, negligenciado mas brilhante, de uma condição da sociedade e das questões que ela encerra (CHOAY, 2001, p. 12).

E é nesse ponto que a Comunicação Social se conecta por sua vez, como um processo que envolve o intercâmbio de informações explicado por Chiavenato (2004, p. 304) como “o ponto que liga os indivíduos para que compartilhem sentimentos, ideias, práticas e

conhecimento.” Assim, alguns fatores que permeiam o processo comunicacional estimulam um estudo mais objetivo que possibilite a compreensão e percepção de situações específicas. Neste sentido se faz pertinente avaliar como acontece a interação comunicacional na formação de discursos dos diferentes atores/interlocutores que vivenciam a ambiência física e social que envolve o patrimônio.

Entretanto, para que tal cenário se concretize, deve-se ponderar: quem são esses interlocutores? Como cada um deles percebe e interpreta o patrimônio? A partir dessa leitura, qual narrativa é construída? Enfim, qual é a função do patrimônio para cada um desses interlocutores? Além destas, no decorrer da pesquisa, pretende-se investigar e responder a outras questões básicas como: A relação do sabarense com o patrimônio reforça os valores inerentes à sociedade em questão e sua coletividade? Os discursos construídos reiteram ou rompem a relação do cidadão com o patrimônio cultural?

Nesse sentido, no presente estudo será analisada a representação e consequentes sentidos do patrimônio cultural para atores diferentes que o vivenciam, a partir do exame dos discursos articulados pelos mesmos.

A pesquisa se insere no contexto das práticas comunicacionais para melhor compreensão da relação entre o ambiente construído e o cidadão, onde o Projeto de Revitalização do Largo do Ó foi o acontecimento para estudo de caso escolhido para a análise. Perceber a interação entre instituições da sociedade e seu patrimônio é fundamental para entender e aperfeiçoar técnicas de maneira favorável.

A compreensão da dinâmica que envolve os bens culturais deve ser observada buscando o estímulo ao entendimento de questões inerentes à comunicação dos interlocutores de uma cidade em que seu acervo histórico é uma de suas principais riquezas. A necessidade de desenvolver métodos eficientes, adequados, de constante aprimoramento e atualização é urgente em nosso contexto social, haja vista a grande evolução e reestruturação do conhecimento pelo qual estamos passando.

Portanto, o objetivo geral da pesquisa é analisar como alguns dos interlocutores percebem e se apropriam do Largo do Ó, através dos discursos articulados na ocasião do acontecimento. Investigar como se dá a apropriação do espaço tombado na cidade de

Sabar é resultado de encontros, ruídos e desencontros que ao serem vivenciados impulsionam uma nova trajetória de desafios. Ao abordar formas de apreensão, vínculos, experiências no modo de ver, identificar, vivenciar e interagir com essa parte da territorialidade urbana, coloca-se em foco uma reflexão sobre o valor do intercâmbio desses elementos para a vida social independente da vontade individual, e na formaao mais ampla das pessoas com o seu entorno. Enquanto objetivos específicos pretende-se verificar o desempenho das práticas comunicacionais no processo de interacao entre os agentes sociais e o patrimônio histórico e investigar possibilidades de influência mútua com consequências positivas para os sujeitos e ambiente empregados no estudo. A relevância da pesquisa está na possibilidade de verificar os traços característicos do processo comunicacional voltado ao patrimônio de Sabará, considerado riqueza histórica e cultural da cidade, através da análise do acontecimento. As constataoes poderão servir de alternativa ou apoiar outros trabalhos consonantes com os objetivos deste, que leve em consideraao os diversos valores que legitimam o patrimônio cultural como tal.

Tendo como pano de fundo o Projeto de Revitalização do Largo do Ó e a elaboração dos discursos referentes a este acontecimento por diferentes agentes, o objetivo também é o de perceber como as ferramentas utilizadas podem se conciliar e contribuir para o desenvolvimento local e preservação, através de um processo de troca, conhecimento e reconhecimento de valores próprios por meio da comunicação. A possibilidade de verificar como a percepção intervém na conformação do discurso e a relação com seus atores poderá servir como base de reflexões para aperfeiçoar as transformações ocorridas no campo da conservação do patrimônio enquanto um processo social.

Pensando assim, este trabalho busca empregar visões a respeito da interpretação de interlocutores diante de seu patrimônio cultural e perceber qual o lugar contemplado pela comunicação na complexidade de atribuições de significado e representatividade em uma sociedade atual, por meio do acontecimento, o nosso estudo de caso.

Quando se desenvolve a conscientização através da identificação, preservação e valorização das manifestações culturais em toda sua diversidade, reconhecendo-as como fundamentais para a construção das identidades comunitárias e suas contínuas transformações, os agentes locais se reconhecem como personagem que compõe o

enredo. Por isso, promover o resgate da história e memória em Sabará a fim de sensibilizar esses interlocutores quanto a importância da manutenção da cultura local e do papel que desempenham nesse processo, garantiriam parte de um desenvolvimento benéfico, como por exemplo, nas atividades turísticas, econômicas e culturais.

Com tal intuito, o estudo tem base descritiva das características apresentadas por autores que direta ou indiretamente versam sobre os conceitos e temas centrais que atingem indivíduos e instituições nesse contexto.

O método usado no trabalho teve como ponto de partida a caracterização do universo investigado, que se compôs na delimitação dos interlocutores considerados relevantes no Projeto de Revitalização do Largo do Ó. Através de pesquisa bibliográfica; histórica e observação direta intensiva para elaboração, análise e interpretação das informações foi realizada a pesquisa exploratória e de campo onde foram coletados dados por meio de diários de campo e entrevistas informais. Estas por sua vez, foram aplicadas a partir de levantamento e uma posterior ponderação do perfil proeminente da referida população.

Para melhor aproveitamento dos temas, tão extensos e complexos, serão feitos alguns recortes. No que diz respeito a Comunicação Social, trataremos do acontecimento e interação como práticas responsáveis por profundas transformações no modo de agir e pensar a questão social. Já o Patrimônio Cultural será representado pelo Largo de Nossa Senhora do Ó, pelo fato do interesse deste estudo envolver o Ambiente Construído e Social. A consolidação da pesquisa terá embasamento no Projeto de Revitalização do Largo do Ó como estudo de caso, por identificar nele a presença dos conceitos e elementos que amparam as condições de realização e verificação. Diante da dimensão do lugar e quantidade de interlocutores envolvidos, também foi elaborada uma sistematização apropriada para a análise, levando em conta o conjunto análogo de características que possibilitaram uma divisão e categorização satisfatórias. Portanto nosso *corpus* foi selecionado por meio do contato direto e levantamento na mídia durante o período em que ocorreu o Projeto de Revitalização do Largo do Ó, entre os anos de 2011 e 2012.

Imprescindível ressaltar que o trabalho se constrói na tentativa de aproximar do âmbito da pesquisa o caráter interdisciplinar. Incitado como alternativa inovadora em um momento

de crítica e oposição, Mangine (2009, p. 208) o descreve como sendo os “desdobramentos de uma cultura decorrente da formação, consolidação e expansão da ciência moderna” e Morin (2003, p. 116) questiona se “Afiml, de que serviriam todos os saberes parciais senão para formar uma configuração que responda a nossas expectativas, nossos desejos, nossas interrogações cognitivas?”.

Não se pretende perder de vista a disciplinaridade, mas sim vislumbrar a possibilidade de um diálogo que aproxime saberes provenientes de diferentes campos do conhecimento, em uma fala compreensível aos diversos interlocutores que tratam do tema. Conforme Morin, na realidade global não cabe o isolamento da contextualização do conhecimento, que vai muito além da integração de conteúdos:

[...] a inteligência parcelada, compartimentada, mecanicista, disjuntiva e reducionista rompe o complexo do mundo em fragmentos disjuntos, fraciona os problemas, separa o que está unido, torna unidimensional o multidimensional (MORIN, 2000, p. 43).

Essa possibilidade de cooperação mediada pela linguagem se baseia na superação da compartimentalização de saberes e contribuição para o aperfeiçoamento dos discursos que conforme Japiassu (1976, p. 118), só há a dita interdisciplinaridade quando, além da informação recíproca, houver também um confronto da totalidade das disciplinas cooperantes, “na qual cada uma se arrisca e se modifica pela outra”. Desse modo haverá a transformação entre as mesmas através do diálogo audível, uma vez que a simples troca de informações não constitui um método interdisciplinar.

Apesar da polissemia da noção de interdisciplinaridade, o tema tem se mostrado recorrente no pensamento de diversos teóricos favoráveis ao estabelecimento da aproximação de especialidades distanciadas. Tratando-se de conceito variável e diante da ausência de um sentido único e estável, adota-se no presente estudo o ponto de vista de Japiassu (1976, p.74), onde “A interdisciplinaridade caracteriza-se pela intensidade das trocas entre os especialistas e pelo grau de interação real das disciplinas no interior de um mesmo projeto de pesquisa”.

Para que as colocações até aqui ponderadas obtenham êxito, não se pode desprezar o conceito de sustentabilidade. Intimamente ligado ao de conservação, ele sugere

capacidade de suprir necessidades atuais sem comprometimento das futuras, ou seja, desenvolvimento sem esgotamento de recursos. Planejamento e reconhecimento de que estes têm fim, são vitais para que a análise feita possa contribuir de fato na preservação do ambiente construído enquanto elemento de caráter físico e social. Portanto, fica o desafio de alcançar sucesso nos procedimentos pontuais que tenham condições de se perpetuar quando relacionados de forma correta, uma vez que para se falar em sustentabilidade é primordial haver inclusão social (SACHS, 2008). Dinamizar o processo de troca com cautela em uma atitude permanente de reflexão e crítica é a proposta empregada nesta pesquisa que envolve Patrimônio Cultural e Comunicação Social em uma articulação que tem como objetivo também contribuir com o desenvolvimento sustentável. Conforme a analogia da orquestra¹, a harmonia das constatações deve ser efetivada como “um processo social permanente que integra múltiplos modos de comportamento: a fala, o gesto, o olhar, a mímica, o espaço interindividual etc. [...] a *comunicação é um todo integrado* (WINKIN,1998, p.32).

Além da Introdução como primeiro capítulo, a organização deste trabalho foi feita em outros oito.

O capítulo 2 descreve a metodologia, incluindo as pesquisas exploratórias, modelos de pesquisa e análise extraídos da problemática e utilizados para desenvolvimento de cada uma das partes da investigação. As técnicas de coleta e análise dos dados também estão presentes neste capítulo.

O capítulo 3 apresenta uma discussão sobre o patrimônio cultural. A ênfase é focada no aspecto explorado na pesquisa, que é o valor atual dos monumentos assim como das expressões vinculadas a ele. Será abordada a importância da associação entre os bens tangíveis e intangíveis, assim como a inter-relação dos mesmos.

¹ A analogia da orquestra é um instrumento pedagógico e mnemotécnico que procura demonstrar os elementos envolvidos no fenômeno comunicacional enquanto participantes. Através do intercâmbio de comportamentos fala-se de um Modelo Orquestral da Comunicação em oposição ao Modelo Telegráfico (Modelo Linear).

O capítulo 4 traz uma reflexão sobre a representatividade do ambiente construído para a sociedade que o vivencia, além dos conceitos de memória, identidade e apropriação, que sustentam a discussão.

O capítulo 5 introduz a pesquisa na essência da proposta interdisciplinar, que é a perspectiva da colaboração do outro grande tema empreendido, a Comunicação Social. A partir da articulação entre esse campo do saber e a inerente interação que lhe é peculiar, poderemos aprofundar em seguida na cooperação das duas áreas em questão. Ainda neste capítulo apresentaremos e exploraremos o conceito de *acontecimento*, que embasa nosso estudo de caso, os subsídios que compõem as formações discursivas seguido da descrição e caracterização dos interlocutores que as articulam.

O capítulo 6 contextualiza o objeto de estudo, partindo de informações da cidade de Sabará, para posteriormente apresentar o perfil do Largo de Nossa Senhora do Ó, que foi o lugar selecionado no município para nossa avaliação. Através do Projeto de Revitalização do Largo do Ó que se insere como estudo de caso no presente capítulo, será traçado o enquadramento das características que levaram ao entendimento de que a partir desse episódio específico poderá ser feita uma leitura mais que pontual sobre os assuntos inquiridos.

O capítulo 7 demonstra os dados levantados durante a investigação, na forma dos discursos apresentados pelos interlocutores propostos e suas respectivas análises.

O capítulo 8 apresenta uma discussão baseada nas informações apresentadas anteriormente. Através da articulação de um diálogo será explanada a pertinência entre os temas tratados por meio do emprego de uma conexão que pretende tornar o conjunto coeso.

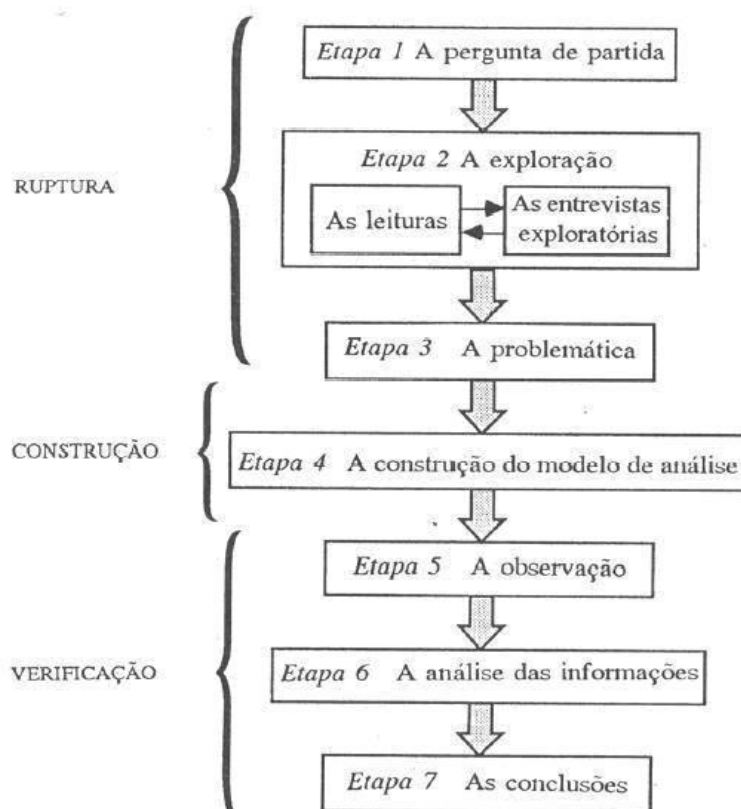
No capítulo 9 estão as conclusões que encerram a pesquisa apontando os resultados obtidos e suas considerações. Refletem-se ainda limites e carências como contribuição eficaz para demonstração de ferramentas adequadas ao tipo de investigação proposta. Reconhecer a necessidade de outros caminhos e metodologias são pensamentos próprios ao campo epistêmico que levam a (re)pensar paradigmas e premissas.

Finalmente são apresentadas as referências utilizadas no decorrer do estudo, assim como os materiais que auxiliaram a investigação e foram julgados pertinentes de serem reproduzidos como anexos.

2. DESENHO METODOLÓGICO

Verificar a conformação dos discursos arquitetados pelos agentes participantes de um processo que envolve o patrimônio cultural poderá servir como ponto de partida para reflexões no sentido de compreender e aprimorar a conexão dos diálogos em questão. No entanto, para se alcançar um bom resultado para essa proposta, é preciso adotar um método como instrumento pelo qual a investigação é viabilizada. Apresenta-se pertinente, portanto, a perspectiva de Raymond Quivy, a partir da qual a pesquisa foi pautada e delineada dentro das possibilidades:

FIGURA 1
Etapas de Procedimento



Fonte: QUIVY, 1998.

Considerando as fases do esquema acima, adotamos a seguinte pergunta de partida “O que o patrimônio cultural representa para os atores que se relacionam e vivenciam com esse ambiente?”. O questionamento norteou a etapa posterior, de exploração.

Correia (2005, p.14) coloca que para o filósofo Schutz, os problemas não podem ser compreendidos sem uma abordagem de ação, comunicação, intersubjetividade, significado objetivo, estudo e análise das relações entre a interpretação do mundo da vida por parte dos que nele vivem e agem e a interpretação do mesmo mundo pelo cientista social. Portanto, para aprofundar o questionamento, foi realizada uma pesquisa exploratória visando obter conhecimento de maneira a aferir a existência de condições para a concretização do estudo, além de entender e estabelecer quais aspectos seriam relevantes de receber enfoque. Nessa etapa, foram utilizadas as técnicas de pesquisa bibliográfica, observação direta intensiva assistemática e entrevista não estruturada.

Enquanto as leituras eram efetuadas, foi recebido por e-mail uma espécie de jornal virtual institucional da prefeitura de Sabará, denominado *Cultura em Foco*. Dentre as quatro curtas notícias do pequeno periódico, uma chamou atenção, pois o assunto ia de encontro a um dos temas em reflexão, que era o patrimônio cultural. Tratava-se da ocasião em que foi assinada a ordem de serviço para o início das obras de revitalização do Largo do Ó, “lugar-referência” que abriga a Capela de Nossa Senhora do Ó, um dos principais pontos históricos e turísticos da cidade. Mais do que isso, a informação iniciava-se mencionando o envolvimento da comunidade, instituições e outros atores. Esta última consideração também dizia respeito às duas questões essenciais tratadas no ponto de partida da investigação, que suscitava o modo dos sujeitos envolvidos perceberem e lidar com o ambiente em que viviam. As advertências instigaram uma rápida busca por atualizações sobre o Largo e a Capela do Ó em outras fontes, a fim de ampliar as informações ali obtidas. Durante a procura, surgiu outro dado interessante: dentro de alguns dias, seria realizada naquele local, uma edição do conhecido programa Minas ao Luar, da Rede Globo.

Foi a oportunidade para o primeiro contato, ainda distante, só para observar as pessoas, o que se passava e como se passava, sem ter nada estruturado em mente. Deste episódio, surgiram apontamentos e curiosidade de voltar no mesmo lugar, porém para presenciar o cotidiano em um “dia comum”, sem nenhum tipo de comemoração como da outra vez. Mas neste retorno algo de mais concreto já devia ser elaborado, para ajudar na sistematização das análises, mesmo que ainda superficiais. Foi então criado o Diário de Campo (ver ANEXOS), que possibilitou mais clareza nos registros das visitas diárias,

assim como as impressões e ocorrências nas mesmas. Essa rotina se estendeu por uma semana em horários indeterminados e variados. Durante a permanência foi sendo aos poucos instituída certa intimidade e proximidade com o local e seus protagonistas através de diálogos e observações informais.

Com alguns conceitos da revisão bibliográfica em mente aliados a recente experiência em campo, a chamada “pergunta de partida” naturalmente se desenvolveu, evoluindo para outras inquietações e novas indagações. Mais amplas, constituíram o fundamento para a apropriada questão incentivadora da investigação e presente pesquisa.

2.1 Problemática

Ao debruçar sobre o material levantado na pesquisa exploratória, a primeira ocorrência identificada nas observações e narrativas foi a frequente alusão ao Projeto de Revitalização que estava em andamento na ocasião. O evento recebia destaque sob diferentes perspectivas, suscitando abordagens que iam além da nossa inicial generalização sobre aqueles personagens que vivenciavam o espaço composto pelo patrimônio cultural. Eram vidas, costumes, valores e modos de perceber sob distintos ângulos e que envolviam atores com características e expectativas variadas se imbricando em uma situação que tocava e dialogava de alguma forma com todos os envolvidos. Em oposição a homogeneização das sociedades mecânicas da modernidade, na sociedade hodierna “formiga uma multiplicidade de valores perfeitamente heterogêneos uns aos outros” (MAFFESOLI, 1996, p. 31). Por isso, abordar formas de apreensão, vínculos, experiências no modo de ver, identificar, vivenciar e interagir com essa parte da territorialidade urbana, coloca em foco uma reflexão sobre o valor do intercâmbio desses elementos para a vida social independente da vontade individual, e na formação mais ampla das pessoas com o seu entorno.

De acordo com José Reginaldo Santos Gonçalves (1996, p.11-12) o “patrimônio cultural” no Brasil é uma modalidade discursiva de “narrativas nacionais” com o propósito de construir memória e identidade. Em consequência afetam o modo como as categorias sociais sentem-se parte da totalidade, podendo vir a ser construídas discursivamente enquanto uma política cultural, visando a recuperação, defesa e preservação de um “patrimônio cultural”. Portanto, a noção de apropriação é diferente em cada contexto. O

modo de agir, assim como os valores que se atribuem ao patrimônio muda. Nesse sentido, se apropriar não é um fato genérico, mas sim uma realidade histórica.

A importância de preservar o que se considera patrimônio, ou parte dele, está no fato deste constituir registro da cultura, da expressão artística, da forma de pensar e sentir de uma comunidade em determinada época e lugar, um registro de sua história, saberes, técnicas e instrumentos que foram utilizados. A identidade se constrói a partir da tentativa de criação de blocos sociais coesos, através do reconhecimento de fatores em comum como valores, linguagem, símbolos, pertencimento e memória, que representam a personalidade de um grupo. Elas são concebidas em função de interesses socioeconômicos e políticos, onde a cultura é um discurso que constrói sentidos, influencia e organiza ações e concepções dos sujeitos relacionados ao presente, sua diversidade e transformação. Cada grupo tem seu sistema de entendimento, que está diretamente ligado à sua história, onde a cultura, por sua vez proporciona momentos de significação e representação. O que não implica na unidade do código simbólico e percepção dos atores. O símbolo constitui as relações sociais de sentido e cultura como prática plena de significados.

O conceito de “patrimônio” está em constante ampliação. Segundo Castriota (2009, p.85), aos critérios estilísticos e históricos se juntam a preocupação com o entorno, ambiência e o significado que a comunidade confere ao bem patrimonial. O conceito de “sustentabilidade” também é amplo e está ainda em construção, mas seu escopo já é claro: as necessidades de uso dos recursos disponíveis não podem comprometer a qualidade de vida no futuro. Os bens culturais precisam ser considerados como recursos de suma importância para o futuro. David Throsby (2001, p.3) aborda a relação entre sustentabilidade e conservação do ambiente construído, bem como o processo de tomada de decisões. O autor defende que além dos profissionais das áreas correlatas, outros podem contribuir, de forma interdisciplinar, para a conservação sustentável do patrimônio. Throsby (2001) insere o conceito de sustentabilidade como um princípio não apenas para as decisões sobre a conservação do ambiente construído, mas como uma estrutura holística para interpretações interligadas entre economia, sociedade, cultura e sistemas biológicos.

Pelo viés da sustentabilidade social, a antropóloga Setha Low (2001, p.47) afirma que a formação da identidade cultural está diretamente relacionada ao ambiente construído. As lembranças físicas fornecem um sentimento de identificação com o lugar, através da continuidade e conectividade que raramente temos consciência, mas que desempenham um papel importante em nosso desenvolvimento psicológico como indivíduos e grupos. Low (2001) retoma os princípios de sustentabilidade de Throsby (2001) e reforça que para a sustentabilidade social ser atingida em nível de indivíduos e grupos é preciso que o lugar seja preservado. Para Martins (2006, p.45) o patrimônio “é uma consequência da percepção do homem e seu valor, no contexto no qual está inserido”, e a falta de informação à população sobre valorização cidadã do patrimônio têm consequências nos sujeitos enquanto povo e memória.

Os bens culturais devem ser compreendidos como recursos essenciais para o presente e o futuro das cidades e é nessa órbita que carece ser pensada a relação do Largo e Capela do Ó com os diferentes atores que as vivenciam. A preocupação com o patrimônio está diretamente relacionada à qualidade de vida e, nesse processo, a comunicação possui papel decisivo, pois é a linguagem inteligível que retrata o mundo.

Porém, contradições e resistências permeiam esse percurso que resulta em produtos sociais complexos, com formação e características próprias que se articulam coletivamente. Diante desse quadro, pode-se dizer que a comunicação se porta como uma rede de relações interativas dos interlocutores entre si e material simbólico? Nesse sentido verificou-se pertinente examinar através das narrativas, como se configurava o agir e sofrer dos sujeitos no acontecimento enfatizado. Além disso, observar como o processo comunicacional conformava a relação sujeito-mundo. Portanto, refletir o significado do ambiente para os interlocutores que o vivenciam, levando em conta seu contexto de patrimônio cultural e as produções de sentido que as condições colocadas implicam, analisados à luz do paradigma relacional, se colocou como o desafio proposto. Seu alicerce será baseado em alguns conceitos como valor, acontecimento e experiência, que certamente se desdobrarão e nortearão os grandes temas inerentes a presente investigação: Patrimônio Cultural e Comunicação Social.

A inclinação à preferência no emissor e produto comunicativo como objetos de estudo baseada em hipóteses de manipulação enfraqueceu perceptivelmente. Mas apesar da abertura no campo epistêmico para pensar a estrutura comunicacional sob novo ângulo, existe a necessidade de impor um novo olhar para tratar as problemáticas em Comunicação. Diante dessa questão serão empreendidos esforços para estudar a disciplina partindo do ponto de vista interacional. Dessa forma, o primeiro ponto que se impõe esclarecer diz respeito ao leque diversificado do legado teórico que baliza a investigação. Para dar conta da complexidade e globalidade do fenômeno comunicacional de natureza interacional, serão levados em conta alguns autores considerados fundadores de sua matriz teórica e que de alguma maneira dialogam entre si e com os conceitos.

Nesse sentido, a dinâmica do acontecimento apontada por Queré articulada à concepção da experiência indicada por Dewey será valiosíssima para desencadear o entendimento delineado na pesquisa. Entretanto, ocasionalmente pontos de vista oportunos serão abordados a fim de clarificar, refletir e compreender a perspectiva da problemática sugerida. Dar conta do recorte proposto convoca apontamentos de outros tantos autores que sustentam com pertinência a temática adotada neste trabalho.

Para Bateson, a globalidade do processo comunicativo é um conjunto de diversas intervenções desencadeadas que resultam em contribuições. Por meio de seu aporte poderão ser pensadas as relações interpessoais como o processo de receber mensagens, interpretá-las e retorná-las. A interação social cotidiana enquanto unidade de análise pode ser amparada na ideia de mundo, segundo Goffman. Para ele, cada um, individualmente ou em grupo, é ator consoante às circunstâncias em que se encontra, marcada por rituais e posições distintivas relativamente a outros indivíduos ou grupos. À luz do estudo da interação humana de Goffman, que introduz o conceito de *footing*,² serão posicionados os atores no enquadramento. Análise das diferentes percepções e das escolhas representadas quando se apreende papéis no processo de socialização também podem ser apoiadas nos seus estudos. A percepção, segundo abordagem e conceitos de

² Alinhamento, postura, posição e projeção do 'eu' de um participante na sua relação com o outro, consigo mesmo e com o discurso em construção.

Schutz, como realidades múltiplas, tipificação e sistema de relevância servirá para promover a leitura da realidade a partir da experiência dos sujeitos envolvidos. Vale mencionar o amparo encontrado nos Estudos Culturais, quando se posiciona criticamente através do pensamento como um exercício permanente. Por meio de suas características ambivalentes, o pensador Walter Benjamin nos instrui a perceber que desenvolvimento é importante sem deixar de lado o questionamento, quando traz na riqueza de sua obra a crítica aliada às possibilidades.

Sob esse repertório e apoiando-se na abordagem praxiológica de Louis Quéré, será feita a tentativa de aplicação dos conceitos e elementos tratados. Interpenetrá-los de forma a perceber melhor o contexto para a significação final, através do olhar global da comunicação. Enfim, é possível perceber a intervenção dos indivíduos no mundo enquanto fenômeno prático e de ação, que por sua vez interagem com o ambiente em que vivem a partir de um esquema constitutivo?

2.2 Procedimentos de Investigação

Após a etapa caracterizada por Quivy como *ruptura*, os mecanismos metodológicos foram adequados ao dinamismo e especificidade da problemática e suas implicações. Segundo França e Oliveira (2012, p. 13) a orientação calcada nas teorias pragmatistas propõe uma análise procedimental do público através do processo de organização de sua experiência e da condução de investigações controladas. Assim, já em posse dos temas que seriam trabalhados e diante de quais conceitos seriam abordados, optamos por explorá-los a partir de uma situação concreta, que ao mesmo tempo concedia um suporte empírico e ia de encontro a nossa perspectiva da experiência cotidiana.

Partindo do já selecionado acontecimento Projeto de Revitalização do Largo do Ó, verificado nas pesquisas exploratórias, o ponto mais urgente foi perceber quem eram os interlocutores indispensáveis de levar em conta. Dada a proximidade e facilidade de acesso, a maneira entendida mais adequada para alcançar esse objetivo foi o envolvimento com o acontecimento e o contato direto da pesquisadora com o bem simbólico em questão. Foi traçado um Guia de Entrevista (ver ANEXOS) com alguns itens básicos que, como de fato incidiu, permitiria liberdade suficiente para que os próprios

colaboradores “dessem pistas” de quem seriam os atores envolvidos naquela situação. No momento da pesquisa em que foram instaurados em definitivo os participantes relevantes, começou-se a pensar na sistematização para o levantamento, recolha e posterior análise dos dados.

Interessante mencionar que nesse ponto o percurso sofreu modificações. A proposta inicial era analisar a “comunidade” e a “mídia”. No entanto, durante a pesquisa exploratória e convivência estabelecida no trabalho de campo, identificamos que a “comunidade” estava subdividida e não havia como desconsiderar o efeito de tal separação. O olhar deveria acompanhar essa configuração social e ser direcionado às peculiaridades das partes, e não ao todo. Além disso, a última categoria, denominada Colaboradores, foi inserida posteriormente as outras, quando se verificou que consistia em um elemento importante na situação analisada, e que foi percebido através da indicação implícita na fala dos atores que compunham outros grupos.

Como forma de melhor organizar a investigação, os interlocutores foram distribuídos em quatro categorias que serão exploradas em capítulo oportuno. Por ora basta apenas mencionar como foram denominadas:

1. Mídia;
2. Habitantes;
3. Visitantes;
4. Colaboradores.

Cada grupo exigiu maneiras diferentes e próprias às suas características na captação de dados, reivindicando uma dinâmica heurística ao problema. O discurso dos meios de comunicação foi levantado e recolhido a partir de publicações da mídia que se referiam ao acontecimento tratado. Nas outras três categorias, levamos em conta a experiência anterior com o Guia de Entrevista e optamos por pequenos ajustes. Percebendo as particularidades de cada indivíduo no que diz respeito às formalidades pré-determinadas, notamos que cada situação exigiria abordagens adaptadas para deixar o colaborador o mais à vontade possível. Dessa forma, entendemos que eram eles quem “ditavam as regras” para que a transmissão de informações fluísse naturalmente e de modo com que os dados coletados fossem suficientemente autênticos e adequados ao propósito da pesquisa. Assim, o uso do gravador, do Guia e Fichas para Entrevista, do Roteiro de

Abertura e Autorização de Uso de Depoimento (ver ANEXOS) só foram utilizados quando concedidos direta ou indiretamente pelos entrevistados. Caso contrário, foram estabelecidos através do contato rotineiro, diálogos informais, entrevistas de caráter aberto e flexível e observação assistemática como forma de incorporar o imprevisível como esclarecedor. Mais precisamente, a História Oral forneceu os subsídios necessários para reconstruir o passado recente, pois segundo Freitas (2006, p.26), “o contemporâneo é também história.” A autora defende que este método de pesquisa utiliza a técnica da entrevista dentre outros procedimentos para registrar narrativas da experiência humana e cria fontes históricas.

Os entrevistados foram escolhidos aleatoriamente com a intenção de abarcar a diversidade do perfil dos sujeitos sociais. Desta forma, foram entrevistados homens e mulheres de diferentes idades, origens, classes sociais, com diferentes ocupações e locais de habitação, formando grupos heterogêneos com características que se sobrepunham.

As entrevistas foram realizadas com a consciência da complexidade dos estudos dessa natureza, mas com a preocupação em incorporar às entrevistas e análises sobre representação como parte da tentativa de aprofundar e discutir métodos que ampliassem o olhar da pesquisadora, sobretudo no que diz respeito ao patrimônio cultural. Essa busca partiu do pressuposto de que pessoas de diferentes status teriam relações e percepções diferenciadas em relação a um projeto que visa a recuperação do patrimônio. Freitas (2006, p.27) já aponta o método da História Oral como oportunidade de recuperar testemunhos relegados ao permitir a “documentação de pontos de vista diferentes ou opostos sobre o mesmo fato, os quais, omitidos ou desprezados pelo discurso do poder, estariam condenados ao esquecimento”. As perguntas foram feitas com o objetivo de trazer aos poucos a temática do Projeto de Revitalização do Largo do Ó, buscando descobrir as narrativas e representações mais frequentes do acontecimento voltado a um importante bem simbólico de Sabará.

Além disso, a entrevista tentou realizar um exercício com o entrevistado sobre suas expectativas do acontecimento em relação ao futuro, na espera de encontrar um posicionamento sobre transformações no Largo do Ó e seus interlocutores. Essencialmente, a entrevista tentou captar os diferentes discursos em relação ao

acontecimento relacionado ao patrimônio cultural e ao mesmo tempo ambiente usufruído, ou seja, tentou captar a subjetividade das respostas identificando narrativas que apontassem valores autênticos. As entrevistas iniciaram sem um número predeterminado para sua conclusão, esperando que, como de fato aconteceu, a repetição de falas mostrasse o “ponto de saturação”, de onde se apreende que, após esse estágio, a continuidade das entrevistas não representaria mudanças significativas e não alteraria o curso de análise. Todas as entrevistas ocorreram no segundo semestre de 2012, perfazendo aproximadamente 25 entrevistas com duração entre 10 minutos e 1 hora e meia cada (duração média de 30 minutos).

A impossibilidade de registrar o número exato das pessoas que contribuíram para a entrevista se deve ao fato de que, em certo momento, percebemos a dificuldade e constrangimento dos colaboradores diante dos aparelhos eletrônicos para gravar. Mesmo havendo a autorização por parte deles e liberdade para não permitir, observamos que sem essa formalidade o diálogo transcorria com mais naturalidade. Em determinados momentos notou-se também, o que serviu de incentivo ao abandono da gravação de algumas entrevistas, a tendência em fornecer “falas prontas” ou que satisfizesse o entrevistador. Importante colocar ainda, que na maioria das entrevistas, agendadas ou não, outras pessoas acabavam intervindo com opiniões e passavam a participar do procedimento. Algumas vezes, aconteceu do entrevistado principal sair, deixando que espontaneamente a conversa fosse conduzida por outras pessoas, como parentes ou vizinhos.

A essência de toda a investigação é qualitativa e sua análise foi baseada nos dados anteriormente compilados e que tratavam do nosso referencial empírico. Para o desenvolvimento dessa etapa considerou-se que a diferenciação dos grupos imprimia entendimentos divergentes. Como indica França (2012, p. 41) a abordagem enquanto narração do fato se caracteriza por tomar o acontecimento enquanto forma discursiva onde o mesmo se resulta na transformação sofrida pelas ocorrências quando traduzidas discursivamente. Portanto, procuramos descrever e categorizar o acontecimento em questão, narrativizando através de um pano de fundo, possíveis implicações e desdobramentos envolvendo os interlocutores assim como ambiente de sua vivência.

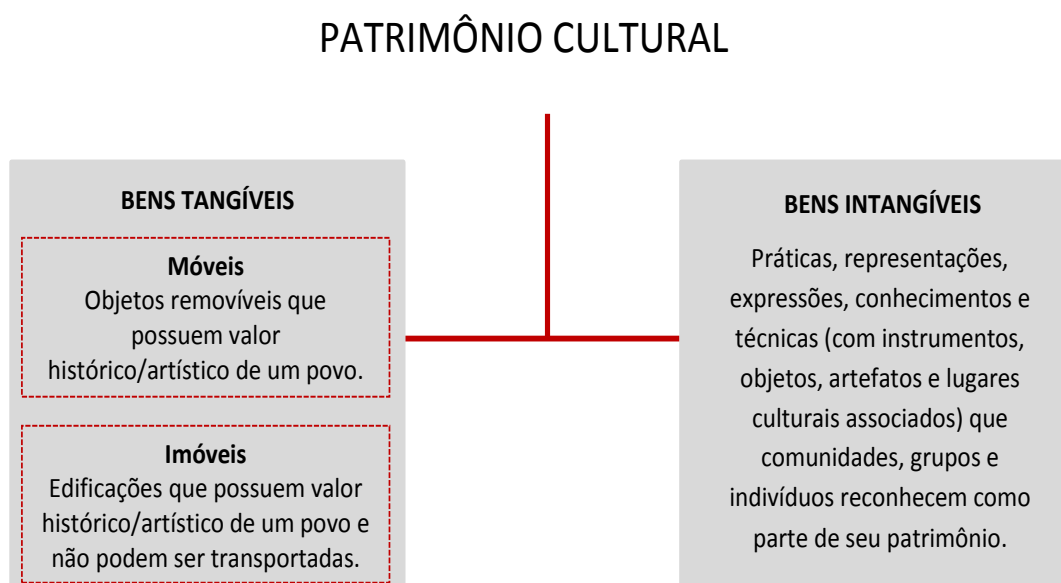
Cada entrevistado trouxe pontos em comum e outros divergentes em relação aos demais, que serão considerados no cruzamento entre as informações obtidas na pesquisa bibliográfica e análise do acontecimento. Mais do que identificar os discursos que se sobrepõem, esta pesquisa buscou ponderar os valores que estão presentes na representação da identificação e apropriação do patrimônio cultural como ambiente que vai além de um espaço construído. Ele é considerado um “documento monumento” (LE GOFF, 1996), lugar de trocas, convivência e diversos sentidos. A partir da leitura da experiência de um acontecimento que envolve parte desse tecido urbano e social, afetando e interferindo no cotidiano dos sujeitos envolvidos, será problematizado seu movimento de ruptura como forma de provocar mudanças no cenário.

3. O PATRIMÔNIO CULTURAL E SEU VALOR NA PÓS-MODERNIDADE

3.1 Definições

A união de dados históricos, arquitetônicos, ambientais, paleontológicos, arqueológicos e científicos para os quais se reconhecem valores que identificam e perpetuam a memória, referenciais do modo de vida e identidade social, são elementos de um conjunto que forma o Patrimônio Cultural. No seu âmbito estão inseridos os bens tangíveis e intangíveis, entendidos como bens culturais e que podem ser estruturados da seguinte forma:

FIGURA 2
Divisões do Patrimônio Cultural



Fonte: A autora.

Considerando os bens tangíveis através do conceito adotado pelo órgão federal responsável pela preservação dos bens culturais, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), temos:

[...] um conjunto de bens culturais classificados segundo sua natureza nos quatro Livros do Tombo: arqueológico, paisagístico e etnográfico; histórico; belas artes; e das artes aplicadas. Eles estão divididos em bens imóveis como os núcleos urbanos, sítios arqueológicos e paisagísticos e bens individuais; e móveis como coleções arqueológicas, acervos museológicos,

documentais, bibliográficos, arquivísticos, videográficos, fotográficos e cinematográficos (IPHAN, 2011).

O termo “Livros do Tombo” se refere a um “bem tombado”. Este por sua vez indica um objeto com interesse de preservação, podendo ser móvel (quadros, peças de mobiliário, vasos antigos, etc. Enfim, algo que possa ser deslocado, transferido) ou imóvel (casas, igrejas, museus, edifícios, etc.). Ao tombar um bem, seu valor cultural é reconhecido e transformado em patrimônio oficial com regime jurídico especial de propriedade, que leva em conta sua função social. Além disso, coloca sob tutela pública bens móveis e imóveis, públicos ou privados que, por suas características se integram ao patrimônio cultural de uma localidade. Através do tombamento é concedido um atributo para que o bem cultural garanta a integridade de sua memória. Para ser tombado, o bem em questão deve fazer parte do patrimônio material e para se justificar, o processo deve seguir metodologia básica de pesquisa e análise do bem cultural a ser protegido, contendo informações necessárias à identificação, conhecimento, localização e valorização do bem no seu contexto.

Mas com a ampliação do campo de abrangência do chamado patrimônio, “instrumentos como o tombamento (...) passam agora a expor, de uma maneira cruel, suas limitações e têm, a nosso ver, que ser revistos à luz de novos condicionantes e critérios” (CASTRIOTA, 2009, p.86). Nesse sentido, os domínios intangíveis passam a ser considerados como parte do panorama onde o patrimônio imaterial é um elemento capaz de destacar, preservar e oferecer subsídios para compreender a identidade de cada comunidade, impulsionando uma cultura compartilhada e experiências vividas entre pessoas. De acordo com a UNESCO, o Patrimônio Cultural Intangível ou Imaterial compreende as expressões de vida e tradições que comunidades, grupos e indivíduos em todas as partes do mundo recebem de seus ancestrais e passam seus conhecimentos a seus descendentes (UNESCO, 2011).

Nesse caso, a ferramenta utilizada para dar proteção aos chamados bens intangíveis é o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial. Instituído em 4 de Agosto de 2000, o Decreto nº 3.551 define um programa especial que rege um processo de reconhecimento e compromissos do Estado com esse componente do patrimônio cultural. Incluído de acordo com as categorias (Saberes, Formas de Expressão, Celebrações ou Lugares) estabelecidas, esses bens constituem o Livro de Registro. Para o IPHAN o registro:

[...] corresponde à identificação e à produção de conhecimento sobre o bem cultural. Isso significa documentar, pelos meios técnicos mais adequados, o Patrimônio Imaterial no Brasil: legislação e políticas estaduais, passado e o presente da manifestação e suas diferentes versões, tornando essas informações amplamente acessíveis ao público – mediante a utilização dos recursos proporcionados pelas novas tecnologias de informação. (IPHAN, 2006b, p. 22).

Os bens que formam o patrimônio cultural são modos específicos de criar e fazer tradição na arquitetura, literatura, música, expressões, linguagem e costumes que diferem um povo de outro, unindo ou separando-os. Inclui a herança e os bens produzidos pelos segmentos hegemônicos em cada tempo histórico.

3.2 Evolução e sentido

Preservar a memória de fatos, personagens ou manifestações, por meio de construções que as comemoram, narram ou representam, é uma prática que diz respeito a todas as sociedades humanas, e se apresenta em cada uma delas nas mais variadas formas, que vão de acordo com seus valores. No campo do patrimônio edificado, a destruição, por exemplo, tem um contexto que projeta seu significado à inspiração na vontade de destruir, ou ao contrário, para escapar a ação do tempo e/ou se aperfeiçoar. Qual seja a modalidade, o que está sempre em jogo é a cultura, que vai decidir a maneira de agir ou não, além de ter sua forma típica de perceber fatos, inclusive os voltados ao patrimônio.

Na França, o início da preocupação com os monumentos históricos pode ser situado em 1837, quando os remanescentes da Antiguidade, edifícios religiosos da Idade Média e castelos, passaram a ser estudados pela primeira Comissão dos Monumentos Históricos (CHOAY, 2001, p.180). Porém, a política internacional de preservação, que se propôs a unificar conceitos e critérios comuns na defesa do patrimônio, só aconteceu no Congresso Internacional de Arquitetos e Técnicos de Monumentos Históricos que teve lugar em Atenas, na Grécia, em 1931, e que resultou na Carta de Atenas, um documento que marca a definição de diretrizes para questão do patrimônio.

Choay elucida que o conceito de domínio patrimonial contemporâneo é mais amplo que uma simples limitação aos edifícios individuais; “ele agora compreende os aglomerados

de edificações e a malha urbana: aglomerados de casas e bairros, aldeias, cidades inteiras e mesmo conjunto de cidades, como mostra “a lista” do Patrimônio Mundial estabelecida pela UNESCO” (CHOAY, 2001, p.12-13). Mas apesar da citada abertura na mentalidade, em alguns momentos houve percalços, e a inflação patrimonial, por exemplo, foi combatida e denunciada em muitos lugares por motivos como o efeito negativo do turismo, manutenção, inadequação no uso e paralisação de projetos de organização do espaço urbano e uma dialética sobre a destruição (CHOAY, 2001, p.15).

Nesse sentido, torna-se importante discutir a questão dos valores e como eles se posicionam a respeito do Patrimônio Cultural nos dias de hoje. Essa reflexão ajuda a compreender de forma lúcida o que Bateson e Goffman denominam “quadros de sentido” e como se articulam os discursos a seu respeito. Conforme Charaudeau (2012) o que garante a troca linguageira que se realiza num quadro de cointencionalidade, são as restrições da situação de comunicação. Ou seja, existe “uma espécie de acordo prévio sobre os dados desse quadro de referência” (CHARARDEAU, 2012, p. 68). E é exatamente o reconhecimento de tais condições que nos propomos a realizar para assegurar que as análises e incidências do acontecimento concernentes ao patrimônio cultural atual se efetuem sob um “pano de fundo” coerente.

Valores são referências culturais socialmente reconhecidas, que direcionam os sujeitos na vida habitual, sobre como devem proceder. Os valores mudam e manifestam conforme o que cada sociedade impõe como correto e ao mesmo tempo regem suas relações. Sua materialidade está atrelada às práticas sociais e narrativas produzidas, que por sua vez exprimem modelos de comportamento. Estes podem ser prezados ou proscritos e acionam a identificação ou repulsa dos sujeitos. Tais “diretrizes abstratas” possuem uma íntima ligação com as normas, que podem ser consideradas como seu desdobramento. Para Mead (2006), nas ações cotidianas, as referências *normas* e *valores* se deixam perceber em interações que acontecem por meio de uma linguagem partilhada. Beatriz Bretas (2012, p.68) acredita que a configuração das interações sociais é alterada a partir da agitação do cotidiano padronizado, e nessa turbulência é que o sujeito reflete para se expressar a fim de compreender o que ocorre. E nessa variedade de manifestações estão os valores referentes às identidades, constituídos dentre outras formas, como discursos.

Conceitos, crenças e saberes partilhados na vivência, acabam por ser frequentemente reelaborados em função de reorganizações exigidas pela sociedade. Essa dinâmica acaba reformulando e atualizando valores preexistentes, resultando na modificação das “bases comuns”. Nas palavras de Charaudeau (2012) as regularidades comportamentais dos indivíduos no campo de uma prática social determinada permanecem constantes e estáveis por períodos determinados. Além disso, “são confirmadas por discursos de representação que lhes atribuem valores”, definindo o quadro em que os atos de linguagem farão sentido (CHARAUDEAU, 2012, p. 68). Maffesoli (1996) confirma esse ponto de vista ao atrelar as *ideias obsedantes* a cada época. Para o autor elas são encontradas de diversos modos e em todas as expressões societais, exemplificando com a questão da vida moral, que permeia transversalmente todas as civilizações. Algumas vezes ela toma a forma rígida, dominante, que privilegia a *lógica do dever-ser*. Outras, “ao contrário, vai valorizar o sensível, a comunicação, a emoção coletiva, e será então mais relativa, completamente dependente dos grupos (ou tribos) que estrutura enquanto tais...” (MAFFESOLI, 1996, p. 25). Ele indica que não há códigos específicos, mas sim uma dinâmica sempre renovada e plural que exprime o politeísmo dos valores nas diversas situações sociais.

Nota-se, portanto, que valores são efêmeros e acompanham o *mundo da vida*, caracterizado por Habermas (2012) como a reprodução simbólica da linguagem e das redes de significados que compõem uma visão de mundo, sejam eles fatos objetivos, normas sociais ou conteúdos subjetivos. No âmbito do patrimônio cultural não é diferente. Sua acepção acompanha a centralidade contextual de cada época. Uma breve evolução já foi anteriormente colocada, por isso não vamos explorar seu significado nos diferentes tempos históricos. Interessa-nos aqui, situar através de alguns autores que tratam do tema, a visão do patrimônio adotada no presente, ao qual chamaremos *pós-modernidade*. Assim como a *modernidade*, esse termo também não é unívoco. Mas não nos ocuparemos dos seus estatutos conceituais, compartilhando no presente trabalho, a perspectiva adotada por Maffesoli (1996). Para ele, o “conjunto das categorias e das sensibilidades alternativas às que prevalecem durante a modernidade” é tomada de modo cômodo para posicionar “o momento precário que se situa entre o fim de um mundo e o

nascimento de um outro”. Enfim, um *modus operandi* apto a animar as diversas agregações que compõem a sociedade (MAFFESOLI, 1996, p. 26).

Dada a transitoriedade abordada na significação dos bens simbólicos, Carlos Lemos atenta que “ultimamente, os jornais, as revistas e a própria televisão estão a dar ênfase a um assunto até a pouco sem interesse maior ao povo [...] que é o chamado Patrimônio Cultural” (LEMOS, 2010, p. 7). Para este autor, o Patrimônio Cultural sofre constantes alterações, sem critérios e interesses permanentes e abrangentes voltados à preservação sob qualquer ótica. Mais especificamente no caso do Brasil, ele associa uma visão mais abrangente às entidades comandadas pelo *designer* Aloísio Magalhães, que atuaram pioneiramente após a década de 1970, e cujos traços remetiam ao antecipado projeto de 1936, do escritor paulista Mário de Andrade. O projeto era inovador e agrupava um vasto elenco patrimonial tornando-se lei no ano seguinte, quando também foi instituída a campanha do jornalista Paulo Duarte, veiculada no jornal *O Estado de S. Paulo*, denominada “Contra o Vandalismo e o Extermínio”. Na ocasião foi exposto o estado *lastimável* e *criminoso* do que *restava* do Patrimônio Cultural (LEMOS, 2010, p. 39 – grifos nossos). As características mencionadas tentam confirmar a apontada recente preocupação com o patrimônio, que até então se encontrava em condições lamentáveis devido a crimes de depredação e destruição. Da mesma maneira, propõe através da denúncia (que prevê apoio à recuperação do que ainda permaneceu) finalmente a percepção da verdadeira importância do patrimônio.

Françoise Choay (2001, p.14) comenta que no século XX, a noção de monumento e práticas de conservação extravasou o limite europeu, onde por muito tempo ficaram circunscritas e tiveram origem. No caso do Brasil, o primeiro órgão de proteção do patrimônio foi criado em 1937. O Serviço de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – SPHAN – instituto que precedeu o atual Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN marca oficialmente o início da valorização da arquitetura tradicional brasileira com ênfase aos aspectos históricos e artísticos. Mas a primeira notícia que se tem de iniciativas que visavam à proteção de monumentos históricos já data de meados do século XVIII (BRASIL, 1980).

Lemos (2010) usa termos como *ação isolada* e *interesseira* que se desdobram em um histórico do comportamento dos técnicos de conservação a partir do século XIX. Percorrendo a trajetória através de métodos usados por grandes nomes da restauração, como Viollet-Le-Duc, ou documentos marcantes como a Carta de Atenas, Carta de Veneza e os grandes eventos nas quais elas foram elaboradas, Carlos Lemos conduz aos poucos seu discurso para o valor social da preservação e conservação. Fica implícito a todo momento, que o anterior descaso foi gradativamente substituído por uma efetiva preocupação, que remete aos valores atuais. Não são questionados o contexto nem as causas dessas presumíveis “atrocidades” ao patrimônio cultural. Apenas instaura-se o caráter de que “a forma única e correta” é a atual representação simbólica suscitada pelos bens culturais. Mas como foi colocado anteriormente, é natural a cada tempo e civilização tomar por certo normas e valores constituídos ao seu tempo.

Gonçalves (1996, p. 11-12) interpreta o discurso do patrimônio cultural do Brasil como “narrativas nacionais”, cujas consequências atingem os receptores dessas definições e o modo como grupos sociais consideram sua “nação”. Ele sugere que “culturas” e “tradições” são produtos de ações humanas sócio-culturalmente situadas. Usando a noção de “objetificação cultural” para se referir a materialização imaginativa de realidades em termos de discurso, o autor coloca que “o presente é narrado como uma situação de perda progressiva” ao mesmo tempo em que são legitimadas e estruturadas práticas preservacionistas do patrimônio cultural (GONÇALVES, 1996, p. 22-23). Mas esse discurso que se opõe a destruição é o mesmo que o produz com o propósito de servir como sinais das categorias que venham a representar, porém de modo recodificado. Da ambivalência que fragmenta e integra, Gonçalves coloca que esses discursos são alimentados um pelo outro, através de um processo análogo ao cunhado por Bateson de “cismogênese” (1972). Esse esquema acarreta em um interminável trabalho de resgate de fragmentos com o objetivo de restabelecer a situação originária, pois ao mesmo tempo em que se produz, o patrimônio é destruído e dispersado. Para ele “embora haja um lamento constante em relação a esse processo de fragmentação e perda, ele, na verdade não é apenas um fato exterior ao discurso, mas algo que coexiste com o esforço de preservação tal como aparece nos discursos sobre patrimônio cultural” (GONÇALVES, 1996, p. 23).

José Reginaldo Gonçalves (1996, p. 34) aponta que o discurso do patrimônio cultural coloca a “perda” como um item externo a narrativa, que cria a ilusão de coerência e integridade. Projetada para fora, a fragmentação representa violência, que na perspectiva do autor é o efeito de diferenças que são pré-condições existentes no interior das culturas. As narrativas do patrimônio cultural para ele são articuladas na oposição de transitoriedade e permanência movidas em busca de autenticidade e redenção, onde as políticas são “*performances* alegóricas dramatizando a busca de uma identidade em perigo”.

As marcas desse autor deixam entrever uma crítica elaborada sobre a construção da narrativa voltada ao patrimônio. Trata-se de uma análise e reflexão aprofundada a partir das estratégias narrativas de dois intelectuais caros ao campo do Patrimônio Cultural brasileiro: Rodrigo Melo Franco de Andrade e o já citado Aloísio Magalhães. Segundo Gonçalves, cada um deles objetifica e inventa a sua maneira o patrimônio cultural. Porém, sem discordar que o discurso é arquitetado diante de interesses espaços-temporais que escapam de uma classificação fechada.

Mas será que nesse entrecruzamento de valores que formam as sociedades pré-modernas não há também uma “pitada” de exacerbação de um caráter estético, modista? “Em nossa sociedade errante, constantemente transformada pela mobilidade e ubiquidade de seu presente, “patrimônio histórico” tornou-se uma das palavras-chave da tribo midiática” (CHOAY, 2001, p.11). Para a autora, a expressão que indica bens destinados ao usufruto da comunidade ampliada a dimensões planetárias que congrega seu passado comum através da diversidade de objetos continuamente acumulados, remete a uma instituição e a uma mentalidade ao mesmo tempo. Babo-Lança (2012, p. 63) considera que “sob a febre arquivística e museológica (bibliotecas, museus, patrimônio arquitetônico, depósitos de marcas materiais, arquivo digital, coleções, stocks, bancos de dados), a relação com o passado, com a memória e com a história altera-se”. Ela coloca que por um lado assistimos à hiperindustrialização da memória e por outro o presente torna-se passado imediatamente.

E como um discurso homogêneo daria conta da diversidade e complexidade de experiências? Ideologias que agem destituindo o sentido e natureza originais do

patrimônio como alternativa de promoção e mercadoria colocam os bens em risco? Nesse enquadramento da narrativa contemporânea sobre o patrimônio, muitos atores sociais não foram deixados de fora? Ou seria ela uma parte do todo que abarca as necessidades coletivas? Assim como uma infinidade de respostas, perguntas também são formuladas na mesma proporção. Essa discussão pode estar apenas no início, mas basta reter aqui que a nação pré-moderna é impregnada de pluralismos, que conforme Maffesoli (1996, p. 85), há uma interação e correspondência entre o homem e a sociedade que repercutem em uma consciência da vida. Não há uma distinção entre sentidos nobres ou não, mas sim o conjunto de sensações que produzem emoções.

Choay (2001, p.17) complementa essa linha de raciocínio quando considera que apesar de grandes obras e monumentos datarem de outros séculos, todas as questões levantadas em relação ao patrimônio são ainda muito atuais, tendo em vista a dificuldade em articular a diversidade estilística, política, social e econômica. Mas que apesar desse empecilho há possibilidade de um consenso a favor de valores científicos, estéticos, memoriais, sociais e urbanos.

Ao se questionar por que os promotores da modernidade, que anunciam a superação do antigo e tradicional se sentem cada vez mais atraídos pelas referências do passado, Canclini (2000, p. 51) coloca que “será preciso explorar as necessidades *culturais* de conferir um significado mais denso ao presente e as necessidades *políticas* de legitimar a hegemonia atual mediante o prestígio do patrimônio.” Para ele “os discursos com que uns e outros julgam as transformações [...] nem sempre coincidem com as adaptações ou resistências perceptíveis em suas práticas” (CANCLINI, 2000, p. 99)

Portanto, apesar de divergências, lacunas em aberto e muitos pontos ainda a esclarecer, existe um consenso entre vários autores. No que diz respeito à importância da preservação e que esta se vincula diretamente a memória e identidade dos grupos sociais, o tom é mais otimista para a busca e proposição de soluções eficazes. As falhas existem, são apontadas e duramente criticadas, mas o foco atual está também voltado para a tentativa de romper com paradigmas que não atendem os anseios mais recentes, e compreender o enredo das relações sociais, físicas e biológicas. Percebe-se que o discurso sobre patrimônio alcançou mais uma fronteira, e para superá-la quer se desvestir

de alguns valores e se apropriar de outros em uma mudança de postura mais condizente com o período em que vivemos.

3.3 Interdependência entre bens Materiais e Imateriais

A partir da abordagem anterior, nota-se a amplitude da definição de patrimônio e verifica-se a importância de frisar que o bem material não há de ser analisado sem levar o imaterial em conta ou vice versa. Afinal, todos estão impregnados de significados, já que através deles existem formas de estabelecer um elo entre o passado e o presente, corroborar identidades, resgatar a história e fortalecer a memória.

Além disso, a reflexão proposta aqui pretende também embasar a análise do acontecimento que envolve nosso referencial empírico, o Largo e a Capela do Ó. Esta última, apesar de ser uma edificação tombada não possui representatividade se não considerarmos a relação que ela tem com a sociedade e o entorno, assim como o conjunto de práticas articuladas por meio das experiências cotidianas. Como aponta o arquiteto-urbanista Leonardo Castriota (2009, p. 89), não há que se pensar apenas na edificação, no monumento isolado, mas, antes de mais nada, perceber as relações que os bens culturais apresentam entre si e como o meio ambiente urbano é fruto dessas relações. O autor elucida que na questão patrimonial em sua extensão contemporânea não interessa apenas o valor arquitetônico, histórico ou estético, mas sim, pensar a articulação entre os elementos como um todo. Ou seja, preservar o equilíbrio da paisagem do ambiente urbano inter-relacionado com a linguagem, os usos, o perfil histórico e a própria paisagem natural que se trata de qualidade de vida e possibilidades de desenvolvimento do homem (CASTRIOTA, 2009, p.89).

Uma gama de conceitos envolve o patrimônio cultural e todos eles são costurados de forma única através de uma dada época, lugar, comunidade e seus valores, que por sua vez criam laços de identidade conforme as particularidades do contexto. A necessidade de aproximar o material do imaterial acontece no momento em que se compreende que ambas as categorias estão intrinsecamente ligadas pelo valor e expressão, assim como pelo ambiente fisicamente construído, que serve como um habitat próprio para sua manifestação. Lendas, cantigas, rezas, festas e rituais, assim como os lugares onde

esses eventos são realizados, são fragmentos de acontecimentos experienciados por grupos que se transformam em bens simbólicos e ancoram o patrimônio cultural.

Todos os rituais e modos de fazer instituídos como categorias especiais de expressão, estão vinculados a um espaço que propicia a evolução de tal costume. Arendt (2007, p. 17) acredita que a objetividade do mundo complementa-se à condição humana, onde as coisas seriam um amontoado de artigos incoerentes sem a existência humana, que acaba sendo condicionada pelos artigos. O contrário seria como desvincular forma e conteúdo. Portanto, o bem construído é a locação para uma dada manifestação, e a valorização só pode acontecer de forma única, que impossibilita separá-las. Como se uma dependesse da outra para existir e/ou acontecer, tornando suas formas híbridas. Ainda nesta acepção Arendt (2007, p. 31) propõe que o ambiente das atividades humanas é constituído por coisas e homens que só fazem sentido em uma dada localização. E esse mundo em que vivemos não existiria sem a atividade humana, sem as coisas fabricadas e a organização.

É preciso reconhecer a importância do valor intangível do patrimônio, as ligações com a história local que um bem representa, assim como o valor da educação e o papel simbólico para a comunidade. Os valores sociais, culturais e ambientais são fundamentais para a preservação do ambiente construído, mas não podem ser dissociados (THROSBY, 2001, p.4). Esses valores podem servir para que a comunidade se aproxime das ações voltadas para a conservação dos bens locais. Engessar a patrimonialização das culturas colocaria em riscos os valores contemporâneos e a continuidade positiva dos mesmos. Tombamentos e registros devem ser consideradas ações que intervêm na manutenção de relações vividas por grupos e sociedades, mas que para se concretizar de maneira eficaz precisam ser pensadas em conjunto. A ação de preservação que considera anseios e expectativas para além de uma simples separação hierárquica, tende a fortalecer identidades, que por sua vez afastam o esquecimento e sentimento de pertença.

A mudança de valores que altera o foco rígido de sentir e perceber o patrimônio cultural são características relevantes quando se fala em hedonismo como uma propriedade transversal. Maffesoli (1996, p.52) propõe uma *lógica do estar-junto* centrada no cotidiano e que rompe com “uma certa falência dos grandes sistemas explicativos que regeram a modernidade”. Induzindo a “uma outra maneira de compreender a vida em sociedade”

que vai de encontro ao relativismo que envolve o pluralismo inerente a ideia de patrimônio cultural na pós modernidade. Um dos aspectos que rege seu pensamento é a saturação de uma dominação na vida social que cede lugar a outra postura. Mais precisamente direcionado a um paradigma estético, ele remete a um processo de extravasão generalizada os domínios da arquitetura e das relações com o ambiente social e natural. Maffesoli considera que o paradigma estético é o ângulo de ataque que permite justificar ações, sentimentos e ambientes específicos do tempo pós-moderno.

Estamos diante de outra configuração espaço-temporal, onde a proxêmica se reassume em um novo entendimento, o qual deve ser pensado em um patamar híbrido. Levando em conta as diferentes formas de comunicação que servirão de suporte para a continuidade dos bens patrimoniais, entende-se que eles sempre foram interdependentes, apesar de só recentemente receber tal ênfase.

Para além de um sentido estático, as relações entre ambiente e suas dinâmicas são campos complexos com diversas possibilidades de interpretação. Canclini (2000, p. 47) reforça dizendo que as tendências pós-modernas acentuam o sentido ritual que reduz a comunicação racional buscando formas subjetivas inéditas para expressar emoções em busca da manifestação original de cada sujeito. Diferente da lógica cartesiana que produz dicotomias e coloca em lados opostos aquilo que na prática é inseparável, a concepção atual sugere um processo circular e de retroalimentação na geração dos bens materiais e imateriais.

4. AMBIENTE CONSTRUÍDO: LUGAR DE CONVIVÊNCIA SOCIAL

O espaço socialmente produzido considerado um *lugar*, constrói-se dentre outros elementos através da experiência subjetiva que ele proporciona. Como já foi colocado, o ambiente construído possui uma relação de interdependência emblemática formada através da apreensão de símbolos assimilados pela vivência e percepção. Na tentativa de apreender o sentido e definição desse espaço como *não estático*, procuramos a partir de algumas ponderações um elemento que desse conta de atender diferentes campos do saber sem que qualquer um deles corresse o risco de usá-lo sem a devida propriedade. Por isso, sopesaremos o conceito de *lugar* sob algumas abordagens, com o intuito de assimilar coerentemente o termo para a análise das narrativas que envolvem a presente pesquisa.

A Geografia aborda de maneira aprofundada o conceito de lugar. A disciplina o define como espaço humanizado diferenciando-o do espaço natural. Para TUAN (*apud* CASTELLO, 2007), lugar é onde o ser humano encontra segurança e estabilidade, possibilitando a apropriação do espaço. É o espaço com definição e significado. Assim, o autor dá grande importância para a linguagem e a propaganda na formação dos lugares, uma vez que elas são essenciais para que um lugar seja apropriado pelo maior número de pessoas possível.

Segundo Milton Santos (*apud* CARLOS, 2007), há uma dupla questão no debate sobre o lugar. O lugar visto “de fora” a partir de sua redefinição, resultado do acontecer histórico e o lugar visto de “dentro”, o que implicaria a necessidade de redefinir seu sentido. Para o autor, o lugar poderia ser definido a partir da densidade técnica (que tipo de técnica está presente na configuração atual do território), a densidade informacional (que chega ao lugar tecnicamente estabelecido) a ideia da densidade comunicacional (as pessoas interagindo) e, também em função de uma densidade normativa (o papel das normas em cada lugar como definitório). A esta acepção seria preciso acrescentar a dimensão do tempo em cada lugar que poderia ser visto através do evento no presente e no passado.

Há, também, a dimensão da história que entra e se realiza na prática cotidiana, instala-se no plano do vivido e que produz o *conhecido-reconhecido*, ou seja, é no lugar que se desenvolve a vida em todas as suas dimensões. Também significa pensar a história

particular de cada lugar se desenvolvendo, ou melhor, se realizando em função de culturas, tradições, línguas e hábitos que lhe são próprios, construídos ao longo da história e o que vem de fora, isto é, o que se vai construindo e se impondo. A produção espacial realiza-se no plano do cotidiano e aparece nas formas de apropriação, utilização e ocupação de um determinado lugar, num momento específico e, revela-se pelo uso como produto da divisão social e técnica do trabalho que produz uma morfologia espacial fragmentada e hierarquizada. Uma vez que cada sujeito se situa num espaço, o lugar permite pensar o viver, o habitar, o trabalho, o lazer enquanto situações vividas, revelando, no nível do cotidiano, os conflitos do mundo moderno.

Para as Ciências Sociais, a conceituação de lugar vai além da função espacial e física, posto que ele participa como criador de sentidos e significados. Marc Augé (1994) analisa a relação do homem com o espaço, a questão da identidade e da coletividade, designando à noção sociológica de *lugar* a ideia de uma cultura localizada no tempo e no espaço. Para Augé o lugar antropológico se define como identitário, relacional e histórico. Sua primeira característica é o local do nascimento e um tipo de inscrição que compõe a identidade individual. Na segunda definição ele sugere o lugar como referências que marcam a relação do ser com seus próximos e finalmente ele é histórico na medida da vivência dos nativos. Existem, portanto nestas relações um grau de afetividade e pertencimento resultante das vivências. A destinação do espaço vai além da função de delimitação geográfica, através do tempo ela é impregnada de denotação humana.

A Psicologia Ambiental entende que o *lugar* é a unidade da experiência ambiental. É no lugar que se dá a relação do indivíduo e o ambiente que o cerca. As atividades acontecem, ou espera-se que aconteçam, conforme os padrões físicos que caracterizam esse cenário e de acordo com a concepção que as pessoas têm de como as atividades se dão neste local. Ou seja, as configurações do espaço, com suas características e significados – que fazem desse espaço um lugar – têm relação direta com as atividades que acontecem ali, bem como com a forma com que essas atividades acontecem. É o ambiente influenciando diretamente o comportamento dos sujeitos.

Na filosofia, o conceito de *lugar* foi adotado entre os filósofos gregos da antiguidade. Platão já diferenciava o conceito de espaço (*chora*) do conceito de lugar (*topos*). Para ele,

topos “é o lugar estabelecido onde os corpos (*somata*) vêm residir, uma vez que foram agrupados com corpos semelhantes na mesma região” (CASTRIOTA, 2009, p.116). Aristóteles volta sua atenção a *topos*, definindo “o lugar como um ‘contenedor de corpos’, ou mais exatamente, como ‘o primeiro limite imutável daquilo que contém’ (Física IV, 212 a 220-221)” (CASTRIOTA, 2009. p. 117). Segundo o filósofo contemporâneo Edward Casey, o nosso mundo vivido é formado por lugares, e não por um espaço absoluto e infinito. O lugar é existencial, é a nossa interação com onde estamos.

No campo da Arquitetura e do Urbanismo, *lugar* é um conceito bastante discutido, uma vez que ambas as disciplinas se propõem a “projetar” lugares. Para o arquiteto e urbanista Lineu Castello (2007. p.116-117), *lugar* neste campo do saber denota “uma qualificação que se atribui a um espaço através da percepção de suas potencialidades, objetivas e subjetivas para a realização de experiências existenciais”. Ou ainda, que lugar “é uma criação morfológica ambiental, imbuída de significado simbólico para seus usuários”.

Quando se está preservando uma edificação, uma porção da cidade ou uma paisagem natural, na verdade, se está preservando um *lugar*. Pois com base nas definições que apreendemos anteriormente, notamos que em vários campos do conhecimento, o *lugar* é um espaço com características específicas e valores para desfrutar dele. Sendo assim, surge o conceito de *lugares de memória*, pois ao se preservar determinado local, se está buscando resguardar a memória daquele lugar e a importância que essa memória tem para os indivíduos que usufruem daquele local. Uma estratégia adequada para se promover a chamada ‘história pública urbana’ seria certamente explorar não só a ‘memória social’, mas também a ‘memória do lugar’, que aparece assim como uma ideia poderosa para se ligar os campos da preservação do ambiente construído, da história pública e da memória social (CASTRIOTA, 2009. p. 125).

O *lugar* é o lar das tradições e memórias e conforme Tuan (1983, p.3-6), tempo e lugar são componentes básicos do mundo vivido e aos lugares atribuímos valores. Muitos desses valores são definidos pela cultura, que é exclusiva do ser humano. O espaço indiferenciado se transforma em lugar depois que o dotamos de valor. O autor defende que o lugar e o espaço são experimentados, ou seja, vividos.

De acordo com Casey (1987, p.186-187), a “memória do lugar” seria “a persistência estabilizadora do lugar como um contenedor de experiências que contribui tão poderosamente para a sua memorabilidade intrínseca”. A memória se vincula ao lugar, portanto, é orientada e/ou suportada pelo lugar. As pessoas têm capacidade de se conectar com o ambiente construído, então, a “memória do lugar” se configura como a chave para definir um passado comum. Segundo Hayden (1995, p.47), explorar a “memória social” e a “memória do lugar” é uma ideia poderosa que pode servir aos campos da preservação do ambiente construído.

Pode-se dizer que por meio dos modos de uso, o homem habita e se apropria do espaço, transformando-o em lugar. Portanto, *lugar* pode ser compreendido através do conjunto de sentidos impresso pelo uso. O espaço também “tem uma monumentalidade que pode ser entendida como elemento revelador da história de um determinado lugar, (...) é construído em função de um tempo e de uma lógica que impõe comportamentos, modos de uso, o tempo e a duração do uso” (CARLOS, 2007, p.19). E é justamente o envolvimento dos atores com o lugar que pode articular o espaço para promover metas de harmonização social, ambiental e econômica que resultam no equilíbrio sustentável. Sachs (2008) alerta que o crescimento por si só não representa desenvolvimento, se não for levada em consideração a questão social. Deve haver sintonia entre todas as dimensões da sustentabilidade, na qual a social é baseada no imperativo ético entre geração atual e gerações futuras. Esse autor ainda sugere que trabalhar com escalas múltiplas de tempo e espaço acaba por desarrumar o convencional, mas que por outro lado impele a busca por soluções vencedoras que eliminam o “crescimento selvagem obtido ao custo de elevadas externalidades negativas, tanto sociais quanto ambientais” (SACHS, 2008, p.15). Sachs aponta que é o debate societal que vai se desdobrar em um projeto para gerenciar as crises da mudança de paradigma, na qual a relação entre o homem e o lugar exercem destaque na avaliação do desenvolvimento sustentável.

Reunir as narrativas da sociedade para explorar o significado do lugar é um caminho para refletir estratégias de preservação. A necessidade de preservar manifestações produzidas pelo homem, sejam elas materiais ou imateriais, são tomadas na tentativa de fazer permanecer expressões, “ou conduta sedimentada e enraizada à sua própria história, à

história do lugar, contextualizada e naturalmente acomodada em sua expressão, aparecendo como uma manifestação até ordinária do cotidiano” (WEINSTEIN, 2009, p.3).

Observado em diferentes acepções verificou-se inerente ao conceito de “lugar” uma interpretação social e humana atrelada ao viés físico e espacial, fazendo com que sua prolongação reforce a interdependência entre os bens tangíveis e intangíveis. O que se quer enfatizar é que em quaisquer abordagem o foco recai sobre a percepção de que o indivíduo se insere no espaço e através da relação de vários fatores importantes, faz do simples “lugar” um algo mais. Desse modo a análise do *lugar* se revela — em sua simultaneidade e multiplicidade de espaços sociais que se justapõem e interpõem — no cotidiano com suas situações de conflito e que se reproduz, hoje, anunciando a constituição da sociedade urbana. O *lugar* é o mundo do vivido, é onde, se formulam os problemas da produção no sentido amplo, isto é, o modo onde é produzida a existência social dos seres humanos. Assim o *lugar* é posicionado na presente pesquisa como um contendedor de memórias, que foram ali sendo penetradas ao longo do tempo e que transformaram aquele espaço em um ambiente de convivência e relações sociais.

4.1 A memória enquanto suporte

O conceito de memória foi inúmeras vezes mencionado até agora, e não há dúvidas da sua relevância para o tema da nossa pesquisa. Por isso, reservamos um espaço para pensá-lo um pouco mais, a fim de enfatizar como essa esfera é fundamental para a compreensão do patrimônio cultural e a experiência cotidiana dos sujeitos com o mesmo. Inclusive no que tange ao papel da memória como referência às reflexões voltadas ao acontecimento. A proposta é ponderar que não somente o patrimônio cultural serve de apoio para a memória, mas que esta também auxilia a continuidade daquele, em um movimento de mútua contribuição.

O ambiente construído, enquanto bem cultural referente à identidade de indivíduos e grupos, possui essencialmente uma memória. Para preservar o lugar, vivenciado no passado e vivido no presente, é necessário resguardá-la no sentido de contribuir para sua apropriação pela sociedade, além da manutenção dos seus valores culturais. Observada em constante reelaboração, a identidade cultural para se moldar, vale-se dentre outros, do recurso da memória.

Enquanto fenômeno social e coletivo “cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva” (HALBWACHS, 1990, p.51). E enquanto operação coletiva de acontecimentos e interpretações que se quer salvaguardar, a memória é unida na tentativa de definir e reforçar sentimentos de pertencimento e fronteiras sociais entre diferentes tipos de coletividades. Segundo Le Goff (1996) no próprio processo de memória do homem existe uma ordenação e uma releitura dos vestígios. Ao aproximar a esfera das ciências humanas e sociais, Le Goff coloca que Pierre Janet compara a memória ao “comportamento narrativo” que é antes de qualquer coisa função social, pois que é comunicação a outrem de uma informação. Através da observação de Henri Atlan, esse autor ainda indica que a linguagem faz mediação com a memória (LE GOFF, 1996, p.424-425). Dessa forma, a memória tem função essencial na compreensão do mundo e das coisas quando reconhece experiências anteriores. É um fenômeno de percepção, onde os sujeitos são marcados pelas particularidades de sua vivência. Esse passado convocado é segundo Françoise Choay (2001, p.18) contribuinte da manutenção e preservação a identidade de uma comunidade. Ele é localizado e selecionado para fins vitais como uma defesa e dispositivo de segurança.

Apesar da variação da função memorial, a leitura dos símbolos importantes de formação cultural é desempenhada pela memória quando confere o sentido da identidade. O reflexo dos fatos sobre as pessoas é que possibilita a construção do registro de impressões estabelecidas como a verdadeira representação do contexto no qual se está imerso. Pierre Nora (1993) reforça que a memória é carregada por grupos vivos e está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, suscetível de longas latências e de repentinas revitalizações.

A memória emerge de um grupo que ela une. É, por natureza, múltipla e desacelerada, coletiva, plural e individualizada. Se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto. Nesse viés, Carneiro (2006, p. 20) completa que “a memória está diretamente ligada ao patrimônio de um povo, pois gera, a partir da cultura (...) um ponto de referência de sua identidade e as fontes de sua inspiração”. Os elementos materiais e imateriais de uma cultura servem de alicerce para o sentimento de pertencimento a um lugar.

Para Ricoeur (apud Botton, 2012, p. 301) o testemunho é fundamental para a transformação da memória em história, que segundo Isabel Babo-Lança (2012, p. 58) permite sustentar sua dimensão pragmática, onde “este “fazer memória” (*faire mémoire*) inscreve-se numa rede de exploração prática do mundo. A memória procura, age, havendo uma noção de ação aplicada a ela”. Desse modo, para a autora há na memória e história as operações cognitiva e pragmática interligadas. Ela é exercida por narradores em uso profissional que acabam exercendo um poder de seleção.

Em relação ao acontecimento, conceito a ser mais explorado posteriormente, é importante colocar que a memória implica em sua construção e reconstrução, visto que esta é uma manifestação continuamente atualizada do passado. A interpretação do acontecimento por cada um converte-se em uma das maneiras de praticar a memória. Paul Ricoeur (apud Botton, 2012, p. 301) considera que as lembranças fazem com que eventos passados tenham um sentido presente, assim como o futuro, por meio da antecipação ou expectativa. E tanto a memória quanto a expectativa se reúnem no presente como atenção ou expectativa.

Além disso, para socializar a surpresa provocada pelos acontecimentos e evitar a afetação decorrente da ruptura com a continuidade da experiência, a qual Quéré (2005, p.62-63) chama de *descontinuidades*, reconstruímos as condições que permitiram ao acontecimento se produzir através do pensamento. Nós resgatamos a continuidade do momento da ruptura ligando sua ocorrência a um ponto de chegada ou num contexto para que ele se torne coerente e previsível. Gerenciar ou reduzir essa inconstante invocando e comparando seus sinais precursores através da memória faz com que o acontecimento faça aparecer a dimensão do passado, esclarecendo-o, assim como a seu futuro.

Portanto, entendemos aqui a memória como agente de transformações sociais, quando contribui através da seleção de lembranças e reconhecimento, para a formação da identidade. Assim, o patrimônio edificado é conseqüentemente caracterizado como objeto de referência sobrevivente ao tempo que estabelece contato afetivo, físico, cognitivo e sensorial entre passado e presente. E a memória, por sua vez é um suporte necessário à promoção e identificação do patrimônio.

4.2 Identidade e apropriação

Diante das constatações acerca da memória como fonte constituinte do processo de construção identitária, estabeleceremos agora como elas se relacionam, no sentido de tornar mais clara a dinâmica de apropriação do patrimônio cultural. No início de sua obra, Hall (2005, p. 8) afirma que o conceito "identidade" é demasiadamente complexo, pouco desenvolvido e compreendido na ciência social contemporânea para ser definitivamente posto a prova. Diante da pertinente observação, nos cabe modestamente explorar o assunto apenas no que concerne à questão vinculada a presente pesquisa.

As referências identitárias são construídas e desconstruídas num processo dialético, fazendo com que ocorra uma transformação, um deslocamento de identificações no contato com o outro e com as mais diversas influências externas. O tema inquietante e controverso, em seu cenário contemporâneo é desligado de sua antiga concepção, na qual segundo Hall (2005, p. 7) "as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado." Essa desarticulação de seus elementos constituintes caracteriza a identidade como móvel, fluida e polissêmica. As velhas identidades centravam o sujeito e hoje, segundo o autor, fragmentam o homem pós-moderno. Portanto ele é percebido como deslocado frente às transformações societárias de ordem global, provocando o que o autor denomina como "crise de identidade". Esta é o resultado da mutação do sujeito do iluminismo e sua visão cartesiana ao sujeito sociológico que se forma e modifica em contato com mundos exteriores, até finalmente se caracterizar como sujeito pós-moderno, devido à ausência de "essência" e identidade fixa.

Hall acredita que a identidade cultural moderna é formada através do pertencimento a uma cultura nacional. Para o autor (2005, p.48) as identidades não são coisas com as quais nós nascemos, mas são formadas e transformadas no interior da *representação*. Adotando o termo "comunidade imaginada" o autor seleciona aspectos que considera os principais do processo de construção da identidade. Elas são colocadas entre o passado e o futuro, sempre na tentativa de se equilibrar na relação entre fonte de significados culturais, foco de identificação e um sistema de representação. "Devemos ter em mente

esses três conceitos, ressonantes daquilo que constitui uma cultura nacional como uma "comunidade imaginada": as *memórias* do passado; o *desejo* por viver em conjunto; a perpetuação da *herança*" (HALL, 2005, p. 58). Apesar de tais identidades representarem unificação, Stuart Hall coloca que essa crença é um mito por acreditar que nenhuma nação é composta de um único povo, cultura ou etnia.

Ao questionar a homogeneidade o autor atribui à globalização a responsabilidade do deslocamento da identidade moderna. Ela é percebida como um processo que interfere na constituição das identidades, quando as desintegra em função da padronização e perda ou transformação das raízes culturais, originando as identidades híbridas. Também chamada de modernidade tardia, o autor reflete sobre a influência da globalização na formação de identidades sob pontos de vista diferentes que convergem em aspectos como descontinuidade, fragmentação, ruptura e deslocamento. Porém, quanto ao seu efeito geral, Hall (2005, p.87) acredita que ele ainda permanece contraditório quando algumas identidades tentam recuperar certezas perdidas e outras aceitam a sujeição ao plano da história, política, da representação e da diferença e, assim, improvável que elas sejam outra vez unitárias.

O sociólogo polonês Zygmunt Bauman (2006) segue uma linha semelhante a de Hall quando acredita e de certa forma reforça, que a identidade é um efeito de pertencimento que tem em sua raiz o paradoxo da instabilidade, onde os lugares contemporâneos são permanentemente deslocados pelas máquinas de informação e, por isso, é impossível fixar-se rigidamente em um território identitário único. Referindo-se ao esgarçamento das relações atuais sob sua teoria nomeada de "modernidade líquida", o autor discute efemeridade, passagem e mosaico como algumas das características atribuídas a identidade e sua inerente instabilidade contemporânea. Sentimentos de pertencimento a círculos culturais, nação e comunidades tornam os sujeitos expostos a várias ideias e princípios de uma vez, fazendo com que as relações se tornem frágeis.

De acordo com Bauman (2006, p. 90), a identidade é algo a ser inventado, e não descoberto. Essa identidade fabricada e portátil acompanha a ideia de uma mudança obsessiva e compulsiva que caracteriza a essência moderna de ser. Outro ponto que converge no pensamento de Stuart Hall e Bauman é o de que as identidades são

construídas. Porém, de forma mais pessimista, Bauman percebe o processo como uma experiência desalentadora que causa insegurança e ausência de autoafirmação.

O teórico Manuel Castells (1999, p.22) entende a identidade como fonte de significado e experiência de um povo, construída com base em atributos culturais inter-relacionados. O autor faz um paralelo entre as duas posições vistas, onde para um determinado indivíduo ou ainda um ator coletivo, pode haver identidades múltiplas. No entanto, essa pluralidade é fonte de tensão e contradição tanto na auto representação quanto na ação social. Os “papéis” influenciam o comportamento de indivíduos através de negociações. Por outro lado as identidades são originadas pelos próprios atores por meio de um processo de individuação. Para ele, as identidades são fontes mais importantes de significado que os papéis por causa do processo de autoconstrução (CASTELLS, 1999, p.23). A dinâmica da identidade tratada por Castells (1999, p.26) está inserida no surgimento da sociedade em rede. Mas conforme seu posicionamento “Como, e por quem, diferentes tipos de identidades são construídas, e com quais resultados, são questões que não podem ser abordadas em linhas gerais, abstratas: estão estritamente relacionadas a um contexto social”.

Nesse processo de transformação, as relações individuais ou coletivas criam condições novas no interior da sociedade. Morin (1997, p. 129) enfatiza que existe uma “unidade cultural da humanidade”; porém, a poliidentidade dos indivíduos exige também a salvaguarda da “diversidade das culturas”. Para o autor, todos possuem uma “carteira de identidade terrena”, afirmando que temos a mesma natureza, “mas que nessa própria natureza, existem potencialidades com diversidades extremas”.

Enquanto conecta o indivíduo com o ambiente, a identidade gerada forma relações de acordo com o significado e conexão que estabelecem, além de tornar os lugares mais visíveis e presente na memória de uma população. Sob influência da população, a cidade muda constantemente. Para o geógrafo brasileiro Milton Santos (2002, p. 24.) a cidade é um organismo vivo e impõe valores mercantis e simbólicos as suas diversas frações. Os velhos lugares podem se renovar assim como os novos lugares podem ser chamados a funções novas. Cada pedaço da cidade evolui de maneira peculiar nos diferentes momentos históricos.

Diante desse processo, os sujeitos mudam com o espaço urbano quando expostos a informação, fatores sociais, políticos, históricos, culturais etc. Observar o panorama contemporâneo implica perceber que as mudanças dos indivíduos imprimem também variações na cidade e seu cenário.

Em uma reflexão crítica sobre o discurso a respeito da história e seu conceito, Walter Benjamin (1994, p. 223-224) coloca que apenas a humanidade redimida poderá se apropriar do seu passado. Ou seja, somente para a humanidade redimida o passado é citável em cada um dos seus momentos. A determinação específica da ciência histórica, segundo Benjamin, não é conhecer o passado, mas sim furtar a ele sentidos e ambientes que possam auxiliar o homem a lidar com problemas de seu tempo. Para ele, articular o passado significa se apropriar de uma reminiscência, e em cada época é necessário que não deixemos a tradição relegada ao conformismo.

Rapoport (1977) considera evidente que o meio físico deve ser um meio de comunicação, suportando estruturas sociais variadas. Como função de trocas humanas, diferentes pessoas possuem necessidades em comum, supridas dentre várias formas de apropriação, pressupondo também no âmbito do patrimônio cultural. Na concepção de Edgar Morin (1984, p.15), a cultura é “um corpo complexo de normas, símbolos, ritos e imagens que penetram o indivíduo” que se expressa também na e por meio da massa.

Importante destacar que a apropriação é influenciada pelas formas diferentes com que a população se organiza e estrutura, conforme suas características e maneira peculiar de perceber o ambiente. Portanto a diversidade cultural dos atores sociais interfere na qualidade (aparência, segurança, valores, integridade, acessibilidade etc.) do meio, que por sua vez se revela no dinamismo da apropriação.

A partir do pressuposto de que cada lugar tem sua memória, podemos considerá-la como aliada às estratégias de valorização e conservação dos bens culturais que compõem tanto uma paisagem urbana quanto uma relação identitária entre população e cidade. O ser humano tende a valorizar e cuidar do que lhe desperta afeto ou identificação. Quando a identidade cultural de um povo fica ameaçada, o patrimônio sofre consequências. É importante preservar a memória do lugar para que o bem cultural seja apropriado e identificado pelos indivíduos e não perca seu sentido na cidade.

5. COMUNICAÇÃO E INTERAÇÃO

A Comunicação é um dos elementos centrais de nossa pesquisa e existe como um processo, cujos envolvidos desempenham o papel de interpretar e produzir sentidos, através da percepção que possuem sobre a vida social. Tais práticas e atividades de significação são reproduzidas em valores, ideologias e saberes que regem o mundo. Para Mead (2006, p. 234) “tomamos parte em uma conversação na qual o que dizemos é escutado pela sociedade, e sua resposta é afetada por aquilo que temos a dizer”. Para o autor, essa dinâmica comunicativa transforma a sociedade convocando os interlocutores a assumir posicionamentos. A partir desse posicionamento, buscaremos situar teoricamente o que sustenta o conceito Comunicação em nossa pesquisa para nos ater com cautela ao que há de comunicacional nas trocas de sentido mediadas pelos símbolos e discursos enquanto fenômeno estudado.

Os estudos da Comunicação se desenvolveram como campo de conhecimento a partir de múltiplas contribuições, do olhar de especialistas das mais diversas áreas e foram consolidados pelo paradigma informacional (clássico), onde a comunicação incide de forma linear entre emissores e receptores. Tal reflexão pode ser apreendida na Escola Americana, onde foi desenvolvida a Teoria Matemática e na abordagem da Escola de Frankfurt, onde essa visão influenciou diferentes autores em contextos distintos. Porém tal modelo não se fez suficiente para compreender o processo comunicativo, que carece enfatizar as relações entre sociedade e comunicação, levando em consideração as mudanças ocorridas na vida social e sua influência no modo de comunicar. Conforme aponta Barbero (2001), as relações entre sociedade e comunicação devem ser enfatizadas tendo em vista que as mudanças que ocorrem na vida social afetam o modo de comunicar. Quéré (1991) assinala que parece ter havido um aprofundamento da perspectiva comunicacional nas últimas décadas e dessa forma, reflexões contemporâneas indicam outras formas de tratar os processos comunicativos.

A perspectiva filosófica adotada nessa abordagem funciona como uma rede de intencionalidades, onde as práticas de comunicação interacionais tem por base um movimento de mútua reflexão, na qual a relação e o conteúdo se interpenetram formando um polo dos interlocutores que se imbricam em uma dinâmica relacional. O fundamento

de tal perspectiva filosófica da ação é denominado pragmatismo. Ele se caracteriza pelo antifundacionalismo, que é a crítica aos conceitos definitivos, imóveis e perenes, assim como as verdades únicas. Estas acompanham o desenvolvimento e a evolução da humanidade, além de serem imprevisíveis, pois as teorias não são imutáveis. O consequencialismo é outra propriedade que unifica o pragmatismo: a realidade é uma dinâmica em permanente construção onde a verdade é contingente, possui aspecto prático, utilitário e atende provisoriamente. O contextualismo é mais uma característica que percebe as ideias como inserções temporais, sociais e marcadas por crenças.

Esses elementos caracterizam a base do pragmatismo de Peirce, cujos conceitos foram desenvolvidos por William James e John Dewey até se firmar como teoria. Com ênfase na relação, experiência e dinamismo, o pragmatismo contribui para o interacionismo simbólico. James (1979, p. 20) considera que "Tem-se de extrair de cada palavra o seu valor de compra prático, pô-lo a trabalhar dentro da corrente de nossa experiência". Esta tradição sociológica propõe que o significado das coisas emerge das experiências e interações desdobradas nas situações sociais. Essa tendência empirista aconteceu em um cenário de estímulo às produções científicas como tentativa de minimizar um conjunto de conflitos consequentes da industrialização da América na passagem do século XIX para o século XX. Para o norte-americano Dewey, o pragmatismo surge com a intenção de reparar no mundo moderno o atraso da filosofia e afirma que esta, por sua vez ajustada ao presente, "deve tratar daqueles problemas que resultam de mudanças que se processam num setor humano-geográfico em escala cada vez mais ampla e com poder de rapidez e de penetração cada vez mais intenso". A sede dessas grandes produtividades foi a Escola de Chicago, que se firmava em uma postura dedicada ao estudo da cidade através da sociologia, para a busca de soluções de um quadro de intranquilidade social.

Além de James e Dewey, outros grandes pesquisadores tiveram destaque por suas contribuições. Georg Simmel, por exemplo, tentava entender os ritmos e mobilidade da vida na cidade. George Mead foi o precursor da valorização ao caráter simbólico e subjetivo da ação social. Sua visada abandona a perspectiva sistêmica da sociologia clássica em favor de uma investida mais interpretativa, simbólica e subjetiva do comportamento humano. O pragmatismo e o interacionismo concebem a comunicação

como processo de interação entre sujeitos e contexto social em seu aspecto experiencial, onde os indivíduos são afetados através dos sentidos.

Sob o panorama dessa concepção comunicacional, ganham força os trabalhos do *colégio invisível*. Tal nome se deve ao fato de que os cientistas que o compunham se situavam distantes geograficamente. No entanto, a preocupação teórica desses pesquisadores convergia e se concretizava através da Escola de Palo Alto, fundada na década de 1940. A colaboração de estudiosos de diferentes campos do saber resulta em um modelo onde a interação e participação dos indivíduos acontece proativamente. Movimentos de idas e voltas provocam nos sujeitos, sistemas e consequentemente na comunicação, que por sua vez não é linear, mas circular ou retroalimentada.

Um dos grandes nomes da Escola de Palo Alto que investigou esse modelo foi Gregory Bateson. Ele acreditava que os atos dos sujeitos eram modelados a partir do que identificavam como socialmente esperado. Explorando a comunicação humana ele procurou despertar um novo “estado do olhar” sobre uma leitura comunicacional do mundo social. Não mais encarada como ato individual, mas como instituição e sistema social. Uma comunicação refletida não mais como uma telegrafia relacional, mas, sim como uma orquestração ritual operada nos níveis metalinguístico e metacomunicacional³. Esta última acontece sob o que Bateson nomeia de *enquadre*, que diz a maneira como os indivíduos se afetam e organizam na interação. Funciona como instruções estabelecidas durante a comunicação e orientam o entendimento do discurso que está sendo elaborado. Esse *quadro* ou *enquadramento* guia a conduta, pois permite aos sujeitos compreender a situação, funcionando como uma espécie de moldura que delimita a maneira do indivíduo se comportar.

Partindo desse conceito, Goffman (2002) indica a posição dos sujeitos nas práticas comunicacionais, a qual dá o nome de *footing*. Para o autor “quando um indivíduo chega à presença de outros, estes, geralmente, procuram obter informações a seu respeito ou trazem à baila a que já possuem” (GOFFMAN, 1999, p. 11). Ou seja, a postura do

³ O metalinguístico se refere à ordem do conteúdo e linguagem desenvolvida para lhe conferir forma. O metacomunicacional (metacomunicativo) é da ordem da relação estabelecida entre os sujeitos. Este nível localiza socialmente os sujeitos na interação e os permite perceber a natureza da relação em uma dada situação.

indivíduo (para si mesmo e para o outro) em uma interação estabelece papéis em função dos enquadramentos que “levá-lo-ão a dar uma impressão deliberativa de determinada espécie” (GOFFMAN, 1999, p. 15) sem, contudo, criar tal impressão com uma intenção consciente ou inconsciente. Esses papéis tem a ver com a maneira como cada um concebe a sua imagem. Grosso modo, os papéis podem ser definidos como a representação de personagens criados e recriados nas relações sociais da vida cotidiana, com o cenário, experiências anteriores e expectativas futuras, que Schutz (1989) nomeia de “contexto significativo”. Como produção coletiva dos sujeitos envolvidos, a prática comunicativa aposta na afetação mútua que traz implicações para os significados propostos, inscrevendo a interação no contexto dos interlocutores.

No paradigma relacional um novo modo de pensar a Comunicação leva em conta os receptores, como sujeitos atuantes no processo e não manipuláveis. Sob essa abordagem a Comunicação é apresentada como interacional, na qual indivíduos desempenham papéis, produzindo e interpretando sentidos, indo além de meros emissores e receptores. A comunicação não somente transmite conhecimento, mas se insere na esfera da experiência humana e da ação, passando a ser vista em sua dimensão social e simbólica. Neste contexto, os sujeitos passam da condição de monológicos para dialógicos. A partir dessa concepção a Comunicação emerge como constituidora de relações, inclusive entre a ambiência urbana e social.

Diante da variedade de teorias existem formas semelhantes e divergentes de pensar a Comunicação. A fim de nos posicionar, agruparemos tendências e visões análogas como ferramenta prática para apresentar os modelos que resultam de diferentes compreensões do processo comunicativo. Eles pretendem esclarecer de uma forma esquemática determinados fenômenos, são desenhos de um processo. Representam uma forma ideal, procurando mostrar os principais elementos de uma estrutura e as relações entre os mesmos. Em síntese temos:

Modelo Informacional, Matemático ou de base linear – contribuição da sociologia funcionalista. Supõe que o emissor é onipotente, a mensagem é infalível e o receptor é passivo; a análise dos seus efeitos dispensa contexto e significado; a comunicação é somente a transmissão de informação.

FIGURA 3
Modelo Linear



Fonte: BATESON, 1981.

Esse modelo dissocia as funções do emissor, receptor e apresenta a comunicação como transmissão de mensagens entre dois pontos e único sentido.

Modelo Circular Retroativo – contribuição da cibernética. Considera a retroação ou *feedback* um elemento regulador da circularidade da informação.

FIGURA 4
Modelo Circular Retroativo

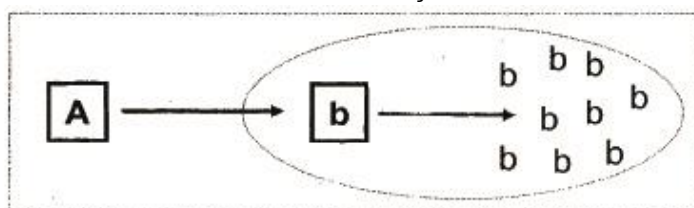


Fonte: BATESON, 1981.

Supõe-se nesse modelo uma ciência interdisciplinar de sistemas de comunicação e controle em organismos, máquinas e organizações. Indica técnicas de transformar a informação na atuação desejada e possui qualidades de auto regulação e entropia.

Modelo da Comunicação de Massas, Psicológico-comportamental – sua contribuição advém das pesquisas em comunicação de massa.

FIGURA 5
Modelo da Comunicação de Massas

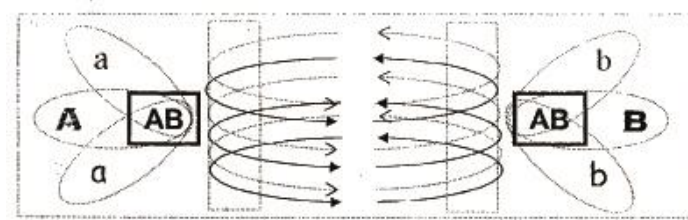


Fonte: BATESON, 1981.

Sua hipótese incide sobre o fluxo das etapas, onde o líder de opinião persuade os grupos de referência. Pressupõe uma nova retórica científica através da Lei da Exposição Seletiva, da psicologia social e experimental.

Modelo Interacional – contribuição da biologia e antropologia onde Dewey, Mead, Bateson, Goffman, Schutz e Quéré são algumas referências. A comunicação é percebida como processo social, permanente e interativo em vários níveis e contextos; interação formadora de atores.

FIGURA 6
Modelo Interacional



Fonte: BATESON, 1981.

Nesse modelo o sentido está no receptor, emissor, contexto e mensagem. A comunicação é a rede de relações interativas dos interlocutores entre si e material simbólico, indo de encontro ao modelo praxiológico (relacional), que “entende os sujeitos enquanto construídos na relação com o outro, no espaço da diferença” (FRANÇA, 2003, p.41). O modelo praxiológico, proposto por Louis Quéré reivindica a relação estabelecida entre cultura e práticas comunicativas oferecendo uma conceitualização mais recente, contrapondo a linearidade do modelo epistemológico.

Os discursos produzidos pelos sujeitos estão sempre dialogando com outros textos como resultado de uma interação social e as práticas comunicativas são entendidas como produções cooperativas. O *texto* é concebido nesta pesquisa como a materialidade linguística através da qual se pode chegar ao discurso; é a relação da língua com a história. Ou seja, é um conjunto de relações que se estabelece nos momentos que antecedem e durante sua produção, como também dos efeitos produzidos após sua enunciação. Indivíduo e sociedade, assim como linguagem e dimensão simbólica se configuram mutuamente constituindo o mundo e as relações sociais, onde “a

comunicação deixa de ser um processo recortado e restrito, e é tomada como lugar de constituição dos fenômenos sociais, atividades organizantes da subjetividade dos homens e da objetividade do mundo” (FRANÇA, 2003, p.7). A linguagem é a expressão que dá existência às ideias onde a comunicação “põe-se então a estruturar a vida interior, a dar-lhe uma expressão mais definida” (BAKHTIN, 1986, p.118), percebida como o momento de compartilhamento de sentidos e revestida de novas dimensões. Para Quéré (1991), no modelo praxiológico a compreensão de uma linguagem implica em compreender as atividades sociais da qual faz parte, além daquilo que articula as práticas, orientações e relações interpessoais em uma “forma de vida”.

O valor da informação está na maneira em que os sujeitos se apropriam dela a partir da interação com os outros e o meio ambiente, onde a linguagem é parte integrante da “construção social da realidade”. Quéré (1991) elucida que o paradigma da comunicação torna possível uma abordagem de socialização das condutas e acontecimentos como uma atividade organizante dos agentes “que relacionam os atos e as palavras com um ambiente familiar e supostamente conhecido em comum com os outros”, e completa que o caráter social das ações é o resultado de uma realização coordenada, uma operação de socialização. Essa inscrição social mobiliza os atores e seus pares a exercerem estruturas organizantes e que honrem suas expectativas normativas, tomados como base de inferência e ação.

Portanto, em decorrência das transformações nos vários campos do saber e uma perspectiva que não atendia devidamente as questões emergentes, a comunicação é aprimorada, passando a se inscrever como disposição do conjunto social de atividades práticas. Desse modo, em nossa investigação a abordagem interacional se estabelece proveitosa na medida em que reconfigura como comunicacional o modo de perceber os fenômenos da vida, buscando a interação na dimensão das experiências. E é esse entendimento do processo comunicativo que servirá de base para o modo de olhar e recortar o nosso objeto empírico, que é um acontecimento, mais precisamente o Projeto de Revitalização do Largo do Ó.

5.1 Acontecimento

Para apreender com mais clareza como um assunto pode ser tratado de maneiras distintas em função da variedade de elementos que o compõe, nossa sugestão foi selecionar um acontecimento e analisar como ele é comunicado e interpretado por diferentes interlocutores. Mas antes de apresentar o referido acontecimento, faremos uma abordagem sobre o conceito do termo, discutindo algumas questões teóricas que envolvem essa temática, a fim de melhor apreendê-la.

Quéré (2012) aponta que o acontecimento, além da variedade de naturezas que possui, pode ser diferenciado em função do seu poder de afetação, assim como individualizar a situação devido às qualidades a ele atribuídas. Essas “diferentes formas” do acontecimento são associadas às modalidades e regimes de experiências diversos, respaldados nos hábitos. Enquanto “modalidade de experiência”, Quéré (2005, p. 72) indica que o acontecimento é individualizado, e dessa forma excede o momento de sua ocorrência, continuando a singularizar e produzir efeitos naqueles que são afetados na ordem do sentido. “Isso só é possível porque o acontecimento não só acontece, mas acontece a alguém. Que pode alegrar-se, se o acontecimento for feliz. Que pode suportá-lo se for infeliz. Que pode responder a ele e, mesmo, responder por ele.”

No que diz respeito ao “lugar do acontecimento na estruturação da experiência individual e coletiva,” (2005, p. 60) Quéré afirma que as ciências sociais ainda apelam ao sistema de causalidade e possui receio em categorizá-lo como um fenômeno de ordem hermenêutica. O autor recorre a Arendt e Mead para tentar compreender esse “poder hermenêutico” e parte do ponto de vista de que o acontecimento é um fato ocorrido no mundo como um encadeamento inscrito num contexto causal. Ampliando tal perspectiva, ele coloca o acontecimento como um fenômeno a ser compreendido que também faz compreender as coisas, revelando situações problemáticas.

As mencionadas reações e respostas podem ser entendidas como a compreensão e sentidos gerados pelo acontecimento que se traduzem em narrativas e intervenções no mundo. Estas interferências, por sua vez, produzem novos “acordos” e modificam contextos e enquadramentos. E são exatamente essas transformações que revelarão a constituição de um esquema de significação e valores de uma sociedade. Para

Charaudeau (2012, p. 95) as noções de propósito, universo de discurso e acontecimento estão ligadas, onde este último é caracterizado como todo fenômeno que se produz no mundo fora da ordem habitual. O autor sustenta que “ora o acontecimento é confundido com a novidade, ora ele se diferencia dela, sem que se defina a diferença. Ora defende-se a ideia de que o acontecimento é um dado da natureza, ora sustenta-se que ele é provocado”. Nesse sentido, Quéré (2005, p. 64) coloca que por mais condicionado que o acontecimento seja, ainda assim ele não é determinado e “pode ser considerado como comportando uma parte de indeterminação, logo de novidade”. E são justamente as características de descontinuidade e novidade que o inscrevem na possibilidade de diferentes potencialidades e eventualidades fora de um contexto previamente determinado.

O rompimento da serialidade nos leva a rever o sentido do que é possível, “enfim, o acontecimento pode afetar profundamente o horizonte dos possíveis que serve de pano de fundo ao traçar dos nossos projetos” (QUÉRÉ, 2005, p.66). E são essas possibilidades que nos levarão a inserir em uma experiência sensível e suas condições particulares tornando nossa conduta equilibrada. Dessa forma a confrontação com um acontecimento assume dimensões de teste “na qual, aquele que é visado pelo acontecimento, seja um indivíduo seja um coletivo, se expõe, corre riscos, perigos, põe em causa a sua identidade” (QUÉRÉ, 2005, p.70). E esse processo é que faz com que o acontecimento seja individual e encontre sua significação em tais particularidades. Em consonância com esse pensamento, Charaudeau (2012, p. 95) coloca que “o acontecimento nunca é transmitido à instância de recepção em seu estado bruto; para sua significação, depende do olhar que se estende sobre ele, olhar de um sujeito que o integra num sistema de pensamento e, assim fazendo, o torna inteligível”. Esse mesmo autor completa que o fenômeno de interpretação do sujeito ao reestruturar o acontecimento previamente significado transformando-o segundo sua própria competência, é produzido através do ato de linguagem.

O que a perspectiva desses autores ressalta é que um “movimento de linguagem” é também um ato de troca que recorta o mundo por meio de representações e o constrói novamente em uma espécie de sentido. Sob esse ponto de vista Ricoeur (1982) aponta que o acontecimento é mais do que uma ocorrência singular e única e é definido a partir

do momento em que contribui para desenvolver uma “intriga”⁴. Por isso é relevante procurar compreender o *papel da linguagem*, que tem como função, esclarecer. Além desta, a linguagem tem como função também descrever, revelar e criar realidades através da mediação dos símbolos, imaginário, mito e poesia, que se configuram nos textos, documentos e monumentos (RICOEUR, 1989). Arendt coloca que a ação está inserida na mesma categoria do discurso e que ela constitui fundamentalmente “o ato de encontrar as palavras adequadas no momento certo, independentemente da informação ou comunicação que transmitem” (ARENDT, 2007, p. 35). Nesse sentido, ação e discurso são atividades afins à linguagem.

Charaudeau (2012, p. 99-100) indica que, para que a mencionada intriga se unifique, são necessárias três atividades miméticas: a *pré-configuração*, a *configuração* e a *re-figuração* do mundo, onde “o acontecimento nasce, vive e morre numa dialética permanente da ordem e da desordem, dialética que pode estar na natureza, mas cuja percepção e significância dependem de um sujeito que interpreta o mundo”. Segundo ele, nesse processo de “construção do acontecimento” é necessário que se produza uma *modificação* que gera desequilíbrio no estado do mundo fenomenal; a *percepção* de tais transformações pelos sujeitos num efeito de “saliência”, que conseqüentemente inscreva uma rede de *significações sociais* por um efeito de “pregnância”. O que o acontecimento provoca no cotidiano, nada mais é que a convocação de novos quadros de sentido que substituem os já convencionais. Eles perturbam a normalidade gerando a mudança por meio da desestabilização.

Mesmo que programado, o acontecimento provoca ruptura na rotina, na medida em que em algum momento, algo inesperado e imprevisível surgirá e afetará os sujeitos, resultando numa profusão de significados e sentidos. Vera França institui a ordem, natural e social do acontecimento e comenta que eles podem ser programados, espontâneos, provocados ou até aparecer subitamente, mas ainda assim são acontecimentos. “É da natureza de um acontecimento (...) escapar ao controle ou à previsibilidade totais” (FRANÇA, 2012, p. 47) pois eles não são unilaterais. Entretanto, como atenta a própria

⁴ Para Ricoeur, “pôr-em-intriga” se refere à estruturação e composição de uma produção. A intriga faz a mediação entre eventos ou incidentes isolados e acontecimentos, transformando-os em história. Dessa forma o acontecimento passa a ser mais que uma ocorrência singular e única (BOTTON, 2012, p. 303).

autora, as abordagens ao acontecimento devem ser suficientes, a ponto de não se limitar o tratamento aos contornos de revestimento, configuração e reconfiguração que só faz esvaziar sua identificação. Apesar de serem considerados aspectos importantes do acontecimento, apenas a análise de suas formas discursivas ou ritualísticas são incapazes de fazer compreendê-lo. Neste esteio, França (2012, p. 45) sugere que o acontecimento incide em pessoas e na organização de uma sociedade ou grupo. E é a partir do seu poder de afetação na ação dos sujeitos, na interferência dos quadros da normalidade e expectativas antevistas no cotidiano que ele se realiza ou não no domínio da experiência.

Esse processo se insere em uma temporalidade, já que marca fim e início de outra era. Não como um simples fluxo de coisas ou instantes sucessivos. Para Quéré (2012, p.22-26) os acontecimentos se estendem a outros em uma totalidade temporal que dispõe de duração e orientação variáveis quando “vai de um passado para um futuro”. “Ele pode levar um tempo variável, ser mais ou menos progressivo, mas tem um mínimo de extensão temporal...”. Ou seja, o acontecimento é algo orientado mas com ritmos variáveis, que se desenrola em sua própria dinâmica. Através da narração, o acontecimento é inscrito no tempo, propondo um encadeamento de sentidos, que busca conferir a ele um passado e um futuro.

Referindo-se à “barroquização do mundo” como uma nova confrontação da existência, onde os valores sociais, o relativismo ideológico e a diversificação dos modos de vida se engendram, Maffesoli (1996, p. 194) denomina como *presenteísmo* a tônica colocada sobre o momento. Conforme o autor, a prevalência do ambiente e da aparência são alternativas consequentes ao linearismo na modernidade, que pode ser também o sentido da oportunidade empírica ou o acontecimento que vale por si mesmo. Ele propõe que tudo se torna acontecimento e que não é preciso compreendê-lo como excepcional. “Muito pelo contrário, ele inscreve-se na banalidade. Participa da vida cotidiana. Uma fórmula de Deleuze pode, ainda, nos esclarecer, quando diz que o objeto maneirista é “não mais essencialista”, mas que se “torna acontecimento”.

Coexistindo enquanto *acontecimentos existenciais* ou *acontecimentos objetos* (QUÉRÉ, 2012), essas duas formas serão distinguidas pelo seu grau de simbolização que

transformam a experiência da mudança em objetos de pensamento e julgamento, fazendo com que eles deixem de ser simples alterações existenciais. Maffesoli entende que (1996, p. 194) através da banalidade, cada objeto está cercado de uma aura que faz acontecimento. Sem nada de inquietante e alienante, o mundo dos objetos é vetor de agregação e preenche esse papel porque concentra o tempo. Ao se condensar, tempo e espaço realizam a função de acontecimento.

Essas características e o novo modo de operação, onde o acontecimento é dotado de significado nas trocas sociais, fortalecem sua propriedade cognitiva proporcionando acesso ao seu sentido, quando apreendemos o que o condicionou e o que deixa de preannunciar como consequência de outras situações. Para Louis Quéré (2012, p. 32-33) as decorrências enquanto “conexões entre acontecimentos” são parcialmente antecipáveis, portanto, encontradas e analisadas somente a medida da evolução das circunstâncias.

A discussão aponta para a diversidade das formas que um acontecimento pode assumir, tomando diferentes lugares e que afetam a percepção dos sujeitos assim como com o seu entorno. De tal modo “os acontecimentos-objeto são substitutos ideacionais e discursivos de acontecimentos existenciais” (QUÉRÉ, 2012, p. 38) que engendram processos de interação. Em função das influências que os acontecimentos incidem ao abrir sentidos, desorganizar e reorganizar, devemos tê-lo como questionador e não apenas como uma narração pormenorizada. A ruptura e descontinuidade provocadas pelo acontecimento que altera os enquadramentos, não poderia por exemplo, conduzir a experiência a novos níveis de aprendizado⁵?

França (2011) afirma “que o relato de um acontecimento implica em formatá-lo, lhe conferir um sentido, fazê-lo reconhecível, e, portanto, atribuir-lhe uma identidade”. Dessa forma, tentaremos decifrar a partir desse ponto de entrada particular, a medida das relações e tensões que constituem nosso referencial empírico. Portanto, o conceito de acontecimento se mostra proveitoso para o estudo na medida em que propõe a

⁵ Para Gregory Bateson, os níveis de aprendizado representam uma espécie de avanço para um próximo nível diante da ambivalência com o meio ambiente. O resultado desse nível alcança a chamada metacomunicação, que é a relação estabelecida com o conteúdo. Os níveis têm a ver com o sistema da Gestalt.

compreensão do contexto na qual a descrição do Projeto de Revitalização do Largo do Ó e a relação com seus interlocutores se insere.

5.2 Representações simbólicas: a construção dos discursos

Antes de abordar o acontecimento de que trata a presente pesquisa, o Projeto de Revitalização do Largo do Ó, assim como a maneira que seus interlocutores se apropriam dele, julgamos conveniente fazer uma reflexão sobre o modo como são articulados os seus discursos. Considerando que toda narrativa se apoia nas experiências e visões de mundo de indivíduos e grupos, convém ponderar a estrutura desse ato, tomando como base alguns pensadores que debatem sobre o assunto.

Hanna Arendt (2007, p. 189) considera que a pluralidade humana é condição básica da ação e do discurso que tem o aspecto de igualdade e diferença, onde ser diferente é a razão pela qual nossas definições são distinções que só o homem é capaz de exprimir. “É com palavras e atos que nos inserimos no mundo humano”. Ela ainda considera que há uma estreita relação entre ação e discurso, pois é através dela que os homens mostram quem são e revelam as identidades. E é justamente a característica reveladora do discurso que impõe o *ser agente* da ação que possibilita a construção das representações, assim como o motivo pelo qual elas são articuladas. A capacidade de mediação da ação e do discurso vale tanto para os conteúdos objetivos, “voltado para o mundo das coisas na qual os homens se movem”, quanto para os conteúdos subjetivos, não tangíveis, no “processo de agir e falar” (ARENDT, 2007, p. 195). Embora intangível “essa mediação é tão real quanto o mundo das coisas que visivelmente temos em comum” e recebe o nome de *teia de relações humanas*. Assim, o discurso possui a qualidade de produtor e resultado de interações.

Partindo da ênfase de que as comunidades são imaginadas e arquitetadas, se torna importante avaliar as implicações desse movimento para compreender em que se baseiam a formação e centralidade das narrativas que compõem a identidade de um contexto. Quéré (1991) coloca que devido à linguagem estabelecemos e formulamos discriminações que nos permitem distinguir aquilo que é importante daquilo que não é. Determinamos o que merece ser honrado, pesquisado, perseguido do que não merece.

Qualificamos atos e comportamentos, relacionamos distinções de valor, exigências de validade, padronização de conduta, critérios de excelência, etc.

Diante dessa “dinâmica seletiva”, Chartier (1991, p. 177) propõe que as práticas ou estruturas são produzidas pelas representações, “contraditórias e em confronto, pelas quais os indivíduos e os grupos dão sentido ao mundo que é o deles”. Segundo o autor, as práticas de leitura em sua diversidade são apreendidas dos bens simbólicos e produzem usos e significações diferenciadas direcionada a singulares. Este autor também entende que conforme postulava Marcel Mauss e Émile Durkheim “estas representações são matrizes de práticas construtoras do próprio mundo social”.

As diferenciações culturais são o efeito de processos dinâmicos e não a tradução de divisões estáticas e imóveis que propõe por um lado a criação de novos públicos e usos, e por outro a busca de novas distinções. Portanto, os agenciamentos discursivos, assim como os modos de representação não se resumem as ideias ou tema que enunciam e contêm. “Possuem sua lógica própria — e uma lógica que pode muito bem ser contraditória, em seus efeitos, com a letra da mensagem” (CHARTIER, 1991, p. 187). É preciso tratar cada série discursiva com a sua especificidade e possibilidades, levando em conta as descontinuidades e discordâncias.

Sobre essa produção discursiva, Foucault (1996, p. 9) supõe que em toda sociedade ela é selecionada, controlada, organizada ao mesmo tempo e redistribuída por procedimentos que tem como função evitar poderes e perigos, esquivar o acontecimento aleatório e sua temível materialidade. Longe de ser um elemento transparente ou neutro, o discurso é um jogo de interdições que se cruzam, reforçam ou compensam, formando “uma grade complexa que não cessa de se modificar”. E essas interdições que o atingem revelam uma ligação com o desejo e com o poder, tendo em vista que o discurso é aquilo pelo que se luta e o poder que queremos nos apoderar. Ele ainda chama atenção que, em qualquer ordem do discurso ainda se exercem formas de apropriação e regimes de exclusividade e divulgação.

O conceito de representação se reporta portanto a uma perspectiva ampla, na qual os referenciais histórico-culturais indicam e modulam possibilidades elucidativas diversas para uma mesma situação comunicativa. Goffman (1999, p. 71) observa que “na medida

em que uma representação ressalta os valores oficiais comuns da sociedade em que se processa, podemos considerá-la, à maneira de Durkheim e Radcliffe-Brown, como uma cerimônia, um rejuvenescimento e afirmação expressivos dos valores morais da comunidade."

Quanto ao acontecimento, sua narrativa pode variar nos objetivos e formas, como comprova a afirmativa em que Habermas (2012, p. 72) descreve que "na verdade as argumentações distinguem-se de acordo com o tipo das pretensões que o proponente tenciona defender. E as pretensões variam de acordo com os contextos de ação". Estes, por sua vez, vão de acordo com as especificidades da época, local e sua respectiva conjuntura sociocultural. É possível perceber uma associação entre o discurso engendrado no social e a prática e ações dos indivíduos sustentadas por eles. O discurso é o lugar de inscrição de uma prática cuja materialidade é perpassada por outros discursos e práticas.

Tudo que é imbuído de sentido e formalizado pela linguagem, permite uma conexão entre cultura e mundo, onde a representação é uma forma simbólica que expressa e auxilia a construção da cultura na sociedade. Milton José Pinto (1999, p. 28) sintetiza esse pensamento ao defender que os discursos são práticas sociais onde a linguagem verbal e outras semióticas que constroem os textos são partes do contexto sócio histórico. Portanto, tem papel essencial na reprodução, manutenção ou transformação das representações, assim como nas relações e identidades que definem a sociedade. O texto é o meio que faz com que os participantes de um processo comunicacional sejam reconhecidos pelos receptores devido ao aspecto hegemônico do seu discurso. Ou seja, a relação entre os textos, sociedade e cultura deve ser pensada dialeticamente. Segundo Pinto (1999, p. 44), "a produção, a circulação e o consumo dos textos são controlados pelas forças socioculturais, mas os textos também constituem a sociedade e a cultura, de um modo que pode ser tanto transformativo como reprodutivo, e a análise não pode separá-los".

Devido à irrupção de modos de vida pautados em fenômenos sociais menos coercitivos e estáticos, a representação abandona o papel de unidade coesa e se deixa notar no âmbito dos conflitos culturais, que emerge das tensões articuladas em estruturas e

mecanismos internos. Michel Maffesoli (1996, p. 61-62) delinea que “a pós-modernidade não seria unicamente uma nova fase no processo dialético da história, ou um novo momento na grande marcha real do progresso, mas antes uma sensibilidade específica que, sempre e novamente, renasceria em lugares e épocas diferentes”. Dessa maneira, as representações se materializam através da linguagem, na qual dentre outras formas, estão discursos e práticas arquitetadas por meio de experiências e interações comunicativas.

Considerando a linguagem como mediação entre o sujeito e seu entorno, os processos discursivos são espaços sociais em permanente disputa de forças antagônicas que, deixam irremediavelmente, marcas tanto na linguagem quanto no sujeito. Ela é lugar de conflito que com a conjunção da história, constitui, um sujeito descentrado, como nos indica Foucault:

É antes coisa opaca, misteriosa, cerrada sobre si mesma, massa fragmentada e ponto por ponto enigmática, que se mistura aqui e ali com as figuras do mundo e se imbrica com elas: tanto e tão bem que, todas juntas, elas formam uma rede de marcas, em que cada uma pode desempenhar, e desempenha de fato, em relação a todas as outras, o papel de conteúdo ou de signo, de segredo ou de indicação (FOUCAULT, 2002, p.47).

A linguagem é, portanto, um fenômeno que apresenta uma mensagem que se pretende repassar com vários objetivos. A palavra não se expõe de forma estanque e adquire sentidos diferenciados em contextos diferentes. Por isso, para Foucault "as palavras se propõem aos homens como coisas a decifrar" (FOUCAULT, 2002, p. 46), se constituindo em enigmas que assumem conceitos e significações diferenciadas de acordo com a situação em que se encontram. No campo da representação, a linguagem funciona como um meio de se conhecer as coisas.

Conforme Oliveira (2001), Wittgenstein refere-se à linguagem como importante elemento interacional, comunicacional e designativo que é utilizada também para exprimir os desejos e as repulsas dos homens. Todas as suas significações só transparecem no momento em que se inserem em um contexto. Ele afirma que a linguagem é um fenômeno complexo de dupla dimensão: corpórea (externa) e espiritual (interna). Wittgenstein propõe que uma palavra enunciada duas vezes, por duas pessoas

diferentes, com a mesma intenção, possui atos externos (entonação de voz) diferentes, e atos internos iguais (intenção). Essa dupla propriedade é quem determina os atos externos e internos e a relação com quem os emite, o contexto em que estes enunciados são proferidos e suas diferentes intencionalidades.

Nesse sentido, os discursos não são genéricos, mas sim pontos de vista de uma realidade histórica baseados em experiências e conformações individuais. O Largo do Ó e o Projeto de Revitalização possuem dessa forma uma sucessão de símbolos e significados construídos e que formam a identidade local. Esta se expressa através de narrativas que são formadas através de distintos pontos de vista, permitindo diferentes lugares de fala a diferentes interlocutores. E são as formações discursivas elaboradas por meio de contextos vivenciados que geram representações simbólicas por cada grupo que dão embasamento à nossa análise.

5.3 Sujeitos e Interlocutores

Cada sujeito da sociedade tem sua percepção e seus interesses em um dado acontecimento. Conforme José Luiz Braga, diante de uma situação concreta, os interlocutores envolvidos negociam a estrutura da situação através de falas ou atualizam lugares de fala culturalmente disponíveis. Para o autor, a questão não é julgar se um objeto analisado atende ou não nossas *preferências*, mas sim em *tentar capturar o que está no acontecimento, no produto cultural e na circunstância social* (BRAGA, 2000, p.177). Maffesoli (1996, p. 133-134) acredita que o corpo físico e social engendra naturalmente a comunicação, sendo que tal corporeidade “é o ambiente geral no qual os corpos se situam uns em relação aos outros; sejam os corpos pessoais, os corpos metafóricos (instituições e grupos), os corpos naturais ou os corpos místicos”. Foi a partir da consideração dessa variedade de possibilidades que formam a corporeidade, ou seja, o ambiente constituído da rotina e seus costumes e no qual se passou um dado episódio servido como pano de fundo para as nossas análises que posicionamos os interlocutores.

No intuito de sistematizar para melhor organizar a pesquisa, os interlocutores foram divididos em quatro categorias: mídia, habitantes, visitantes e colaboradores. Ao empregarmos o Guia de Entrevista (ver Anexos) como instrumento de aproximação e

sondagem dos interlocutores pesquisados, verificamos sua utilidade quando detectamos a necessidade da complementaridade de alguns atores. Além das instituições mencionadas, que inicialmente se limitavam à mídia e aos moradores do Largo do Ó, outros sujeitos sociais se revelaram proeminentes durante a pesquisa exploratória, tornando-se também relevantes para a representatividade do tema em questão e futura análise proposta na investigação. Portanto, dois grupos foram acrescidos por evidenciarem papéis de destaque na rotina do Largo do Ó e do Projeto de Revitalização. O recorte da amostra foi aleatório e priorizou o ambiente e acontecimento como fonte de informação, levando em conta que o nosso objetivo foi compreender a relação dos sentidos que circulam naquele ambiente social e que estavam inseridos no acontecimento apoiado. Dessa maneira, as escolhas iniciais foram naturalmente se desdobrando em outros recortes e alternativas específicas a partir da situação vivenciada.

É importante destacar que a seleção do universo foi balizada no entendimento do cotidiano como lugar privilegiado para efetivação de experiências e suas consequentes produções e reproduções de sentidos sociais. Estabelecer contato efetivo com os personagens implicados no problema de pesquisa consistiu em submeter essas pessoas a uma série de questões direcionadas a proposta da nossa investigação, tendo em mente a margem de artificialidade envolvida em tais situações. A aproximação da pesquisadora e ambiente familiar dos pesquisados foi decisiva na observação e contribuiu para que os resultados se tornassem mais densos.

É fundamental ainda esclarecer que identificar os interlocutores envolvidos no Projeto de Revitalização do Largo do Ó permitiu analisar o acontecimento através do resultado das inscrições discursivas que são produtos daquela cultura. A prática de tensionamento e lutas que atravessam a experiência dos atores sociais é que os constitui e convoca posicionamentos, expressos também, em suas textualidades materializadas.

Amparando no conceito de *dialogismo*⁶ estabelecido por Bakhtin, pode-se pensar que cada um dos sujeitos ocupa um lugar e tempo específicos no Largo do Ó assim como no Projeto de Revitalização, e são responsáveis pelas atividades que acontecem na fronteira

⁶ Olhar o mundo sob uma perspectiva que capte o movimento dos fenômenos em sua pluralidade e diversidade. Bakhtin acredita que o diálogo e confronto das entoações e dos sistemas de valores que posicionam as mais variadas visões de mundo dentro de um campo de visão.

com o outro, enfatizando aí, a importância da comunicação. A interação entre os interlocutores é o princípio fundador da linguagem. Segundo Bakhtin, "o fato de ser ouvido, por si só, estabelece uma relação dialógica". E na relação que gera a produção e interpretação dos textos é que seus sentidos são construídos, assim como das palavras e dos próprios sujeitos. "A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Se ela se apoia sobre mim numa extremidade, na outra se apoia sobre o meu interlocutor. A palavra é o território comum do locutor e do interlocutor" (BAKHTIN, 1992, p. 113). Dessa forma a palavra se orienta em função do interlocutor, portanto é produto de uma interação que serve de expressão em relação ao outro e à coletividade.

Os conceitos já trabalhados de valor, identidade e memória em relação ao patrimônio cultural que os comporta também são construídos por meio da linguagem e sua interação com o outro. Enfim, pensar nos encontros e confrontos do tecido de vozes que passa a existir no acontecimento requer que posicionemos os enunciadores implicados no contexto.

5.3.1 Grupo 1: Mídia

Os componentes que armazenam e fazem circular o conhecimento, articulando fatores sociais, econômicos e tantos outros relacionados a cada dinâmica própria representam a configuração de práticas comunicacionais. Estas por sua vez, são desenvolvidas em canais ou ferramentas usadas para armazenar e transmitir dados ou informação e chamadas de *mídia*. No entanto, a palavra é largamente empregada se referindo inúmeras vezes a sentidos distintos, tornando difícil encontrar uma definição expressa em consenso. Sabe-se que o olhar comunicacional não é apenas direcionado à mídia, portanto deve-se percebê-la como unificadora e associativa assim como o campo científico na qual se insere e que marca o diálogo e atravessa fronteiras.

A perspectiva adotada neste trabalho assume o termo 'Mídia' para além de uma extensão ou decorrência natural do conjunto de meios de comunicação. Ela afeta o que as pessoas pensam sobre si mesmas e como elas percebem as outras pessoas. Com a mudança de paradigma, a Mídia acomete o "processo pelo qual o indivíduo modifica a sua própria representação da realidade social" a partir do que é apresentado pelos e nos meios de comunicação (NOELLE-NEUMANN apud WOLF, 2003, p.138). Para Quéré (2005, p. 72-

73) “o papel dos *media* é sem dúvida, decisivo enquanto suportes, por um lado, da identificação e da exploração dos acontecimentos, por outro, do debate público através do qual as soluções são elaboradas ou experimentadas”. A mídia é composta de veículos pelos quais fenômenos, acontecimentos e transformações se efetivam. Ou seja, o conjunto de espaços diferenciados de produção, publicação e entrecruzamento de discursos que podem ser incorporados às dinâmicas.

Sob essa ótica, pretendemos extrair de nossas análises dos produtos da mídia a respeito do Projeto de Revitalização do Largo do Ó, o posicionamento dela no acontecimento e sua relação com os outros discursos. Como se articula a enunciação e os sentidos da mídia com os demais?

O Projeto de Revitalização do Largo do Ó recebeu destaque da Mídia, denominado Grupo 1, que registrou os episódios e fases que considerava relevante. Levando em conta o período de 2011 a 2012 foram levantados os seguintes representantes dessa categoria: o jornal de maior tiragem e distribuição produzido na cidade, a Folha de Sabará que publicou sete matérias com informações relacionadas ao Projeto. Ainda na imprensa local, o boletim virtual “Cultura em Foco / Cultura Sabarense” que começou a circular na Internet em Abril de 2012 e publicou um total de 30 edições, sendo que em 4 delas foram identificados assuntos referentes ao Projeto. Outro importante veículo impresso foi o jornal Estado de Minas, que também se posicionou sobre o acontecimento em uma das edições de seu periódico. Na mídia digital foram localizados vários sites que divulgaram a notícia. Dentre eles o portal de turismo Panrotas, o portal de notícias da Globo G1, o portal do Instituto do Patrimônio e Artístico Nacional IPHAN, o site da Associação de Defesa Civil do Patrimônio Histórico Defender e o site do Instituto Yara Tupynambá, uma das instituições envolvidas na execução do Projeto. Foram encontrados ainda 3 vídeos, sendo dois deles produzidos pela Rede Globo de Televisão e veiculado no noticiário do estado MGTV e 1 pelo canal mineiro TV Horizonte.

TABELA 1
Levantamento de Publicações na Mídia

MEIO	NOME / TIPO	PUBLICAÇÕES SOBRE O PROJETO
IMPRESSO	Folha de Sabará – jornal local	7
	Estado de Minas – jornal regional	1
VIRTUAL	Cultura em Foco / Cultura Sabarense – boletim via e-mail	4
	Panrotas – portal sobre turismo	1
	G1 – portal de notícias	1
	IPHAN – portal institucional	1
	Defender – portal institucional	1
	Yara Tupybambá – portal institucional	1
ELETRÔNICO	TV Globo - reportagens	2
	TV Horizonte - reportagem	1

Fonte: A autora.

5.3.2 Grupo 2: Habitantes

O conceito de lugar já discutido anteriormente, adota nesta pesquisa o entendimento de que se constitui em um espaço de convivência e interações sociais. Portanto, habitar não consiste apenas em mera função residencial, e como tal, todos os sentidos inscritos em suas várias colocações dependem da compreensão que se tem dessas acepções, objetificados em contextos de ação social, onde o indivíduo e o coletivo partilham experiências.

Os sujeitos que habitam o território é que proporcionam junto a ele movimentos de evolução. A sociedade está embutida na forma geográfica, e para se pensar nesta é inevitável que se reflita àquela, assim como suas percepções. Cada componente possui um papel distinto nessa totalidade, mas que não deixa de ser fundamental. Para Milton Santos (2008) o espaço é uma realidade relacional às transformações quantitativas e qualitativas e o espaço habitado é uma das formas de revelação do dinamismo do fenômeno humano. A urbanização faz com que cada vez mais os lugares sejam o reflexo

das intervenções executadas pelos indivíduos que a habitam. “Cada pessoa, cada objeto, cada relação é um produto histórico. (...) Há uma interdependência entre os objetos e as relações” (SANTOS, 2008, p. 57). A reflexão acerca da dependência mútua entre bens materiais e imateriais já havia iniciado a nossa condução por esse caminho. Seria empobrecedor pensar no ambiente construído sem levar em conta os indivíduos que vivenciam ali seu cotidiano e consequentemente fixam nele seus modos de agir e pensar no contexto analisado. Mais do que uma simples necessidade biológica de moradia, o habitante constitui interações com o seu entorno.

Os habitantes são então agenciadores do espaço integrados a urbe, que é também uma instância social impregnada de marcas. Nesta acepção, um se torna dependente do outro para dar conta do interminável processo das experiências cotidianas. O Largo e Capela do Ó são o *locus* de estudo da presente pesquisa, mas que também examina por sua vez, a interação deste com os sujeitos sociais que o ocupam com alguma frequência. São eles que reivindicam mais enfaticamente as ações que os atingem, por fazerem direta e diariamente parte do cenário. A ocupação habitacional é aqui entendida pelo conjunto de atores sociais que desempenham papéis constantes no espaço geográfico, sem necessariamente morar no território limitado para a investigação. Estes interlocutores influenciam diretamente na organização e valorização do espaço urbano em questão.

O Grupo 2, denominado de Habitantes, foi demarcado pelos moradores do Largo do Ó, que constituem os personagens basilares tendo em vista a ligação e proximidade que possuem com o lugar e consequentemente com o Projeto de Revitalização. Mas, percebemos necessário levar em consideração também os moradores de outras localidades da cidade de Sabará, que apesar de não terem suas residências fixadas ali, são atores fundamentais, pois o Largo e a Igreja do Ó compõem o município. Pessoas que trabalham ou realizam alguma atividade frequente no Largo também foram inseridas nessa categoria.

FIGURA 7
Integrantes do Grupo 2



Fonte: A autora.

O espaço é produzido e reproduzido pelos atores nele envolvidos. Portanto, é também a partir das formações discursivas desse grupo que teremos possibilidade de aferir a relação destes interlocutores com os outros assim como com o Largo, Igreja do Ó e Projeto de Revitalização.

5.3.3 Grupo 3: Visitantes

Não pretendemos nos ater a definição exata do vocábulo *visitantes*. O que implicou a escolha da terminologia para compor o grupo, foi o fato de verificar durante as pesquisas de campo que os indivíduos que, por algum motivo estavam no local escolhido para a realização da pesquisa, não o faziam exclusivamente voltados à atividade turística. Apesar de ter sido a primeira escolha para nomear a categoria, e de suma importância nela, não era privilégio apenas dos turistas a permanência e contemplação do Largo e Capela do Ó.

Para se ter uma ideia da complexidade e imprecisão dos termos, em decorrência do difícil ajuste entre realidade e conceitos, convém destacar o critério proposto pela Organização Mundial do Turismo – OMT, quanto as definições. Variando entre turista, visitantes e

excursionistas, as nomenclaturas se adequam conforme dados técnicos e estatísticos. A pretensão da nossa pesquisa no entanto não é explorar esse viés, mas sim compreender, assim como os outros interlocutores, qual a relação das pessoas que passam por aquela localidade com o ambiente, e qual discurso é elaborado por elas.

Ainda que formado por um grupo bastante heterogêneo, convém esclarecer o motivo pelo qual foram inseridos entre os interlocutores. O fato de encontrarmos durante todas as visitas ao local, indivíduos que se identificassem com esse grupo e serem citados nas narrativas dos demais interlocutores levou-nos a considerá-los como categoria participante do processo, mesmo que de forma discreta. A exigência partiu da percepção de que as pessoas que se deslocavam até o Largo e a Capela do Ó era fundamental para o grupo dos Habitantes, Mídia e Colaboradores.

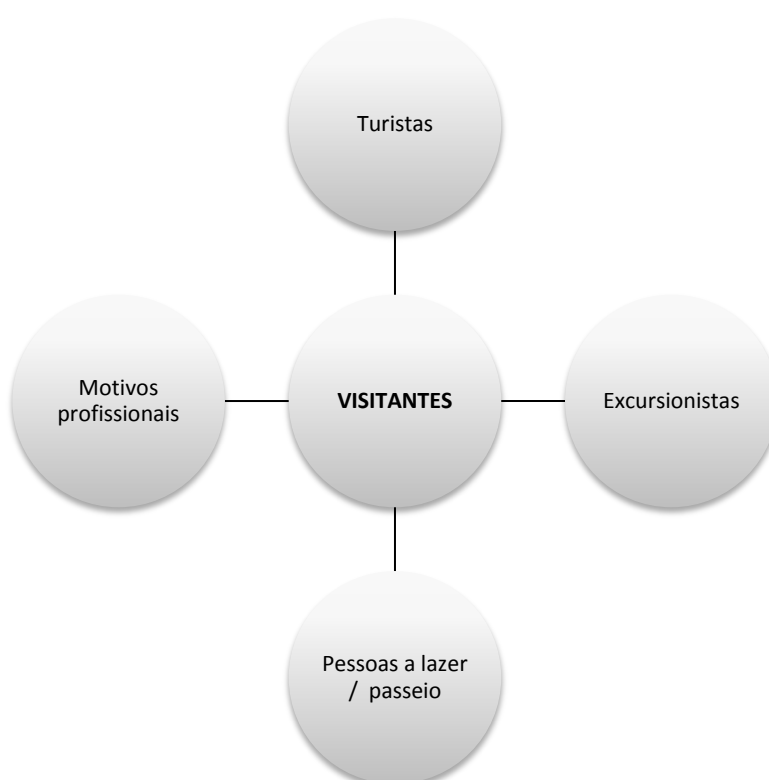
Tendo em vista que o lugar é tombado pelo patrimônio e atrai uma diversidade de público com as mais variadas pretensões, é natural que esses atores fizessem parte constante do cenário. Entretanto, o fator determinante para a tomada da decisão foi em função da frequente menção aos visitantes por representantes dos outros grupos, afinal como observaremos mais adiante, foi constatado que eles não tinham conhecimento do Projeto de Revitalização do Largo do Ó. É conveniente salientar também, que para fazer parte do acontecimento estudado, os Visitantes não haviam necessariamente que estar cientes da sua atuação no mesmo, afinal ela se deu de forma indireta.

Os componentes dessa categoria trazem em suas bagagens experiências próprias e diferentes a dos outros interlocutores, fazendo com que a relação entre eles também se atrele ao arranjo já configurado. A representação do patrimônio cultural assim como do acontecimento (quando mencionado aos cooperadores desse grupo) possui características simbólicas peculiares, que ao cruzar com outras, formarão um novo quadro. Nessa perspectiva, cabe buscar dar conta também, de como os Visitantes estão imbricados na interação com os outros grupos e quais os contornos da memória, apropriação, vínculos e identificação por parte deles.

Compuseram o Grupo 3 os indivíduos que se deslocam de pontos diferentes de suas residências para conhecer por algum motivo o Largo e a Capela do Ó. Como já foi dito, não consideramos somente os turistas, pois além deles, notamos a presença de outros

atores. Grupos escolares em excursão e em determinada situação até mesmo um casal residente na cidade, que aproveitava o feriado para fazer uma visita ao Largo são integrantes da categoria denominada Visitantes. A figura abaixo ilustra de forma provisória a formação desse grupo, que como os outros possui a possibilidade de ser flexionado e não estar engessado em participantes rigidamente determinados.

FIGURA 8
Formação do Grupo 3



Fonte: A autora.

Assim como os outros grupos de interlocutores, a categoria denominada Visitantes imprime parte de seu olhar através das narrativas. Estas, serão utilizadas para fazer o cruzamento com informações obtidas nos outros discursos e analisar o modo de agir e sofrer característico dessa parte integrante da nossa investigação.

5.3.4 Grupo 4: Colaboradores

A definição de colaborador é comumente utilizada para designar pessoas que contribuem com alguma instituição por meio do trabalho. Além de funcionários de uma organização, o termo também está atrelado às pessoas que fazem parte desse quadro como prestadores de serviço, ou seja, que se relacionam por meio do desempenho de alguma atividade.

A noção de colaborador pode em alguns momentos se fazer confundir com a de empregado. Entretanto, a condição adotada neste trabalho está ligada a ideia daquelas pessoas ou organizações que contribuíram de forma remunerada ou não no Projeto de Revitalização do Largo do Ó, e não necessariamente de forma regular. É preciso reconhecer que embora fundamental para o desenvolvimento do Projeto, assim como o grupo denominado Visitantes, a categoria Colaboradores somente foi inserida na medida em que as pesquisas de campo conduziram seu olhar a estes personagens que eram frequentemente citados. Não que este grupo tivesse sido desprezado, mas ingenuamente não foi detectado em um primeiro momento.

Não houve um levantamento detalhado que indicasse todos os indivíduos que prestaram atividades relacionadas ao Projeto de Revitalização, mas sim a condução espontânea a algumas pessoas que podiam responder pelo grupo Colaboradores. Nas situações de dificuldade de acesso aos sujeitos que receberam algum destaque nessa categoria, foram feitas tentativas de contato por e-mail e telefone. Outra possibilidade foi articular suas falas sobre o assunto publicadas na mídia. Vale sublinhar que alguns indivíduos que se adequam no Grupo 2 (Habitantes) também fazem parte do Grupo 4, pois alguns moradores locais foram priorizados na contratação de mão de obra para a execução do Projeto, dentre outras funções que os acomodam em mais de uma categoria.

Apresentando-se também como instância de valorização do simbólico, esse grupo interage com os outros refletindo na vida social e cultural seu ponto de vista. Mesmo que em muitas das vezes servissem a propósitos práticos e econômicos, as narrativas dos representantes dessa categoria estavam impregnadas de significações que se tornaram partes inseparáveis da totalidade social. Para Hanna Arendt (2007, p. 105) é a linguagem e as experiências humanas por trás delas que nos ensinam as coisas do mundo. Estas

transcorrem na *vita activa* e são de naturezas diferentes, produzidas por diferentes tipos de atividade vistos como os produtos do trabalho. E são estes que por sua vez garantem permanência e durabilidade sem as quais o mundo seria impossível.

Esse argumento traduz, portanto, a importância de considerar os chamados colaboradores no contexto pesquisado. A tradução de suas experiências os aloca em naturezas diferentes, sem portanto deixarem de ser uma divisão produtora e reprodutora de sentidos.

A iniciativa de inserir essa categoria também nos possibilita a oportunidade de aprofundar a reflexão sob mais uma perspectiva que oferece significados aliados à sua experiência e portanto dialogam com os outros. A representação atribuída por esse grupo aos aspectos estudados, ora vai convergir ora discordar dos diferentes pontos de vista analisados. Mas sem dúvida, é mais um elemento que compõe a trama e não pode ser desconsiderado. Trata-se de uma das vozes que assume um papel no cotidiano do Largo do Ó e mais precisamente no Projeto de Revitalização e concebe sua relação de troca e interação com os outros interlocutores.

TABELA 2
Composição do Grupo 4

ORGANIZAÇÃO / INSTITUIÇÃO	FUNÇÃO
Instituto Yara Tupynambá	Artista Plástica
Instituto Yara Tupynambá	Presidente do Instituto
Instituto Yara Tupynambá	Arquiteta responsável pelo Projeto
Prefeitura Municipal de Sabará	Secretário de Cultura
Tintas Coral	Representante da empresa
Casa e Tinta	Presidente da empresa

Fonte: A autora.

Portanto, os trabalhadores dos órgãos e instituições que de alguma forma se envolveram, participaram e se responsabilizaram pelo Projeto, e que com frequência eram citados nos

depoimentos concedidos pelos moradores, foram considerados os Colaboradores, denominados Grupo 4.

Vale reforçar e destacar que, assim como as demais, pretendemos flexionar nosso olhar para a categoria Colaboradores enquanto interlocutores que influenciam na dinâmica do acontecimento, fazendo com que seus movimentos sejam também o resultado de suas ações.

6. PANORAMA CONTEXTUAL DO OBJETO DE ESTUDO

Para apreender com mais clareza como a temática do patrimônio cultural pode ser tratada de maneiras distintas em função da diversidade de elementos que a compõe, a sugestão foi selecionar um acontecimento como *ferramenta heurística* (FRANÇA, 2012) que possibilitasse a observação de como ele foi comunicado e interpretado pelos diferentes participantes que sobressaíram no processo.

Delinear a paisagem da pesquisa servirá de ponto de referência para o lugar onde se desenrola a ação, além de deter a dimensão simbólico-interpretativa das relações sociais em sequências interativas. O envolvimento subjetivo e o posicionamento dos interlocutores no acontecimento será pensado a partir do conjunto de princípios de organização que conformam os *quadros*⁷. Apesar de haver sobreposição deles, em função da diversidade de situações concomitantes, é possível, segundo Goffman (1986), isolar alguns quadros principais que auxiliam na compreensão da disposição de elementos na experiência (GOFFMAN, 1986, p. 9). Ou seja, são angulações que tornam as situações inteligíveis. Elas ajudarão a estruturar o acontecimento através de recursos sociais e culturais desvelados no contexto.

Portanto, na tentativa de compreender esse arranjo, optamos por caracterizar melhor nosso referencial empírico antes de partir para a análise, a fim de situar melhor alguns elementos que julgamos importantes e salientes para uma futura visão holística. Partindo do entendimento de que há elaborações e reelaborações diferenciadas entre diferentes agentes sociais de um conteúdo culturalmente hegemônico, trata-se de posicionar gradativamente os sujeitos / interlocutores apontados em seu ambiente cotidiano e universo simbólico, nos quais as experiências são efetivadas. Assim, para tecer a análise desta pesquisa utilizamos um recorte que recaiu sobre o Projeto de Revitalização do Largo do Ó e que envolveu os quatro grupos de interlocutores já indicados anteriormente. A localização do acontecimento que teve duração de 12 meses foi o município de Sabará,

⁷ Adotaremos nesta pesquisa uma visão ampla onde o conceito de *quadro* se refere a princípios organizadores das práticas sociais e culturais. São esquemas de interpretação que ajudam a definir situações e ordenar a realidade percebida.

atividades econômicas que se desenvolveram em Sabará desde a sua fundação tiveram impacto sobre o seu conjunto urbano e arquitetônico. Com a descentralização econômica, refletida na agricultura de subsistência, na extração mineral e na incipiente industrialização, os espaços individualizados tomaram o lugar dos locais de convivência coletiva, que se tornaram cada vez mais escassos. A arquitetura ganhou contornos modernos e convive, nem sempre harmoniosamente, com o acervo histórico.

Sabará conta hoje com maior diversificação econômica e tem entre as principais empresas industriais a antiga Companhia Siderúrgica Belgo-Mineira (atual ArcelorMittal), que continua sendo uma das principais no setor de metalurgia básica. Além das atividades ligadas à reserva mineral e agropecuárias no setor primário, o artesanato é também uma importante fonte de renda para parcela da população, além de fundamental manifestação da cultura de Sabará.

6.1.1 Breve História

Sabará surgiu das expedições acompanhando a pecuária e bandeiras paulistas à procura de pedras preciosas. Tendo sido fundada provavelmente em fins do século XVII, foi um importante núcleo comercial e de mineração. Segundo ÁVILA (1984), o acervo histórico de Sabará constitui marco inicial para o conhecimento de todo o Barroco Mineiro. A cidade possui monumentos das três fases deste período e acervo como importante testemunho em Minas, incluindo não apenas obras consagradas pelo seu caráter monumental ou de comprovado valor histórico, mas também espaços públicos e conjuntos de edificações nas várias expressões da evolução urbana.

A cidade abrigou milhares de escravos que trabalhavam em suas jazidas. O ouro encaminhado à Coroa Portuguesa era em tal quantidade que o governo instalou a Casa da Intendência de Sabará para facilitar a cobrança do quinto, que era Imposto cobrado pela Coroa portuguesa sobre o ouro encontrado em suas colônias. Em 1838 a então Vila Real de Nossa Senhora da Conceição do Sabará foi elevada à categoria de cidade, sendo denominada simplesmente Sabará. O município não foi exceção à regra de que durante a colonização portuguesa no Brasil, quase tudo em matéria de educação, cultura e

assistência social correu por conta das ordens religiosas, corporações de irmandades e ordens terceiras.

A chegada da Estrada de Ferro Central e da siderurgia à Sabará teve como objetivo dar vida nova ao estado de prostração econômica provocada pela decadência da mineração. O município foi atraído pelo futuro, modernização e transformação de seu espírito colonial. Na década de 1890 as obras de construção da Estrada de Ferro Central do Brasil em Sabará foram iniciadas. Por localizar-se próxima à recente capital do Estado, a estrada adquiriu grande importância política e estratégica, e contribuiu para a alteração da vida na cidade. As jazidas de ouro de Minas Gerais estavam esgotadas e o crescimento do setor industrial do Brasil demandava novas iniciativas.

Porém as condições internacionais desfavoráveis da Primeira Guerra Mundial atrasaram a instalação da siderurgia, que só teve o seu projeto implantado a partir de 1920. Além disso, a infraestrutura precária e a concorrência estrangeira exigiam novos investidores. Foi por intermédio do rei Alberto I da Bélgica, que chegou a Minas Gerais o grupo belgo-luxemburguês Arbed (*Aciéries Reunies de Burbach-Elch-Dudelange*), que resolveu se associar a Companhia Siderúrgica Mineira que passou a se chamar Companhia Siderúrgica Belgo-Mineira. Foi instalada uma usina piloto, porém seu desempenho não foi o esperado pelos investidores, pois o ramal ferroviário necessário para sua operação não tinha sido construído. Entre 1926 e 1927 a usina ficou paralisada quando o grupo belga resolveu enviar ao Brasil o engenheiro Louis Ensck, que assumiu a chefia, providenciou novos equipamentos e melhorou a qualidade do produto. Mas as condições econômico-sociais da cidade ainda não eram adequadas para garantir mão-de-obra.

Atrelada à condição de prolongamento da capital, Sabará viveu durante anos o abandono e foi condenada ao papel de “cidade dormitório”.

6.1.2 Cenário Cultural

Grande marco cultural para o município aconteceu em 1819 quando uma edificação na atual Rua Dom Pedro II alterou a rotina de Sabará. No momento em que a extração do ouro entrava em declínio, a cidade esforçou por igualar sua vida cultural a de outras vilas mineiras. Em julho do referido ano foi inaugurado o Teatro de Sabará. Mesmo fechando

suas portas quando a capital de Minas Gerais se mudou para Belo Horizonte em 1897, ficou demarcado o início do período em que a cidade se dava conta da importância social das manifestações culturais de toda ordem.

A cidade possui um popular carnaval mineiro e a semana santa é marcada por procissões e cerimônias. A Abertura do Sepulcro é uma delas e realizada apenas em Sabará, na quinta-feira Santa. Há também a Via Sacra, que reúne centenas de pessoas, saindo do Centro Histórico na madrugada da sexta-feira da Paixão com destino à Capela do Senhor Bom Jesus, um dos pontos mais altos do município e a encenação da Paixão de Cristo, espetáculo teatral que utiliza igrejas como cenário. O Corpus Christi é outra manifestação religiosa de Sabará. Os moradores enfeitam as ruas com tradicionais tapetes de serragem e flores para a passagem da procissão pela manhã. No antigo arraial do Pompéu, local também conhecido pela fabricação de aguardente, acontece o Festival do Ora-pro-nobis, que é um vegetal abundante na região e muito utilizado em pratos culinários.

Realizada em junho, a festa de Santo Antônio de Roça Grande atrai romeiros em busca de graças. O município realiza em julho o Festival de Inverno, com eventos e oficinas culturais realizados nos bairros do município. Em outubro, a Festa de Nossa Senhora do Rosário evidencia as tradições do povo negro e próximo ao fim do ano acontece o Festival da Jabuticaba. O calendário ainda integra outros eventos como a Folia de Reis, Festa do Divino, Festa do Criador, Festa do Cavalo de Ravena, Festa de Sant'Ana, Feira de Arte e Artesanato, Festival da Banana, Festa de Nossa Senhora da Conceição, Festas de São João, São Pedro etc. Mas estas atividades, vez ou outra sofrem alguma modificação.

Os bens imateriais são compostos pelo registro do Festival da Jabuticaba e a Renda Turca de Bicos. Em 2007 a festividade foi a primeira inscrição no Livro das Celebrações, que é um dos livros de registro do Patrimônio Cultural de Sabará. Com intenção de manter as técnicas vivas e o saber fazer, a Prefeitura Municipal realizou também o registro da Renda Turca de Bicos como Bem da Cultura de Natureza Imaterial no município de Sabará (número 410/2002, Decreto nº 42.505, de 15/4/2002) e tenta fazer o mesmo com a Palma Barroca. Já os bens materiais móveis possuem grande variedade de tombamentos. Dentre eles imagens, sinos, castiçais, crucifixo, pias de água benta etc. O

acervo histórico compõe o cenário sabarense e deve ser considerado fator importante da situação econômica.

Na categoria de bens imóveis a Matriz de Nossa Senhora da Conceição e sua suntuosa decoração faz menção à arte colonial mineira. A igreja de Nossa Senhora do Carmo guarda valiosas obras de Aleijadinho e o Museu do Ouro um rico acervo sobre o período da mineração no século XVIII. A Casa Azul, de propriedade particular e o Solar do Padre Corrêa (1773) possuem algumas salas cujos forros ainda apresentam pinturas alusivas à sua utilização. A edificação possui Capela interna no estilo Rococó e funciona atualmente como sede da Prefeitura.

O Teatro Municipal tem uma conhecida e diferenciada acústica e é o segundo mais antigo do Brasil. A Casa Borba Gato denota a primeira metade do século XVIII e apesar de popularmente conhecida como residência do bandeirante paulista, não existem elementos documentais que comprovem tal afirmativa. O Chafariz do Rosário, construído em 1752 é considerado um belo exemplar de ornamento em pedra-sabão que lembra por suas linhas arquitetônicas trabalhos encontrados na Igreja do Carmo. Já o Chafariz do Kaquende, de 1757, é um dos mais famosos de Minas.

No entanto, no presente trabalho, daremos ênfase a uma construção específica. Também com grande destaque na arquitetura, a Igreja ou Capela do Ó, assim como o seu entorno, o Largo do Ó, serão evidenciados por tratarem do ambiente selecionado como referencial empírico das nossas análises.

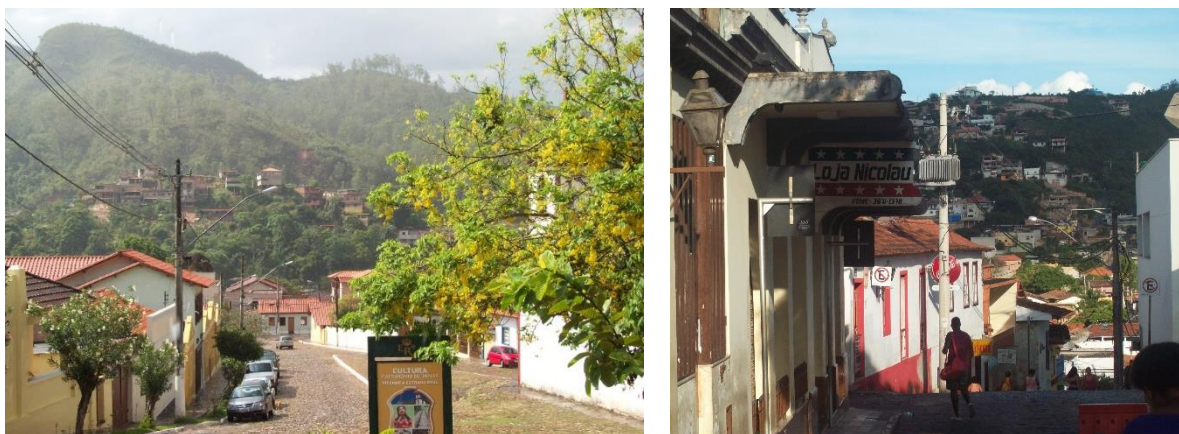
6.1.3 Quadro atual

Não pretendemos fazer uma descrição exaustiva do cenário recente do município de Sabará. Os pontos considerados relevantes e que de alguma maneira tiveram efeitos nos discursos formulados é que serão brevemente apontados. Em uma abordagem ampla, levaremos em conta alguns fatores que reverberam na atualidade e suas narrativas.

A ocupação urbana apresenta um padrão descontínuo e crescente que confere a Sabará variações referentes às questões estruturais, sociais e econômicas. As áreas mais carentes são justamente onde as pessoas possuem baixa renda, baixo nível de

escolaridade e dificuldade de acesso a serviços e infraestrutura. Observa-se nitidamente nos dias de hoje muitas ocupações irregulares tomando regiões inteiras e encostas. E são justamente nos locais de maior fragilidade social e ocupação incoerente onde se percebe o emprego de alterações na paisagem natural. A frágil base econômica acentua carências e discrepâncias que refletem de forma negativa na evolução favorável de Sabará.

IMAGEM 1
Ocupações nas encostas



Fonte: A autora.

Apesar do tecido remanescente ao período colonial, as propriedades arquitetônicas e artísticas sofreram inúmeras sobreposições ao longo do tempo, favorecendo a descaracterização da qualidade de histórica “cidade cartão postal”.

Sabará não é identificada como um arranjo produtivo em turismo, que em detrimento do seu papel histórico e da arquitetura local seria presumível. A atividade tenta se impor, mas sem um planejamento contínuo e eficaz. O corpo técnico e a proposta turística ainda possuem caráter amador e o resultado são lacunas deixadas, como por exemplo, o impacto em alguns pontos considerados turísticos, acentuado pela poluição visual e ocupações nas encostas, que muitas vezes causa desequilíbrio entre o cenário histórico e seus arredores.

IMAGEM 2
Monumento Histórico ao fundo: vista comprometida



Fonte: A autora.

Não se trata aqui de apoiar um congelamento no passado, mas sim defender o respeito aos valores em meio as intervenções do presente, tendo em mente a integridade do meio ambiente urbano. A malha urbana é fragmentada, com espaços diversificados que acompanham a realidade de cada fase vivenciada e os investimentos por ela recebidos. Além da instabilidade econômica e social, a relação da paisagem sabarense com o seu entorno está ameaçada principalmente no perímetro do hipercentro, fazendo necessária uma revisão e aplicação da legislação local vigente.

Outro ponto que se faz importante destacar é a carência da “vida cultural” no município. Apesar de estar presente entre as principais rotas nacionais das cidades históricas, a programação e os espaços voltados para o turismo e atividades de entretenimento e lazer são na realidade escassas. Embora exista um calendário cultural próprio, a maioria das festividades está ligada às comemorações tradicionais, mantendo empobrecida a rotina diversificada para atrações literárias, gastronômicas, teatrais, musicais, de artes plásticas e visuais (o cinema permaneceu desativado por muitos anos e atualmente passa por reforma), exposições etc.

Como mencionado a respeito do cinema, há carência de locais para a execução destas propostas, fazendo com que grande opção da população esteja voltada às ruas, bares, restaurantes e festas populares com certo grau de impacto. A cidade não dispõe de estrutura eficiente para estas modalidades de eventos, o que acaba afetando a manutenção das suas condições básicas e atraindo um público “menos comprometido”,

que também não possui opções de lazer próximas às suas moradias. Essas características não são particularidades de Sabará, mas colaboram para o reflexo da falta de investimento social, ausência de planejamento e ocupação desordenada no município.

A consequência é que mesmo as poucas alternativas acima elencadas acabam se concentrando no Centro Histórico, considerado um local apazível. E as sequelas nesse importante ponto da cidade são hábitos como a depredação e atos de vandalismo ao patrimônio; uso e venda constante de drogas e bebidas alcoólicas, inclusive para menores; carros com equipamentos de som potentes, ligados em volume exagerados e acima de níveis recomendados pela Organização Mundial de Saúde – OMS. Dentre outras, essas práticas acabam se aliando a problemas comuns ao panorama de muitas cidades brasileiras, como a insegurança, violência e falta de policiamento, que afastam o turista e um público pacífico e interessante para o desenvolvimento da cidade.

IMAGEM 3

Carros com equipamentos de som potentes no centro histórico



Fonte: A autora.

Outra forte característica da maioria dos eventos em Sabará é a sua intensa ligação com as questões de ordem política, que de certa forma comprometem a imparcialidade e função estritamente social e educativa dos mesmos. Aliás, é considerável ressaltar que o cenário político atual da cidade passou por uma drástica mudança. Governado durante 16

anos pelo mesmo grupo político, as últimas eleições provocaram alvoroço no município, quando a disputa foi acirrada, porém vencida pelo antigo adversário e também ex-prefeito de Sabará. Naturalmente muita atenção foi dada ao fato, pois o processo em si e as mudanças decorrentes do resultado certamente originam implicações que alcançam a todos.

No que diz respeito aos veículos de comunicação, a realidade sabarense tem especialidades diferentes da encontrada nos grandes centros, apesar do município estar situado a uma pequena distância de Belo Horizonte. Como qualquer outra cidade, em Sabará, fatores como o ritmo de vida, renda, interesses públicos, mão de obra e mídias disponíveis possuem características particulares. Tais propriedades vão desde a própria cultura ao cotidiano do público onde a realidade ainda possui traços conservadores e os aparatos tecnológicos tem alcance restrito e proporcional ao perfil da população. As mídias 'locais', que além de possuírem poucos veículos, muitas vezes não conseguem atingir o alcance desejado. Ações como panfletagens, carro de som e outras mídias alternativas são bastante utilizadas. Por isso, nem sempre a informação depende de um veículo para se propagar e atitudes de mobilização social ou parceria entre instituições bem conceituadas possuem grande aceitação e trazem resultados significativos. No entanto, apesar da pequena escala da mídia 'local', não se pode negligenciar suas funções próprias e condições específicas que atendem parcialmente a demanda do sujeito nesta localidade.

Mesmo diante da complexidade e dimensão dos problemas expostos, o município possui muitas potencialidades e apresenta a proximidade e facilidade de acesso à capital do Estado como ponto positivo. Se houver direcionamento, profissionalismo e gestão pública competente, o turismo e a cultura local são áreas essenciais com inúmeras possibilidades a serem exploradas.

As novas formas de ocupação, valores e ritmos da sociedade sabarense hodierna tem um comprometimento maior com a questão sustentável para o desenvolvimento urbano e preservação do patrimônio. Adequar as necessidades atuais levando em conta o contexto histórico e elementos da malha urbana estão sendo aos poucos incutidos na mentalidade da população que amadurece gradativa e lentamente, como em todo processo histórico.

6.2 A Capela e o Largo de Nossa Senhora do Ó

Os portugueses que vieram povoar o Brasil tinham um sentimento comum, que para Waldemar Barbosa (1979, p.384) se resume em “muita religiosidade, um quase misticismo, fé profunda, devoção firme a Nossa Senhora, nos seus mais variados títulos, sobressaindo o de Nossa Senhora da Conceição”. Portanto, não é simples coincidência ser Nossa Senhora da Conceição a padroeira de Sabará. É importante destacar que Vila Real de Nossa Senhora da Conceição do Sabará é o nome que recebeu em 1711, quando foi elevada à categoria de vila. O forte espírito de religiosidade influenciava até mesmo na denominação dos povoados mineiros. Ao adentrar o sertão em busca de ouro, os portugueses incutiram em Minas Gerais a representação de sua devoção. O povoado era desenvolvido ao redor de uma capela, assim como toda casa, por mais simples que fosse, tinha um oratório. A construção de capelas e igrejas foi incansável por todo o território mineiro entre os séculos XVII e XIX.

6.2.1 A Capela

Pertencente à Paróquia de Nossa Senhora da Conceição, que também dá nome a padroeira de Sabará, a Igreja ou Capela de Nossa Senhora do Ó é uma das edificações construídas na cidade durante o século XVIII e considerada requintada criação que traz ricos elementos da primeira fase do barroco.

IMAGEM 4

Capela de Nossa Senhora do Ó em Sabará



Fonte: A autora.

Sua construção começou em 1717, mas estudos indicam que o programa construtivo original foi alterado além de modificações e acréscimos posteriores.

A edificação foi erguida em homenagem a Nossa Senhora da Expectação do Parto. Mas acabou sendo popularmente conhecida por Nossa Senhora do Ó pelo fato dos cânticos proferidos nas festas que antecediam o natal terem seus versículos precedidos pela interjeição exclamativa Ó. Seu altar exibe uma rara imagem que mostra a santa grávida.

IMAGEM 5

Imagem de Nossa Senhora da Expectação do Parto na Capela do Ó

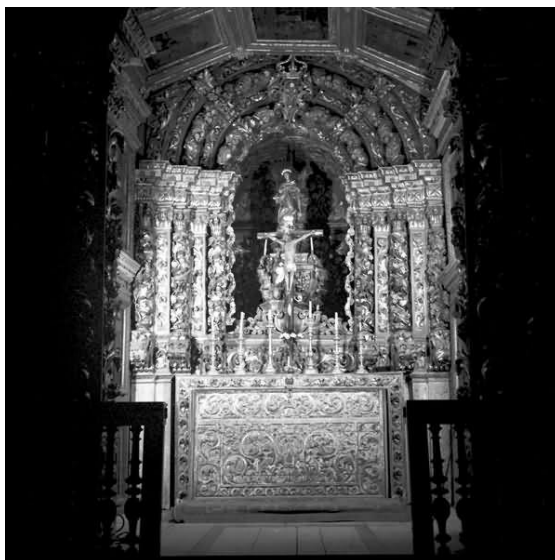


Fonte: Blog Arte e Religião.¹⁰

Uma das características que mais chama atenção na Capela do Ó é o contraste entre seu exterior marcado por linhas rudes da arquitetura, com o seu interior, onde existe uma riqueza de elementos que dá à singela construção status de catedral.

¹⁰ Disponível em < <http://artereligiao.blogspot.com.br/2011/12/18-de-dezembro-nossa-senhora-da.html>>. Acesso em 14 de fevereiro de 2013.

IMAGEM 6
Capela-mor da Igreja de Nossa Senhora do Ó



Fonte: Laboratório de Fotodocumentação Sylvio de Vasconcellos.

A parte interna da Capelinha do Ó, como é afetuosamente chamada, possui traços chineses em painéis vermelhos com desenhos de ouro imitando as lacas de estilo oriental e os personagens bíblicos, por exemplo, possuem os olhos puxados (IEPHA, 2009).

IMAGEM 7
Detalhe de arte Chinesa



Fonte: Boletim UFMG.

As pinturas mostram narrações bíblicas, símbolos de ladainhas entre talhas e molduras que integram uma mesma linguagem. A luz chega somente da fachada e interfere no brilho interior, acentuando ou mostrando as figuras e detalhes de sua talha (BAZIN, 1983, p.340).

6.2.2 A Festa e o cotidiano

Os ornamentos da Capela dignos de destaque, são caracterizados como profanos e festivos pelo historiador Teixeira Leite no Boletim da UFMG, e justificados pelo fato de que repisam o caráter “da religiosidade barroca brasileira e mineira, mais preocupada com músicas e foguetórios que propriamente com unção e piedade. (UFMG, 2005). De fato a colocação se fez pertinente, quando nos deparamos com a realidade e rotina da cidade, a importância de costumes e tradições que estavam atreladas ao Largo e a Capela do Ó.

A primeira observação que foi frequentemente reiterada se referia à Festa de São João, constatada como tradicional e peculiar ao Largo do Ó pela maioria dos entrevistados.

A festa possui uma essência multicultural e é celebrada em vários países com o intuito de homenagear santos populares. No Brasil comemora-se a data em 24 de Junho, dia do nascimento de São João, personagem da igreja católica. Dentre os costumes da festa, também conhecida como festa junina, estão o uso de balões, fogueiras, danças, brincadeiras etc.

No entanto, o que importa ser frisado no caso do Largo do Ó, é o valor que a Festa de São João possui para a população.

- *Eu acho muito bonito, faz parte da cultura do povo, sempre foi... Você vê que uma festa de 80 anos, praticamente a gente foi criado nesse ambiente de festa. Eu me lembro que a Festa nem era assim, era embaixo de uma árvore que tinha ali, uma árvore imensa mesmo. E a gente fazia as barraquinhas e as brincadeiras ali de baixo. Francisco Teixeira, 62 anos. Aposentado e morador do Largo (novembro de 2012).*
- *Nós temos uma famosa Festa de São João Batista, que inclusive foi fundada... Meu pai que ajudou nessa Festa. Toda vez, quando ele era vivo ele ajudou. (...) Antigamente tinha muita fogueira, o churrasco era feito com churrasqueira de carvão, era tudo mais natural. E era mais*

festa de vizinhos, tinha canjica de graça. Antônio Bárbara Oliveira, 69 anos. Aposentado e morador do Largo. (novembro de 2012).

- *A festa mais importante aqui é a Festa de São João. No mês de Junho, São João é 24 de Junho. Então coloca fogueira, barraquinha. Já deve ter mais de 60 anos essa festa aí. Nair Augusta Pontes, 77 anos. Aposentada e moradora do Largo (novembro de 2012).*
- *Temos a Festa de São João, que é muito boa a festa, é famosa! E a gente faz parte, sempre tá dentro da barraquinha. E é muito boa, a gente distrai bastante, no dia da festa é muita gente. (...) No tempo dessa Festa de São João a canjica era de graça, tinha o boi da manta, o pau de sebo. E a canjica era repartida aqui. Maria Irene Pinto de Melo, 72 anos. Dona-de-casa e moradora do Largo. (novembro de 2012).*

Composta de rituais como o levantamento de mastro e bandeira, barraquinhas, fogueira, apresentações musicais e dança de quadrilha, um dos objetivos é arrecadar recursos destinados à manutenção da igreja. Há uma grande preocupação em relação a sua continuidade e preservação por parte dos moradores do Largo, já que eles percebem atualmente a banalização e descaso pelos mais jovens com a manifestação.

Enquanto rememoram os detalhes da festa de São João, percebe-se a afeição que possuem pela tradição ao mesmo tempo em que temem que ela acabe. Residente no Largo desde seus 23 anos, quando casou, a Ministra da Eucaristia e Coordenadora da Comunidade Dona Biá, e o aposentado da antiga Belgo Mineira Francisco dizem que todos gostam da festa, porém:

- *Devia ter mais colaboração, mais interesse. A gente tem medo de acabar. Tem que manter a tradição que é muito importante. Se os jovens não pegarem acaba. A gente não pode deixar acabar. Dona Biá, 73 anos. Aposentada e moradora do Largo. (novembro de 2012).*
- *O pessoal de hoje, a meninada não quer pegar. Então a gente não consegue ninguém de novo pra ajudar, fazer nada. Nas barraquinhas de São João é só gente de idade trabalhando. A gente convoca, chama, mas ninguém vem. (...) As pessoas que mexem, que ajudam vão ficando mais idosas e a gente não está vendo possibilidade dos mais jovens dar continuidade. Francisco Teixeira, 62 anos. Aposentado e morador do Largo (novembro de 2012).*

Cláudio Vieira e Dona Nair também reforçam esse sentimento de perda com suas palavras:

- *A população está deixando acabar. Virou comércio e não tem incentivo como antigamente. Não estão deixando fazer as fogueiras como era antigamente. Ficou na mão de poucas pessoas e não dá oportunidade aos outros. Já outras pessoas vão cansando e saindo. O sorteio do festeiro acabou. Cláudio Vieira da Conceição, 51anos. Morador de Sabará (novembro de 2012).*
- *O povo vai perdendo o entusiasmo, todo ano são as mesmas pessoas, juventude nenhuma colabora, não participa. As pessoas mais velhas vão morrendo. Nair Augusta Pontes, 77 anos. Aposentada e moradora do Largo (novembro de 2012).*
- *Corre o risco de acabar, porque se colocar na mão de um festeiro que não interessa muito, que não participa muito das coisas, é perigoso acabar. Maria Irene Pinto de Melo, 72 anos. Dona-de-casa e moradora do Largo. (novembro de 2012).*

Os traços da mudança na Festa são sentidos também pela moradora de um bairro vizinho, que trabalha em um comércio no Largo do Ó:

- *A Festa de São João é a única coisa que de fato movimenta esse pedacinho aqui. É uma festa tradicional e católica. Agora não está tão... antigamente era mais movimentada! Mesmo que divulgada não fica tão boa igual antes. Infelizmente tem festas assim que... a juventude de hoje está muito violenta e eles bagunçam muito. Não participam com aquela coisa de levar aquilo ali porque é tradição. Rosilene Alcântara, 48 anos. Mora em Sabará e trabalha no Largo (novembro de 2012).*
- *Nossa, a Festa é maravilhosa! Ela só não pode acabar né?! Porque muitas pessoas não querem trabalhar... Geralmente a Festa prolongava a noite toda, hoje em dia ela acaba rapidinho. Cristina Clara, 50 anos. Servente e moradora do Largo. (novembro de 2012).*

Lembranças fartas se fazem presentes e eles se empolgam muito ao contar os detalhes de como era e de como o evento está mudando. Uma das advertências foi o fato do conhecido projeto Minas ao Luar, da Rede Globo ter coincidido com a data da última Festa e em função disso ter “tirado o seu brilho” como argumentam os moradores:

- *Isso foi descaracterizado né?! Porque nossa Festa não é daquele jeito, o Minas ao Luar tomou um pouco. (...) Achei bom o evento, mas a nível de festa junina acabou. A nossa Festa na verdade é uma festa junina autêntica. Ela tinha fogueira de São João, ela tinha pau de sebo, ela tinha muita coisa boa junina... o foco foi todo para o Minas ao Luar. Francisco Teixeira, 62 anos. Aposentado e morador do Largo (novembro de 2012).*
- *Esse ano não teve nada não, porque eles inventaram aquele tal de Minas ao Luar. Então não teve barraquinha, foi só no dia. (...) Esse ano eu achei que ia acabar viu, francamente. Nair Augusta Pontes, 77 anos. Aposentada e moradora do Largo (novembro de 2012).*

IMAGEM 8
Minas ao Luar na Festa de São João



Fonte: A autora.

- *Esse ano modificou totalmente por isso... E não ficou tão cheio. Rosilene Alcântara, 48 anos. Mora em Sabará e trabalha no Largo (novembro de 2012).*
- *Foi diferente por causa do Minas ao Luar. Maria Irene Pinto de Melo, 72 anos. Dona-de-casa e moradora do Largo. (novembro de 2012).*
- *Eu acho que atrapalhou um pouquinho a Festa aqui. Ficou centralizado só no Minas ao Luar. Parece que foi o item principal e com isso não teve os outros dias. Já tiveram atrações musicais aqui, mas não no dia da festa. Antônio Bárbara Oliveira, 69 anos. Aposentado e morador do Largo. (novembro de 2012).*

Vale mencionar que ali existe uma variedade de expressões tão importantes quanto a própria Festa de São João. No dia 18 de dezembro acontece uma procissão em volta da

comunidade para comemorar o dia de Nossa Senhora. No final do ano também é realizada a novena nas casas ou na própria igreja, com via sacra. Na semana santa a comunidade local sempre insere a participação do Largo e Capela do Ó de alguma forma. Toda quinta feira são realizadas missas, além de cultos, casamentos e batismos ao longo do ano. Há também uma missa campal na ocasião da Festa do Divino. Manifestações especiais em datas festivas fazem parte do dia a dia que a população faz questão de enfatizar. Mas fica claro que a maioria dos eventos é ligado à igreja e ao catolicismo.

Pela importância creditada à Capela e Largo do Ó na rotina dos sabarenses, o cotidiano também foi apontado como relevante de ser abordado. Além de ponto turístico, percebemos que a ligação do local e monumento com a população é mais intensa. Ela ultrapassa rótulos como de cartão-postal, monumento barroco, ponto turístico e principal edificação do patrimônio de Sabará, para se inserir em títulos como “joia rara” e “pedacinho do céu” por muitos que vivenciam seu dia-a-dia ali.

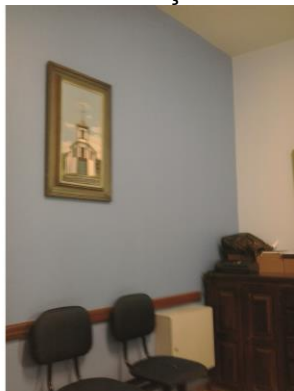
Em muitos casos a Igreja do Ó é considerada como o símbolo de Sabará. Maffesoli (1996, p. 29-30) atribui ao caráter social da emoção estética uma simples faculdade de agregação que pode servir de cimento e que parte de elementos objetivos como o “trabalho, ação militante, festas grupais, uniformes, ações de caridade, etc.”, e completa que os mesmos são pretextos que legitimam a relação com o outro. E o sentimento da estética também está presente nas narrativas sobre a Capela. Mesmo moradores mais humildes prezam muito sua beleza, como a servente e moradora do Largo Cristina Clara, quando diz que *é muito bonito o trabalho do Aleijadinho. Imagina o trabalho que eles não tiveram pra fazer essa igreja! Ela é linda, é maravilhosa!*

A “força” da Capela do Ó pode ser encontrada em situações corriqueiras, que inserem o monumento na vida do coletivo do município. É comum encontrar a imagem da “Igrejinha do Ó” em várias circunstâncias para simbolizar um grande número de sentimentos, como por exemplo, a de edificação que representa oficialmente a cidade histórica, ou a proteção e o vínculo religioso, uma obra de arte entre homem e natureza e até mesmo uma joia.

IMAGEM 9
Capela do Ó em situações cotidianas



Placa com logomarca de comércio
inspirada na Capela



Pintura da Capela em sala
de espera de consultório



Colchão fabricado em
Sabarã



Vitrine de loja com chaveiros
da Capela do Ó



Propaganda de cartão de ônibus
com imagem da Capela



Fachada de comércio

Fonte: A autora.

As crenças individuais da comunidade também se fizeram acentuadas, na medida em que nos deparamos com alguns depoimentos que sugeriam que, através de uma maneira própria de conduzir o olhar no interior da Capela, podia-se visualizar a imagem da face de Cristo. Como indicam a devota dona-de-casa e uma ex-moradora do Largo, que *saiu de lá apenas porque casou*:

- *Não sei você chegou a ver, que aqui você vê a face de Cristo... Olhando assim ó, olhando nesse tracinho aqui, fechando o olho assim...vê o rosto de Cristo. É lindo, perfeitamente a face de Cristo! Maria Irene Pinto de Melo, 72 anos. Dona-de-casa e moradora do Largo. (novembro de 2012).*
- *É só você chegar lá do altar e virar para a porta de entrada. Cerra os olhos e a luz que vem lá de fora faz você enxergar direitinho a face de Cristo. Andreza Carmo. Educadora, sabarense. (2012)*

Outro aspecto interessante e percebido durante a pesquisa de campo foi a forte ligação que os moradores daquela região possuem com a antiga siderúrgica Belgo Mineira. Em vários relatos notamos que muitos habitantes da região vieram em função das atividades da indústria. Como a aposentada de 92 anos, Dona Tude por exemplo. Ela “*chegou ao Largo há 70 anos e ali criou os sete filhos. O marido trabalhava na Siderúrgica e a casa em que mora até hoje foi cedida pela empresa na época, depois de um tempo o casal acabou comprando*” (SABARÁ, Ed. 833, 2012). E as marcas dessa época são encontradas a todo momento nas narrativas:

- *Eu morava na rua da Usina, onde as casas foram destruídas para aumentar a Belgo. (...) E aqui eram quatro cômodos só, de adobe, não tinha água, tinha calçamento mas daquelas pedras enormes, tinha muito buraco na rua, não tinha passeio. Então, depois que nós mudamos pra cá foi que a Belgo Mineira mandou colocar água, fazer banheiro porque o banheiro era fossa. (...) meu pai ganhava muita foto lá da Belgo Mineira né?! Que tinha um parquinho lá em frente da Belgo né?! Eles iam pra lá... Nair Augusta Pontes, 77 anos. Aposentada e moradora do Largo (novembro de 2012).*
- *Eu moro aqui mesmo no Largo do Ó. Eu morava na Vila depois nós mudamos pra cá. Meu pai era empregado da Belgo Mineira, comprou aqui e eu vim pra cá com 5 anos de idade. Cristina Clara, 50 anos. Servente e moradora do Largo. (novembro de 2012).*

Os moradores da região também frisam a todo momento a valorização que dão a eventos culturais no local. Alguns são fruto da própria população, como um recente ensaio de bateria de escola de samba local, na ocasião das vésperas do carnaval. Outros do poder público como por exemplo, o projeto Sabará em Serenata, ocorrido em 2009. Mas segundo eles poderia haver mais:

- *Atividade cultural é sempre bom né?! (...) Nós já tivemos eventos aqui muito maior do que o Minas ao Luar. Nós trouxemos bandas baianas aqui e colocamos o palco tomando conta de tudo e o pessoal fez um show daquele. Muito bom mesmo! Foi lindo, tinha gente até na linha lá embaixo que não conseguia nem passar. Tinha gincana... Francisco Teixeira, 62 anos. Aposentado e morador do Largo (novembro de 2012).*
- *Antigamente tinha leilão, era muito bom. Devia voltar, era ótimo! Maria Irene Pinto de Melo, 72 anos. Dona-de-casa e moradora do Largo. (novembro de 2012).*

Enfim, além dos mencionados, existe uma riqueza de outros elementos que individualizam a comunidade, o Largo e a Capela do Ó. Mais que isso, eles projetam valores que formam sua identidade e reforçam o sentimento de pertença.

6.3 Estudo de caso: o Projeto de Revitalização

Em função da dificuldade de acesso aos dados oficiais, apesar de solicitados, as informações sobre o Projeto foram levantadas por meio de veículos da imprensa e pesquisas de campo, nas quais se incluem as entrevistas e conversas informais com pessoas dos grupos denominados Colaboradores e Habitantes

O Projeto de Revitalização do Largo do Ó foi resultado de um Convênio de Cooperação Financeira entre a Secretaria de Estado de Desenvolvimento Social - SEDESE e o Instituto Yara Tupynambá. Sob interveniência do Conselho Estadual de Direitos Difusos de Minas Gerais – CEDIF/MG, o custo total do projeto foi no valor de R\$199.933,50. Este recurso foi proveniente do Fundo Estadual de Defesa dos Direitos Difusos e derivado de medidas compensatórias via termo de ajustamento de conduta -TAC, com o Ministério Público Estadual. A parceria contou com a Prefeitura Municipal e teve também como apoiadores que contribuíram para a realização do Projeto de Revitalização as empresas Casa e Tinta e Tintas Coral, através do *Projeto Tudo de cor pra você*. Conforme informações disponibilizadas no portal, o projeto da marca “renovou a parte externa da igreja, utilizando tintas nas cores Vanila, Areia, Pêssego, Colorado, Tabaco, Azul Marine, Azul França, Marfim, entre outras.”¹¹

O IPHAN afirma que o projeto já existia desde 2005, mas somente em 2011 houve a disponibilização dos recursos. Além disso foi necessário revalidar a proposta anterior que havia sido aprovada pela Superintendência do Iphan em Minas Gerais¹². Em novembro de 2011 o projeto original foi adaptado e sofreu alterações na demanda. Suas ações foram limitadas e modificadas para se adequar a verba acessível e permitir sua efetivação.

¹¹ Disponível em < <http://www.tudodecorparavoce.com.br/?p=336> > Acesso em 15 de fevereiro de 2013.

¹² Disponível em < <http://portal.iphan.gov.br/montarDetalheConteudo.do;jsessionid=59D08FABC7DCEDCDF376BEEB24036E09?id=16393&sigla=Noticia&retorno=detalheNoticia> > Acesso em 13 de novembro de 2012.

Assinado em 06 de dezembro de 2011, teve prevista duração de 12 meses a partir da sua publicação no Diário Oficial do Estado de Minas Gerais - DOEMG, que aconteceu no dia 07 de dezembro de 2011. A revitalização do Largo de Nossa Senhora do Ó foi o objeto do convênio especificado em um Plano de Trabalho¹³, que apesar de solicitado não foi disponibilizado.

IMAGEM 10
Placa com dados do Projeto no local de execução



Fonte: A autora.

O acordo foi assinado pelas partes envolvidas em um evento público no dia 20 de dezembro de 2011, no Largo do Ó e recebeu a presença da sociedade e autoridades. Nos meses que se seguiram, os moradores e a comunidade foram convidados para reuniões onde o projeto foi apresentado. Na oportunidade, a artista plástica Yara Tupynambá expôs a paleta de cores criada por ela como sugestão aos tons para pintura nas casas. Embora o presidente do instituto que leva o nome da artista, José Theobaldo Júnior, ter se envolvido mais durante o Projeto, o destaque à Yara Tupynambá se deve ao fato da mineira que assinou a paleta de cores ser reconhecida nacionalmente pela sua produção e atuação intensa em atividades culturais e educacionais. Suas grandes mostras representam a arte mineira, e além da participação em exposições internacionais, a renomada artista plástica acumula também prêmios e homenagens pelo seu trabalho.

¹³ Informações sobre o convênio de nº. 1117/2011 disponíveis em <<http://www.jusbrasil.com.br/diarios/33185441/doemg-executivo-legislativo-07-12-2011-pg-80>> Acesso em 13 de novembro de 2012.

Após o processo de discussão e apreciação entre os responsáveis e a população, foi assinada em primeiro de junho de 2012 a ordem de serviço autorizando o início das obras. Uma das propostas para essa fase foi a captação e qualificação de mão de obra local. A maioria dos pedreiros e pintores residiam em Sabará ou no próprio Largo do Ó.

IMAGEM 11

Mão de Obra local no trabalho de recuperação das fachadas



Fonte: A autora.

Em 13 de novembro de 2012 se encerraram as atividades do Projeto. Em comemoração à finalização, houve um evento para “oficializar a inauguração e entrega” das casas no dia 14 de novembro desse mesmo ano, antecipando em 23 dias a conclusão do prazo total previsto.

Na ocasião foram montadas tendas, houveram pronunciamentos de autoridades, representante da comunidade e instituições parceiras. O representante da empresa Tintas Coral, César Alves Sheiber, propôs no final da solenidade uma ação em que os presentes se candidatavam como voluntários para terminar a proposital pintura inacabada de um muro, como forma de simbolizar a participação de todos no Projeto. Ainda houve apresentação musical de um grupo local e foi oferecido um café da manhã aos participantes.

IMAGEM 12
Fim do Projeto de Revitalização



Evento em comemoração ao encerramento do Projeto



Muro sendo pintado por voluntários



Apresentação musical durante o evento de comemoração

Fonte: A autora.

As ações do Projeto consistiram na recuperação do espaço adjacente à capela, através da reforma na fachada das casas e paisagismo no entorno. Registramos uma média de 35 estabelecimentos contemplados, já que o número exato sofreu variação na maioria das informações obtidas.

7. A PLASTICIDADE NA NARRATIVA DAS EXPERIÊNCIAS

Tratando de uma das maiores riquezas que compõe o patrimônio histórico e cultural da cidade de Sabará, o Projeto de Revitalização do Largo do Ó recebe diferentes tipos de destaque. São várias as expectativas subentendidas nos discursos onde cada interlocutor expressa sua percepção e seus interesses. Não se pode desprezar a variedade de participantes e o consequente diálogo com esses atores sociais que, ao se apropriarem do bem patrimonial, contribuem para a continuidade dos seus aspectos culturais e ambientais, porém, de maneiras diferentes. Charaudeau (2012, p. 131) bem coloca que “não há captura da realidade empírica que não passe pelo filtro de um ponto de vista particular, o qual constrói um objeto particular que é dado como um fragmento do real”. Esses pedaços de realidade são na verdade elementos para sua construção.

É relevante repensar essas questões e articular mecanismos mais eficazes para a concepção ampliada e processual do patrimônio cultural. A preservação deve ser pensada levando em consideração os diversos suportes da memória: as edificações e os espaços, os documentos, as imagens e as palavras (CASTRIOTA, 2009, p.86). É preciso consultar as memórias individuais, considerando que essas são as encarnações da memória coletiva. É importante envolver a comunidade e observar a forma como o Largo do Ó foi vivenciado pela cidade no passado e como é rememorado atualmente. É fundamental perceber os vínculos entre os diferentes interlocutores de hoje e o Largo. Choay (2001, p.11-12) observa que “a transferência semântica sofrida pela palavra revela a opacidade da coisa. O patrimônio histórico e as condutas a ele associadas encontram-se presos em estratos de significados cujas ambiguidades e contradições articulam e desarticulam dois mundos e duas visões de mundo.”

Mas toda essa reflexão acerca das distintas maneiras de perceber, captar e posteriormente expressar através de narrativas as impressões que o patrimônio causa, estão apoiadas na experiência individual e coletiva dos indivíduos. Mas o que vem a ser a experiência? Maffesoli (1996, p. 91) atribui o termo a “uma espécie de chave-mestra, que não remete obrigatoriamente a algo de muito precioso, mas não por isso menos significativo”. De modo discreto, elas atravessam a reação de qualquer indivíduo aos fenômenos experimentados, que vão posicionar suas leituras a partir dessa afetação. A performance dos interlocutores está sempre vinculada entre o encadeamento do sofrer e

agir, que confere a reelaboração constante dos sentidos. Dessa forma, os sujeitos sociais são ao mesmo tempo agentes e pacientes nas experiências, promovendo um intercâmbio com a natureza, como delineia Dewey:

‘Aprender da experiência’ é fazer uma associação retrospectiva e prospectiva entre aquilo que fazemos às coisas e aquilo que em consequência essas coisas nos fazem gozar ou sofrer. Em tais condições a ação torna-se uma tentativa; experimenta-se o mundo para se saber como ele é; o que se sofre em consequência torna-se instrução – isto é, a descoberta das relações entre as coisas. (DEWEY, 1979, p. 153).

Para esse autor, a série de situações vivenciadas pelos indivíduos, desencadeia uma relação entre os objetos e outras pessoas, fazendo da experiência uma transação com o meio, que “é formado pelas condições, quaisquer que sejam, em interação com as necessidades, desejos, propósitos e aptidões pessoais de criar a experiência em curso” (DEWEY, 1976, p. 37). A perspectiva de Dewey coloca a experiência no plano do cotidiano, não como uma modesta observação à distância, mas sim como forma de aproximação à natureza.

Sob esse aspecto dinâmico, a experiência pode ser entendida como um processo contínuo de criação de conexões e continuidades que permite a recriação entre os elementos envolvidos. Experiência que conforme Dewey, “é o resultado de interação entre uma criatura viva e algum aspecto do mundo no qual ela vive” (DEWEY, 1980, 95). Pode-se dizer que é na relação com o ambiente que o organismo responde. É ela quem provoca mudanças entre o homem e o meio. Inclusive os valores são trazidos à tona por meio das experiências confrontadas na vida social que permite leituras diversas. Em face da pluralidade que as coisas acontecem, Dewey (1979) propõe a continuidade em oposição a totalidade, já que a mesma coisa não pode ser percebida do mesmo modo. Além de não acontecer duas vezes, elas devem assumir uma identidade possível como sequência a uma reação anterior na qual a totalidade acaba por ser:

[...] o prosseguimento de um primeiro hábito de agir com a readaptação necessária para conservá-lo vivo e em evolução. Ao revés de significar um completo plano de ação apriorístico, significa a manutenção do equilíbrio em uma multidão de atos diversos, de modo que cada um tome a significação de outro ato e dê também significação a outro. (DEWEY, 1979, p. 358)

Nesse sentido devemos levar em conta que o Projeto de Revitalização do Largo do Ó não deve ser generalizado como mera salvaguarda das edificações, mas: “antes, preservar o equilíbrio da paisagem, pensando sempre como inter-relacionados à infraestrutura, o lote, a edificação, a linguagem urbana, os usos, o perfil histórico e a própria paisagem natural” (CASTRIOTA, 2009, p.89). Identificar a forma como as experiências cotidianas influenciam na maneira de entender e conduzir os bens culturais aos usos e os desusos ajuda a perceber que o patrimônio e os discursos não são estáticos. A cidade é um organismo vivo, em transformação, onde os costumes e os indivíduos mudam e a cultura é dinâmica.

Choay (2006, p.26) afirma que o patrimônio tem papel fundamental na preservação da identidade dos povos e dos grupos sociais, assim como a relação com ele interfere na sua conservação. O esquecimento, o desapego e a falta de uso levam o bem ao abandono. Por isso é importante destacar o caráter transformador do patrimônio que é constantemente relido, mas sem no entanto, perder o lastro da memória. Duas dimensões convivem num mesmo lugar da memória, a perenidade do passado e a dinâmica do presente, numa complementaridade que permite uma reutilização do bem patrimonial, que, longe de ser apenas um resquício do passado, é plástico o suficiente para dialogar com o presente.

Essa “flexibilidade” conferida ao patrimônio, que varia de acordo com os valores e o contexto no qual estão inseridos, é que vai proporcionar diferentes experiências aos indivíduos. Estes, por sua vez, acumularão seus conhecimentos anteriores para formular pontos de vista. Charaudeau (2012, p. 131) considera que “o espaço social é uma realidade empírica compósita, não homogênea, que depende para sua significação, do olhar lançado sobre ele pelos diferentes atores sociais, através dos discursos que produzem para tentar torná-lo inteligível”. Ou seja, existe por trás dessa construção um arranjo de elementos, no qual sistemas de valores ocupam lugar proeminente.

Os discursos de inteligibilidade que refletem os valores e caracterizam os grupos sociais são vivenciados por meio dos acontecimentos cotidianos. Portanto transformar o acontecimento em discurso, ou seja, nomeá-lo, é importante para captar a significação que ele atinge em diferentes atores. Mas os olhares estão associados às experiências, que por sua vez, são vinculadas nas narrativas que a acompanham. O acontecimento

ocorre na experiência, portanto, o Projeto de Revitalização do Largo do Ó passa por um recorte onde cada interlocutor seleciona elementos significativos para si.

Segundo Quéré (2005) a compreensão do acontecimento e da situação que ele gera não é unicamente da ordem da contemplação. Nesse sentido, a reflexão proposta na pesquisa, foi considerar as descrições do referido acontecimento sob a perspectiva de cada ator social envolvido. Como esses diferentes personagens perceberam, identificaram e criaram relações que afetaram de alguma maneira o seu mundo a partir desse evento. Quéré declara que a possibilidade de ser tocado pelo acontecimento, seja por indivíduos ou pelo coletivo, põe em causa a identidade por um lado, e por outro encontra parte da sua significação.

Foram avaliados o desenrolar e as implicações desse acontecimento para alguns dos interlocutores, enquanto modalidades de experiências que produzem significações e respostas por parte deles. Mais que um fato dotado de sentido ou valor pelos sujeitos, o próprio acontecimento é entendido aqui como “portador ou criador de sentido”.

Levando em conta tais considerações, apresentaremos em seguida, a análise dos quatro grupos recortados em nosso *corpus*. Optamos por examinar de um modo geral os dados recolhidos como forma de facilitar o contraste dos enquadramentos contidos em cada categoria. Entretanto, para não tornar demasiadamente confuso, pode haver a separação de modalidades que se diferem, como poderá ser observado por exemplo, nos tipos de veículos, circunstância de habitação, visita ou colaboração no Projeto.

7.1 Posicionamento da Mídia

Conforme José Luiz Braga, diante de uma situação concreta, os interlocutores envolvidos negociam a estrutura da situação através de falas ou atualizam lugares de fala culturalmente disponíveis e “é nessa perspectiva que a mídia é um disponibilizador extraordinário de lugares de fala” (BRAGA, 2000, p. 177).

Levando em conta os meios de comunicação disponíveis na realidade analisada, a questão da pesquisa não foi julgar se eles atendem ou não nossas preferências, mas sim tentar capturar o significado do acontecimento para a mídia, através das narrativas expostas no produto cultural e na circunstância social.

O Boletim

Em todas as descrições dos boletins virtuais da Secretaria de Cultura, observou-se concisão e sequência das notícias, baseadas nas etapas do Projeto. Em função da brevidade dos textos publicados neste veículo, segue abaixo a reprodução na íntegra:

- *Na sexta-feira, dia 1º de Junho, a comunidade sabarense esteve reunida com autoridades para assinatura da ordem de serviço e o início das obras de revitalização do Largo do Ó. As obras de revitalização das fachadas são fruto de convênio entre o Governo do Estado, a Prefeitura Municipal e o Instituto Yara Tupinambá, e já foram iniciadas. A Coordenação do Projeto está a cargo dos arquitetos Jose Theobaldo Junior e Tatiana Harue que estiveram conversando com os moradores apresentando a proposta individualmente, e discutindo a paleta de cores especialmente elaborada pela renomada artista Yara Tupinambá para o Largo do Ó.*
- *A paisagem do Largo Nossa Senhora do Ó vem sendo enriquecida com o desenvolvimento das obras de revitalização das fachadas. Os serviços de reparos na alvenaria estão praticamente concluídos sendo que a etapa seguinte será a pintura, de acordo com paleta de cores elaborada pela artista plástica Yara Tupinambá, e debatida com a comunidade.*
- *Foram iniciadas as obras da segunda etapa do Projeto de Revitalização do Largo Nossa Senhora do Ó. O Projeto está utilizando mão de obra residente na região para os serviços de reparos na alvenaria e na pintura das fachadas. Embora em estágio inicial, o resultado está sendo elogiado!*
- *Em evento realizado no dia 14 de novembro, foram entregues as obras de Revitalização do Largo N.Sra. do Ó, com o apoio do Governo do Estado através do Conselho Estadual de Defesa dos Direitos Difusos-CEDIF, entidade executora o Instituto Yara Tupinambá, com apoio da Prefeitura Municipal, uma obra de R\$-199 mil. Participaram do evento, além dos moradores locais e convidados, o prefeito William Borges; o Secretário de Estado de Regularização Fundiária, deputado Wander Borges; o Presidente do Inst. Yara Tupinambá, José Theobaldo Junior; a artista plástica Yara Tupinambá; o Coordenador Regional de Trade Marketing, Cesar Alves Schieler, da Tintas Coral; o Presidente da Casa & Tinta, Júlio Gomes Ferreira; e a Sra. Maria da Conceição do Carmo, “Dona Biá”, representando comunidade local. O Prefeito William Borges destacou e agradeceu o apoio dos moradores para a realização dos*

serviços de revitalização do Largo N.Sra. do Ó e a importância daquele patrimônio cultural para a preservação da história de Sabará.

Levando em conta o formato (tamanho A4) do citado boletim, que naturalmente restringe os conteúdos tendo em vista que o veículo trata de outras notícias (Ver Anexos), as quatro edições possuem composição extremamente sóbria e metódica. Conformam basicamente, e nessa ordem, a assinatura da ordem de serviço; obras de alvenaria; pintura das fachadas e evento que encerra o Projeto.

A *comunidade* é um elemento constante nas quatro edições, sendo que em duas se refere à classe que se reúne e discute com autoridades sobre o Projeto. Em outra citação participa enquanto favorecida por ter a oportunidade de trabalhar no Projeto, e na última como representante presente na solenidade final dentre outras figuras que recebem maior destaque. O valor e a procedência da verba compõem o conjunto dos textos, que não deu ênfase direta à importância do lugar para o município. Por outro lado, observa-se nas poucas linhas, a presença constante de instituições e figuras políticas, às vezes acompanhadas de qualificações.

É utilizado um total de 10 fotos para ilustrar o projeto. Em 5 delas há presença de casas em reforma ou já prontas. Nas outras 5 há presença de pessoas do grupo Colaboradores e nenhuma do grupo Habitantes.

Esses fragmentos ilustram que o foco desse veículo quer destacar ações positivas propostas pela administração municipal, que agrega a comunidade e principalmente pessoas que julgam renomadas para a realização dos seus feitos. O fato entretanto, não é de todo surpreendente, já que o Projeto aconteceu em ano de eleições municipais e o veículo de comunicação em questão fazia parte do órgão público cujo representante se candidatava à reeleição. Certamente a maneira de enfatizar alguns personagens em detrimento de outros acaba sendo comum nesse tipo de situação.

A Folha

Assim como no boletim, o jornal local Folha de Sabará seguiu com as informações do Projeto partindo da sequência das etapas de execução. Frisou-se o envolvimento dos

moradores, mas estes apareceram de forma discreta, ao contrário dos representantes de órgãos oficiais, que tiveram incidência bem maior, como demonstra o trecho abaixo:

Várias pessoas da comunidade e os moradores do Largo do Ó estavam presentes na assinatura do projeto, que tiveram a oportunidade de tirar dúvidas com a autora do trabalho, a artista plástica Yara Tupynambá sobre as mudanças das fachadas de suas casas, apesar de já terem recebido a visita do secretário de Cultura Sérgio Alexandre e da Secretária de Planejamento Carmen Alves que passaram em casa por casa explicando o projeto e acatando o aval dos moradores.

A entonação da comunicação sobre a mudança da fachada de suas casas é de um prêmio, como se os próprios donos das residências tivessem o privilégio de obter explicação diretamente da ilustre figura que propôs tais alterações, apesar de já terem sido avisadas por meio de outras autoridades. Aliás, a artista plástica é personagem em constante exaltação, como nos trechos a seguir:

- *A ideia da revitalização foi apresentada pela artista plástica Yara Tupynambá, “foi em grande parte graças a ela que o projeto foi aprovado”, afirmou o Secretário.*
- *As cores das casas foram sugeridas pela renomada artista plástica Yara Tupynambá, através da paleta de cores utilizadas de forma equilibrada visando dar harmonia ao conjunto arquitetônico do Largo do Ó.*
- *César Alves Sheiber salientou a satisfação da empresa em poder contar com a grande artista Yara Tupynambá, que através de seu imenso talento tem tornado o projeto tangível a todos.*

Ressaltar particularidades como esta é normal e até saudável, mas a revitalização e o local em questão pareciam às vezes ficar em segundo plano em função da notoriedade da artista, como nas duas passagens que indicam a opinião do prefeito:

- *[...] “este projeto ira engrandecer Sabará, porque ter a chancela de Yara Tupynambá é uma oportunidade única.*
- *Ele afirmou que “para o município é uma alegria muito grande ter a assinatura de uma artista plástica consagrada no Brasil e no mundo, como Yara Tupynambá, em um patrimônio da nossa cidade”. O prefeito agradeceu a artista pelo carinho que ela teve com os sabarenses e*

concluiu dizendo que não é qualquer município que tem a chancela Yara Tupynambá em uma obra da cidade.

Ou como na ocasião em que a Folha de Sabará destaca que o presidente do Instituto Yara Tupynambá, José Theobaldo:

[...] presenteou várias pessoas que ajudaram para a realização deste projeto, com o livro “A Mesa de Carlos Drummond de Andrade”, que é de autoria da artista plástica Yara Tupynambá e do poeta Ozorio Couto.

A estruturação textual desse impresso também se aproxima do boletim no que se refere à relevância política. Em todas as edições e a todo momento nos deparamos com incansáveis ou longas declarações dessa ordem:

- *Estava presente no evento, o Deputado Federal Grilo, que veio trazer o saudoso abraço aos sabarenses, e na oportunidade parabenizou os irmãos Deputado Wander Borges e o Prefeito Willian Borges pela aprovação do projeto...*
- *A solenidade também contou com a presença do secretário de Estado Extraordinário de Legislação Fundiária, deputado Wander Borges, que falou da importância de se resgatar a história.*
- *O Secretário de Estado de Desenvolvimento Social e Presidente do Conselho, responsável pela aprovação da revitalização do largo do Ó, Deputado Estadual Wander Borges, explicou a criação do Fundo, de onde virá os recursos utilizados no projeto, “hoje são geridos diversos conceitos e esses têm a participação da sociedade civil, como uma ferramenta do controle social. Por isso foi criado há dois anos o Conselho Estadual dos Direitos Difusos e juntamente o Fundo Estadual dos Direitos Difusos. O dinheiro desse fundo vem das multas e das medidas compensatórias em termos de ajuste de conduta junto ao Ministério Público. Como por exemplo, o Ministério Público vai e autua uma empresa mineradora que fez algo de errado, o dinheiro desta multa é colocado neste fundo dos direitos difusos.”*

Importante frisar que o citado secretário e deputado estadual teve o maior número de colocações na Folha de Sabará. O mesmo já havia sido prefeito por dois mandatos no município, e na ocasião do Projeto estava apoiando a campanha à reeleição do então prefeito e seu irmão. Apesar de ter tido importante atuação para a efetivação do Projeto, é relevante colocar que sua atuação ficou acentuada em detrimento dos outros colaboradores neste veículo. Aliás, ele deixa notar abertamente que apoia o grupo político

do qual os dois fazem parte, quando abre espaço em uma das matérias para declarar que *O secretário Extraordinário de Regularização Fundiária, Wander Borges, afirmou sua satisfação em poder através do Governo do Estado fazer essa parceria com a Prefeitura de Sabará.* As imagens também ressaltam essa tendência, pois na metade de fotos usadas nas edições sobre o Projeto havia a presença deles. Em 8 das 16 fotos que ilustravam todas as matérias houve predominância dos Colaboradores. Nas outras oito imagens em apenas uma havia uma moradora e as outras sete mostravam o Largo do Ó ou suas casas.

É possível afirmar que uma certa opacidade se manifesta, na qual o caráter das informações vai além do referido acontecimento. Charaudeau (2012, p. 59) coloca que “a informação pelo fato de referir-se aos acontecimentos do espaço público político e civil, nem sempre estará isenta de posições ideológicas”. Entretanto, em algumas passagens, essa prática acaba fugindo demasiadamente do assunto, mesmo o usando como pano de fundo:

Wander Borges aproveitou a oportunidade para anunciar em nome do governador Antônio Anastasia que foi publicado a homologação do extrato de contrato que dará origem ao asfaltamento Sabará - Nova Lima.

Em uma as edições que faziam menção ao Projeto, foi publicada apenas uma errata:

Na última edição da Folha de Sabará, na matéria intitulada “Novas cores para o Largo do Ó”, publicamos que a Prefeitura de Sabará contratou toda mão de obra, mas na verdade a contratação foi feita pelo Instituto Yara Tupinambá e contou com o apoio da prefeitura. Devemos ressaltar também que na parte da matéria em que a arquiteta descreve como foi feita a escolha das cores das casas: “A Yara fez em uma tela uma pintura das casas. Ela pintou cada casinha seguindo uma harmonia. A primeira casa é a azul, a do lado é amarela com detalhe azul, a outra verde com detalhe amarelo e assim foi”. A primeira casa citada já estava pintada com o azul, não foi uma realização do projeto.

Ao contrário do que diz o texto, a matéria que sofreu a correção não fazia parte da última edição, mas sim da penúltima. Durante as visitas para as entrevistas, muitos moradores comentaram a ocorrência, fizeram questão de frisar que exigiram o reparo e inclusive mostrar o jornal. Constatamos que a adversidade levantada pelos moradores impeliu o

veículo a se retratar, deixando impreciso a quem realmente queriam que fossem atribuídas as citadas contratações.

A questão tendenciosa em excesso se agrava quando em uma matéria que citava o Largo do Ó como palco do evento musical Minas ao Luar, o mesmo discurso político mais uma vez era enfatizado:

Além dos milhares de apaixonados pela música, prestigiaram o evento os vereadores Pedro Martins e José Antônio de Lima, o diretor regional do Sesc Minas, Rodrigo Penido Duarte, e o secretário de Estado, Wander Borges, da Secretaria Extraordinária de Regularização Fundiária do Governo de Minas Gerais, que comentou a ligação entre um projeto como esse e a cidade.

A referida matéria foi inclusa em nossas análises pois aludia, mesmo que brevemente, ao Projeto de Revitalização do Largo do Ó. Porém só veio a reforçar o caráter, que ultrapassa o propósito constante e regular que Charaudeau (2012, p. 58) adverte como uma lógica comercial, onde as empresas que se prestam em transmitir informação, também estão em situação de concorrência. As persistentes passagens indicam essa característica:

- *O presidente da Casa e Tinta, Júlio Gomes Ferreira, falou sobre o projeto da Coral em nível nacional que tem como objetivo revitalizar monumentos tombados que têm grande relevância para o patrimônio nacional.*
- *O representante das Tintas Coral, afirmou que (...) “nós conseguimos ver a alegria no rosto de cada pessoa que teve a casa renovada. Nossa intenção é justamente esta, trazer felicidade para todos através das cores”.*
- *A artista plástica Yara Tupynambá (...) disse que sempre encarou o conjunto arquitetônico do Largo do Ó como um pequeno presépio (...) “Sempre vi assim. Estou muito feliz com este resultado” , disse com a voz embargada.*
- *José Theobaldo Júnior, presidente do Instituto Yara Tupynambá, ressaltou que desde quando Wander Borges sugeriu que o projeto fosse realizado no Largo do Ó, em 2006, aquilo se tornou um sonho também para o Instituto. (...) O presidente destacou que a realização das obras só foi possível devido a uma soma de esforços do Governo Estadual, do Conselho Estadual dos Direitos Difusos, do Instituto do*

Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), das Tintas Coral, da Prefeitura e principalmente dos moradores.

- *Para finalizar a cerimônia as pessoas presentes foram convidadas para pintar um muro localizado atrás da Igreja do Ó, simbolizando a conclusão do projeto. A artista plástica Yara Tupinambá, o prefeito William Borges, Wander Borges, vereadores eleitos e moradores colocaram a mão na massa, ou melhor, na tinta, e se divertiram pintando o muro(...)*

Em algumas das citações acima estão presentes menções aos moradores e comunidade, mas mesmo assim fica muito evidente a ênfase que o jornal A Folha de Sabará dá a outros atores. A insistente evocação de figuras ilustres e/ou políticas que vai além da retomada do assunto nas diferentes matérias, com função de situar o leitor, deixa uma sensação de incômodo e inclinação tendenciosa e “particular”. Nas 7 matérias analisadas, aproximadamente 20 declarações foram transcritas. Destas, 15 são do grupo denominado Colaboradores e apenas 5 dos Habitantes, sendo que uma pessoa desta última categoria também trabalhou no Projeto e se encaixa nas duas modalidades.

Ressaltamos ainda que não houve citação de nenhum representante do grupo chamado Visitantes, mas eles foram mencionados na categoria como turistas, nas seguintes passagens:

- *Este trabalho dará condição de fomentar o turismo na cidade.*
- *[...] “aqui vem muito turista, eles também estão admirados, porque tomou outro aspecto, ficou muito bonitinho!”*
- *Ele afirma que para ele o objetivo da revitalização é deixar o lugar mais bonito, onde o turista pode chegar e além da fachada da Igreja admirar todo o espaço.*
- *[...] eles são explicados pela revitalização do local que ganhou cores novas valorizando ainda mais o principal ponto turístico de Sabará e um dos mais importantes do Estado e do País.*

Uma delas foi feita pelo próprio veículo, duas por moradores e uma pelo prefeito.

A referência à história e importância do Largo e Capela do Ó foi feita de forma repetitiva. Das 7 matérias analisadas, uma era apenas errata e outra se referia rapidamente ao

Projeto de Revitalização, pois o assunto principal era o evento Minas ao Luar. Em 4 das 5 restantes, foram inseridos no final, pequenos textos com as características que tornavam o lugar peculiar. Entretanto em 3 dessas publicações o texto foi idêntico e na outra apenas a primeira frase foi alterada, mantendo o restante também semelhante aos demais. Abaixo, a reprodução de dois dos textos, sendo que o primeiro é o único com o início discretamente diferente, e o último é o mesmo em 3 publicações:

- *A Capela do O e uma das mais importantes edificações do país e Um dos monumentos mais conhecidos da cidade. Datada de 1717, a igreja é considerada uma das mais ricas representações do barroco em Minas. De fachada singela, seu interior chama atenção pela riqueza da talha, da primeira fase do barroco, estilo Nacional Português. Também apresenta influência chinesa na arquitetura e na decoração interna.*
- *O Largo do Ó tem grande importância histórica para Sabará, sendo o local onde abriga uma das mais importantes edificações do país, a Capela do Ó, monumento mais conhecido da cidade. Datada de 1717, a capela é considerada uma das mais ricas representações do barroco em Minas. De fachada singela, seu interior chama atenção pela riqueza da talha, da primeira fase do barroco, estilo Nacional Português. Apresenta influência chinesa na arquitetura e na decoração interna.*

A repetição na íntegra finaliza as matérias sempre da mesma forma, mesmo que haja um item novo no decorrer do texto. Charaudeau aponta que o caráter de novidade não quer dizer que o acontecimento tenha sido tratado antes, mas que um novo elemento até então desconhecido pode ligar um espaço já circunscrito e conhecido “como no caso de um conflito que se prolonga e do qual as mídias se ocupam cotidianamente” (CHARAUDEAU, 2012, p. 132). O que chama atenção é que mesmo com o intuito de trazer um fato novo, a maneira enfadonha de encerrar o texto pode aparentar um certo descaso com o tema central. O local abrangido pelo Projeto de Revitalização recebeu destaque menor do que outros fatores, já citados anteriormente, e que acabaram por ocupar o foco do interesse das notícias.

Jornal Estado de Minas

Durante o período de realização do Projeto de Revitalização do Largo do Ó, o jornal Estado de Minas dedicou uma matéria sobre o acontecimento, publicada na ocasião do encerramento e cerimônia do evento. Já na abertura da matéria nota-se que o tipo de

linguagem adotada possui conotação apreciativa sobre o foco da matéria jornalística e o Projeto de Revitalização. Diferentemente do *Boletim* e *Folha de Sabará*, o ponto chave aqui é logo declarado e explicado, usando a cronologia das fases do Projeto de forma não linear, que transita durante toda a reportagem sem perder a harmonia com os outros elementos, também relacionados ao assunto. O Projeto já é citado no primeiro parágrafo, sem no entanto, receber explicações mais detalhadas, mas que não vai desconectá-lo do restante, que tem o objetivo de situar o local onde a situação se desenrola, assim como posicionar o leitor sobre a razão de receber tal importância. No final deste parágrafo, a solenidade de celebração do encerramento do Projeto é anunciada, enquanto mais um pouco se explica sobre o mesmo:

As fachadas das casas ainda exalam cheiro de tinta fresca, os rostos dos moradores transmitem alegria e a paisagem exhibe as cores da revitalização. Depois de cinco meses de obras e de um projeto idealizado há seis anos, o Largo do Ó, cartão-postal de Sabará, na Região Metropolitana de Belo Horizonte, está pronto para ser curtido pelos moradores e admirado pelos visitantes de todo o mundo. Tendo como ponto alto a Igreja de Nossa Senhora do Ó, de 1717, conhecida popularmente como igrejinha do Ó, o espaço estará em festa amanhã, às 10h, quando serão apresentadas, oficialmente, as 37 casas do entorno, algumas centenárias, que foram pintadas e ganharam outros serviços de conservação.

É possível perceber que o destaque vai para o Projeto de Revitalização, a Capela e Largo do Ó, moradores e casas beneficiadas e visitantes. Os holofotes conseguem contemplar a maioria dos interlocutores de forma equânime, como podemos comprovar nos trechos abaixo que se referem à colocações do grupo denominado Colaboradores:

- *Segundo o diretor-presidente do instituto, José Theobaldo Júnior, o projeto foi muito discutido com os proprietários das residências, que aprovaram a cartela de cores escolhida pela artista plástica Yara Tupynambá. “Eles acompanharam todo o processo e viram a simulação do antes e depois. A interação foi completa”, diz José Theobaldo, lembrando que todas as etapas tiveram autorização do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), responsável pelo tombamento do templo católico.*
- *A arquiteta supervisora, Tatiana Harue, conta que, além da pintura, houve retirada de chapisco de algumas fachadas, para permitir mais harmonia com a atmosfera colonial, janelas foram readequadas e feitas*

pequenas intervenções. “Não se trata de restauração, mas de uma revitalização”, salienta a arquiteta.

- *Durante o desenvolvimento do projeto, o sargento reformado e ex-coordenador de voo Carlos Augusto da Silva, de 57, pôs a mão na massa e trabalhou como encarregado. “Eu era pau para toda obra”, brinca.*

Em todas estas passagens, fica claro que o veículo priorizou falas que se referiam exclusivamente ao Projeto. Este por sua vez, recebe o crédito dos idealizadores no meio da matéria, de forma bem prática e objetiva, com a opção ainda, de não citar o valor despendido, que esteve presente em praticamente todos os outros veículos.

O trabalho de revitalização é fruto da parceria entre o Instituto Yara Tupynambá e o governo de Minas, via Secretaria de Desenvolvimento Social (Sedese), com apoio da prefeitura local e interveniência do Conselho Estadual de Direitos Difusos (Cedif).

Mas antes mesmo de todas as declarações de personagens transcritas acima, o primeiro interlocutor “convidado” a se expressar, faz parte do grupo chamado Habitantes, com o segundo parágrafo todo dedicado à opinião de dois moradores locais:

Residente há 74 anos no Largo do Ó, o aposentado Unias de Mello, de 82 anos, se diz feliz com o visual da praça em tons pastel – creme, pêssego, bege, chá e outros. “Este lugar está mais bonito, agora é preciso que todos o conservem para ficar sempre assim”, afirma com um sorriso. Unias diz que o espaço ficou mais claro, com as cores bem distribuídas, valorizando o templo barroco famoso pelas “chinesices”. Também moradora da praça, Gertrudes da Silva, a dona Tude, de 92, está satisfeita com a mudança. “Moro aqui há décadas e agradeço a Deus por ver tudo isso. Com certeza, a comunidade não teria dinheiro para bancar os serviços”, diz Gertrudes, que adorou a cor amarela da casa onde mora com a filha, Rosângela.

E é justamente a “chinesice” mencionada nesta passagem que ocupa o final da matéria, dando ênfase a uma das características que torna o monumento em questão conhecido e apreciado, fugindo um pouco do tipo de informação “previsível”, localizada em outros veículos:

A Igreja do Ó tem esse nome devido à festa da padroeira, quando são cantadas as ladainhas, repetindo-se, a cada dia, as sete antífonas, sempre precedidas por um “Ó”. Um dos maiores tesouros do templo, de fachada

singela, está na talha da primeira fase do barroco – estilo nacional português, segundo os especialistas. Chamam a atenção as “chinesices” do arco-cruzeiro, de aproximadamente 1725. Essas pinturas teriam sido feitas por artistas vindos das possessões portuguesas no Oriente, ou copiadas de desenhos de louças vindas de Macau, na China.

Outra observação se refere à opção de abordar a questão da conservação por duas vezes:

- *“Este lugar está mais bonito, agora é preciso que todos o conservem para ficar sempre assim.”*
- *“O mais importante disso tudo é que a revitalização do Largo do Ó está estimulando moradores de ruas próximas a também preservarem suas residências. Ficou um ambiente limpo, bem cuidado”, diz a arquiteta.*

Através da repetição por meio da opinião de uma moradora do Largo e uma funcionária do Projeto, o veículo posiciona implicitamente sua preocupação com a manutenção e preservação do patrimônio, deixando de fora por exemplo, questões políticas. Além disso, na única imagem utilizada para representar a matéria não há presença de pessoas, a foto envolve apenas a Capela e uma parte do Largo do Ó com algumas casas já revitalizadas.

Portais

Sem utilizar nenhuma imagem sobre o assunto, o Site Panrotas noticiou o Projeto em três curtos parágrafos que consistiram basicamente em informar os idealizadores, valor e procedência da verba, descrição sucinta do Projeto e importância da Capela *“tombada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) e considerada uma das mais ricas representações do barroco do Estado”*. Pelo fato de ser um portal dedicado ao turismo, a atenção ao Projeto ficou abaixo da expectativa esperada pelo setor, que é beneficiado com a ação.

O portal de notícias da Globo G1, também optou por três breves parágrafos, que abordaram a origem da estima ao monumento e deram destaque ao turismo e valor agregado ao Projeto para os habitantes:

A revitalização de casas históricas do Largo do Ó, em Sabará, na Região Metropolitana de Belo Horizonte, está atraindo turistas e resgatando a autoestima dos moradores.

Sem mencionar a verba e explorar detalhes sobre os responsáveis pelo Projeto, o veículo optou apenas por descrever rapidamente as ações que o consistiam:

As casas, que ficam em volta da igrejinha do século XVIII, foram pintadas e estão com as fachadas mais bonitas. (...) A pintura das 37 casas faz parte da restauração de um dos principais cartões postais da cidade, resultado de uma parceria entre o governo do estado e o Instituto Tupinambá, com o apoio da prefeitura da cidade.

Embora se referindo a Igreja do Ó como *uma das maiores representações do barroco mineiro no Brasil* de forma concisa, o site G1 disponibilizou um link que trazia outras informações sobre o Projeto.

O portal do Instituto Yara Tupynambá que executou o Projeto, deu destaque às parcerias, verba e figuras políticas:

[...] a prefeitura assinou um convênio com o Instituto Yara Tupynambá para a revitalização do Largo do Ó. Este projeto conta com a parceria do Governo do Estado. As ações consistirão na revitalização das fachadas das casas no entorno da Capela do Ó. Os investimentos são de R\$ 199 mil. O evento, que contou com a participação da comunidade local e do Secretário de Estado de Desenvolvimento Social, Wander Borges, da fundadora do instituto, Yara Tupynambá, do presidente do instituto, José Theobaldo Júnior, e do prefeito William Borges.

A descrição do Projeto em si foi brevíssima e no que diz respeito ao Largo e a Capela do Ó, o texto que encerra a matéria foi exatamente o mesmo encontrado nas 3 publicações da Folha de Sabará. As duas considerações feitas sobre o Projeto foram apenas de representantes do grupo denominado Colaboradores:

- *A artista plástica Yara Tupynambá disse que é fundamental ter uma cidade bonita para atrair turistas. “Cidade bonita, atraí dinheiro (...) a beleza é importante para atrair pessoas”, diz.*
- *[...] o prefeito lembrou que este é mais um importante passo para conservação do patrimônio histórico de Sabará. “As casas do largo serão revitalizadas e vão ficar o mais próximo possível da originalidade, seguindo os parâmetros estabelecidos pelo Instituto do Patrimônio Histórico Artístico e Nacional (IPHAN).*

Apesar disso, o conteúdo é totalmente direcionado à conservação do patrimônio, seus benefícios e obediência do Projeto às normas impostas pelo órgão responsável. A exemplo do G1, o portal do Instituto Yara Tupynambá disponibilizou um link direcionado a uma matéria da Rede Globo, com outras notícias sobre o Projeto.

Ao contrário dos veículos virtuais anteriores, o portal da associação civil de defesa ao patrimônio Defender, publicou uma matéria com mais detalhes sobre o Projeto de Revitalização:

- *A primeira proposta, segundo a arquiteta Tatiana Harue Dinnouti, era realizar também um trabalho de paisagismo, com criação de canteiros e plantio de árvores, recuperação da calçada e do meio-fio, reforço da iluminação e instalação de equipamentos urbanos.*
- *No novo projeto, cores de tom pastel foram escolhidas para enfeitar as fachadas das casas do largo, conta a arquiteta Tatiana. “Optamos por uma paleta de cores que desse harmonia ao conjunto e destacasse a igreja, considerada uma das principais representações do barroco mineiro”, explica. Além disso, algumas das janelas de ferro, do tipo basculante, serão substituídas por estruturas de madeira para ajudar na composição do ambiente.*

O Portal Defender também dedicou espaço aos elementos de particularidades da arquitetura local:

Enquanto a igreja, datada de 1717, apresenta características marcantes da primeira fase do barroco mineiro, algumas edificações possuem traços dos séculos 18 e 19 e outras são mais modernas devido às modificações pelas quais passaram ao longo do tempo.

Quando cita o valor gasto no Projeto, a matéria diz respeito à insuficiência e ajustes sofridos pelo mesmo:

- *Intervenções custarão R\$ 199 mil, mas valor representa a metade do necessário para uma mudança total do espaço.*
- *O dinheiro, porém, corresponde à metade do valor necessário para implantar o projeto inicial, elaborado há mais de cinco anos.*
- *“Como o recurso que levantamos não era suficiente, tivemos que adaptar os trabalhos”, justifica a secretária de Planejamento de Sabará, Carmen Teresa Lopes Alves. Ela garante, porém, que a falta de*

dinheiro não significa que o primeiro plano foi abandonado. “Nossa esperança é a de que, com a revitalização das casas, empresas manifestem o desejo de nos apoiar”.

O veículo direciona sua atenção à questão turística e afetiva:

- *Formado por um conjunto de casas que emolduram a Igreja de Nossa Senhora do Ó, o Largo do Ó, em Sabará, na Região Metropolitana de Belo Horizonte, será revitalizado. O projeto, aprovado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), prevê a valorização de 30 edificações por meio da pintura e a troca de algumas janelas para recuperação de características originais.*
- *“Torcemos para que os turistas fiquem curiosos para conhecer o ‘novo’ Largo do Ó. Nossa capela já é muito visitada. Com as mudanças, essa será a parte mais bonita da cidade”, comenta, com orgulho, o comerciante Marcos.*
- *“As mudanças são pequenas, mas os benefícios vão além do visual. Uma pintura pode levar à recuperação da autoestima dos moradores do largo que, percebendo as diferenças, terão mais vontade de cuidar desse bem histórico de Sabará”, diz a arquiteta.*

Sem destacar muito os atores políticos, a estrutura do texto é claramente comprometida com os objetivos da instituição e traz elementos novos e diferentes dos abordados nos outros veículos. Além disso é mais dinâmico e instigante.

O portal do Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN, órgão federal responsável pelo patrimônio, noticiou o Projeto fazendo referência à Capela do Ó como ponto turístico do município. Os aspectos relativos aos idealizadores, executores, recursos e ações do Projeto foram informados em tom breve, pois o destaque maior da matéria foi dado de forma longa à história da Capela. Algumas passagens também comprovam a atuação da instituição no Projeto:

- *Em janeiro, o Instituto Yara Tupynambá dará início ao projeto de revitalização do entorno da Igreja de Nossa Senhora do Ó, tombada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – Iphan, em 1938...*
- *O projeto existe desde 2005, somente agora os recursos estarão disponíveis e será necessária a revalidação da proposta anteriormente aprovada pela Superintendência do Iphan em Minas Gerais.*

O veículo utiliza o espaço da notícia para evidenciar a importância e trabalho desenvolvido pelo IPHAN, mas não de forma agressiva. Porém, de forma geral, a estrutura do texto possui característica mais rígida e inflexível.

Vídeo-reportagens

Os vídeos analisados, construíram seus discursos explorando bastante a opinião dos moradores beneficiados pelo projeto, assim como a dos colaboradores e até mesmo dos turistas, deixando uma impressão de mais equilíbrio na importância da participação de cada ator. Ao falar sobre o Projeto, o coordenador José Theobaldo Júnior explica que seu objetivo é *Pra voltar a originalidade das casas, para que o turista possa apreciar não só a igreja mas também o Largo como um todo*. Já a turista de Florianópolis exprime sua admiração ao visitar a Capela:

Esses detalhes em dourado chamam muito a nossa atenção porque lá nós não temos isso. A gente acha tudo muito lindo, fica muito deslumbrado com os detalhes. Regiane Oliveira, engenheira civil.

A moradora Amália Pontes acrescenta à reportagem dizendo o que pensa a respeito dos benefícios e expectativas sobre o Projeto:

Creio que vai ficar um projeto bacana, até porque gera... Quando a cidade tá bem cuidada, o patrimônio tá bem cuidado, acho que isso atrai turistas.

A história e importância da Capela e Largo do Ó estiveram presentes nas três reportagens:

- *Quando a igrejinha foi erguida, em 1717, não existiam casas no entorno dela. Com o tempo os moradores foram chegando e se formou aqui, o Largo do Ó.*
- *Com mais de 300 anos de história, o município de Sabará foi o primeiro povoamento de Minas Gerais. A cidade é famosa pelo seu artesanato e pelo valor histórico de seus prédios. E o mais famoso deles, fica justamente no Largo do Ó.*
- *Esta Igreja é considerada uma das maiores representações do barroco mineiro no Brasil. Pela posição que ocupa no centro da praça, ela sempre concentrou as atenções dos visitantes.*

Outro ponto sempre levado em consideração foi a questão afetiva dos moradores com o lugar, também abordada através de entrevistas em todos as vídeo-reportagens:

- *Entusiasmei e tô fazendo a limpeza também pra ficar de acordo com a praça. Eleva a auto estima da gente, da cidade. O nome da cidade de Sabará. Antônio Leonardo Jacinto, morador.*
- *Não só pra nós comunidade, como pra toda Sabará. Vai ser um bem demais pra cidade. A gente tem uma praça toda bonita, toda colorida né?! Que vai colorir as casas bem bonitinho... Vai ficar lindo! Dona Maria da Conceição, moradora.*
- *Pra ver as coisas mais arrumadinhas, mais bonitinhas. Interessante porque a nossa igreja é a mais visitada. Dona Irene, moradora.*

E ainda a preservação do patrimônio:

- *A iniciativa pretende colaborar para a preservação do patrimônio histórico de Sabará.*
- *As fachadas das casas do Largo do Ó em Sabará serão restauradas. As obras são para valorizar um importante patrimônio histórico do Estado. (...) E é este patrimônio histórico, que agora vai ser revitalizado.*
- *Pela posição que ocupa no centro da praça, ela sempre concentrou as atenções dos visitantes. Enquanto as casas do entorno, muitas vezes mal conservadas ficavam esquecidas. Agora com a revitalização, o olhar se renova em todo o Largo do Ó.*

Sobretudo, o grande destaque nestes veículos foi voltado a colaboração do Projeto para a atividade turística:

- *A revitalização de casas históricas do Largo do Ó em Sabará está atraindo turistas.*
- *Tenho certeza absoluta que esse Projeto vai embelezar ainda mais esse Largo aqui, e aí sim vai atrair grandes turistas. Prefeito*
- *Os turistas de Florianópolis ficaram impressionados com a beleza do altar.*

A dinâmica característica a este tipo de suporte dá “vida” ao acontecimento, mas para além da propriedade que incute “movimento” aos assuntos, prevaleceu um caráter informativo mais equilibrado e homogêneo em todas as vídeo-reportagens avaliadas.

7.2 A leitura dos Habitantes

O Grupo 2, denominado Habitantes, teve uma visão muito positiva do Projeto. O senhor Francisco Teixeira, nascido em Sabará, por exemplo, caracteriza o projeto como *uma coisa linda, uma ideia brilhante*. Apesar de sua casa não ter sido contemplada e estar localizada um pouco distante do Largo do Ó, outro sabarense, Cláudio Vieira, ainda acrescenta que acha o Projeto *muito importante, muito bom e não mudaria nada, apenas espero que termine do jeito que está em andamento*. O senhor Antônio Bárbara diz que *ficou ótimo, muito bom. Deveria estender para outras ruas, pois ficou muito bonito!* Moradora do Largo há 63 anos, a Dona Irene achou que:

- *Foi uma ótima ideia, muito boa. Ficou muito mais bonitinho o Largo. E o pessoal que trabalhou aqui no Projeto eu achei que foi gente muito boa, gente muito responsável. Foi válido, muito bom! Maria Irene Pinto de Melo, 72 anos. Dona-de-casa e moradora do Largo. (novembro de 2012).*

Mas como o convívio das pessoas dessa categoria era intenso com o lugar, assim como com o acontecimento, algumas ressalvas foram aos poucos se revelando:

- *Nesse projeto não tem poste e nada não. Foi feito tudo embutido. E a pintura eu perguntei pra menina: “Escuta, tá pintando tudo bonitinho, o que vocês vão fazer pra manutenção?” Tem gente que vive com um salário mínimo pra pintar e cuidar da casa toda. Aí eu perguntei pra ela sobre a manutenção e ela riu. Francisco Teixeira, 62 anos. Aposentado e morador do Largo (novembro de 2012).*
- *Achei o Projeto interessante, apesar de que já era um projeto antigo né?! Que estava engavetado... Mas não gostei da parte de finalização, da parte plástica mesmo. No papel ele parecia bacana, mas na hora que foi pra rua mesmo... Marcos Vinícius Germano, 35 anos. Dono de loja de artesanato no Largo (novembro de 2012).*
- *Eles falaram que iam arrumar os jardins. Arrancaram o pingo de ouro e puseram azaleia. E que iam arrumar os jardins também. Mas isso aí foi só mesmo pra conversa. Quem quiser que arruma seu jardim. Agora*

tem gente que já tá arrumando. Essa parte do jardim eles deixaram de lado. (...) Eu tinha vontade que arrumasse o Largo mais bonitinho, mas diz que não pode mexer porque é patrimônio né?! Pôr um jardimzinho lá no meio ficava tão bonitinho. Maria Irene Pinto de Melo, 72 anos. Dona-de-casa e moradora do Largo. (novembro de 2012).

Houveram também algumas queixas em relação às decisões ou cores do Projeto. Quando começaram as pinturas alguns moradores lamentaram que “as casas estavam todas iguais, com cores mortas”.

- *Fui em reuniões. Mas decisões não, porque o projeto já era passado, já era feito. Eles apresentaram. Não foi uma reunião para debater o que iria ser feito. Foi só apresentado, imposto né?! As cores estão muito apagadas e parecidas. Acho que foi equivocada essas escolhas da Yara em função de cores barrocas. São tons pastéis, não tem nada a ver com barroco colonial. E a mesmice. Igual por exemplo, essas casas já são iguais, são as mesmas cores. Acho que pelo fato delas serem iguais, tinha que ser diferente as cores. A casa da Dona Nair lá embaixo, aquela casa azul, azulona. Não mexeu porque ela não quis, aí destoa. Do que adianta fazer um projeto bacana aí tem um azulão no meio do pastel. Marcos Vinícius Germano, 35 anos. Dono de loja de artesanato no Largo (novembro de 2012).*
- *Num certo aspecto melhorou mas eu achei as cores muito claras. Vai sujar muito rápido, eles não vão dar manutenção, foi só uma vez, não vão voltar (...) Tinha que reavivar as cores um pouco né?! Pintaram ali em cima três casas de amarelo, porque não puseram uma cor diferente? E eles queriam pintar do modo deles. Não abriram mão com a gente da opção não. Porque a minha casa eu nunca deixei ficar feia, sempre que eu vejo que tá assim mais coisa... mando renovar. Nair Augusta Pontes, 77 anos. Aposentada e moradora do Largo (novembro de 2012).*

A viúva Dona Nair explica o motivo pelo qual não autorizou que sua casa fizesse parte do Projeto:

Toda vida a casa foi azul. Quando não era mais claro era mais escuro, mas sempre azul. E nós fizemos chapisco que a parede da frente é de adobe. E o adobe é muito difícil de pegar o reboco. Aí reboca cai, reboca cai. E com o chapisco fica mais seguro, por isso é que eu não quis deixar mexer. Por que eles tiveram que colocar até uns preguinhos na parede toda pra poder segurar, porque rebocava caía, rebocava caía. E aí eles não iam pintar pra cá (interior da casa é da mesma cor da fachada) também, ia ficar uma marmota! Então eu não quis mexer, nem a minha

também. Nair Augusta Pontes, 77 anos. Aposentada e moradora do Largo (novembro de 2012).

Alguns representantes deste grupo demonstraram repetidas vezes que gostariam também que o Projeto estivesse sido ampliado para contemplar “paisagismo e outras mudanças que fizessem o lugar ficar mais bonito” e “estrutura melhor para atender aos turistas. Assim eles podiam passar até mais tempo aqui”. Podemos perceber alguns lamentos sobre o Projeto nos trechos das entrevistas abaixo:

- *Eu acho que o calçamento poderia ter sido melhorado. Tá tudo muito bonito, mas quando você olha pra cima. Colocaram jardim, mas o jardim tá assim meio abandonado. Eles plantaram e largaram. Deveriam fazer um projeto paisagístico melhor, acho que faltou isso, um projeto paisagístico. Poderiam colocar uns bancos... Francisco Teixeira, 62 anos. Aposentado e morador do Largo (novembro de 2012).*
- *Faltou uma coisa mais criteriosa, ir mais devagar mesmo. Foi muito a ‘toque de caixa’. (...) Quando eu ouvi falar da revitalização eu imaginei que além da pintura da fachada seria consertar telhados, consertar passeio, plantio, arborização... Pensar a iluminação, porque não é um projeto total. É a famosa maquiada. Teve muita mudança, mudaram muita coisa de cabeça. Marcos Vinícius Germano, 35 anos. Dono de loja de artesanato no Largo (novembro de 2012).*
- *Precisa de melhorar mais ainda né?! Além dessas pinturas eu acho que deve fazer um jardim tudo igual, tudo bonitinho. (...) A limpeza da rua, eu acho que devia ter um gari só para limpar aqui, um gari fixo porque a visitação aqui é muito grande. Antônio Bárbara Oliveira, 69 anos. Aposentado e morador do Largo. (novembro de 2012).*
- *Inclusive nós tínhamos aqui na rua aquele pinga de ouro que nós todos tínhamos plantado na rua. Eles vieram, arrancaram tudo e plantaram essas azaleias que não tá dando em nada! Primeiro começaram a roubar as mudas, depois as flores... Tá saindo um botão eles vão lá e cortam. Nair Augusta Pontes, 77 anos. Aposentada e moradora do Largo (novembro de 2012).*

Inclusive uma queixa atípica foi constatada:

- *Mas aqui a gente gostava da casa velinha. Igual tinha uma ali caída, mas o cara já comprou e reformou ela, refez ela, teve que refazer ela. Aí o que acontece, a gente gostava da ruína (risos). Das ruínas! As noivas vinham tirar foto aí, adoravam! Ela estava em ruínas mesmo. Rosilene Alcântara, 48 anos. Mora em Sabará e trabalha no Largo (novembro de 2012).*

Outra característica marcante da comunidade é a atenção e boa vontade com visitantes e turistas, apesar de considerar que o número diminuiu consideravelmente. Mesmo sentindo-se um pouco “donos” daquele “pedacinho do céu”, demonstraram satisfação em dividir e apresentar ainda mais belo o que consideram a sua “joia”. A moradora de um bairro próximo e trabalhadora há anos no Largo, Rosilene Alcântara, diz que *quando o turista chegar vai ter outra visão do lugar*. Muitos moradores concordam com ela:

- *Pra nós que somos de Sabará não valorizamos muito não, mas eu tenho visto turistas chegarem aqui e ficar boquiabertos. Até ontem quando eu estava na Igreja da Matriz e tinha um senhor que veio aqui, nossa ele estava encantado. Eu falei, eu moro ali no Largo, aqui ao lado, um pouquinho pra frente. Ele disse, nossa você mora naquela coisa linda ali?! Então quer dizer, a gente tem que valorizar. Francisco Teixeira, 62 anos. Aposentado e morador do Largo (novembro de 2012).*
- *Vai ficar mais visado, vai ficar mais comunicado né?! E os turistas vão comentar como é que é o Largo de Nossa Senhora do Ó, aí vai incentivar mais o turismo. Cláudio Vieira da Conceição, 51 anos. Morador de Sabará (novembro de 2012).*
- *Tá na mídia né!? No noticiário, no jornal, mídia impressa. Com isso talvez o fluxo turístico aumente, pelo fato do pessoal se interessar a conhecer. Quem não conhece vem conhecer. Marcos Vinícius Germano, 35 anos. Dono de loja de artesanato no Largo (novembro de 2012).*
- *Essa revitalização eu acho que vai chamar mais atenção do turista. Antônio Bárbara Oliveira, 69 anos. Aposentado e morador do Largo. (novembro de 2012).*
- *Pode trazer benefício pra turista, que chega aí e vê a rua mais limpa, mais bonita. Nair Augusta Pontes, 77 anos. Aposentada e moradora do Largo (novembro de 2012).*

A atenção se estendeu também ao abrir as portas de casa para colaborar com o Projeto e receber uma ajuda ao mesmo tempo:

Nossa casa ficou alugada aqui pro Projeto. A casa fica vazia que a gente trabalha e chega só a noite. Aí a arquiteta ficava aqui e meu cunhado que era o encarregado da obra também ficava. Só fechava as portas do quarto. E com o dinheirinho a gente vai dar uma reformadinha, quando chove molha tudo. Cristina Clara, 50 anos. Servente e moradora do Largo (novembro de 2012).

Em sua maioria, creditaram ao patrimônio religioso a característica mais marcante de Sabará:

- *A questão religiosa primeiramente, depois pela parte artística. Se eu colocar a parte artística eu vou estar colocando Deus em segundo plano. Francisco Teixeira, 62 anos. Aposentado e morador do Largo (novembro de 2012).*
- *Eu sou católico, eu gosto de acompanhar a religião. Cláudio Vieira da Conceição, 51anos. Morador de Sabará (novembro de 2012).*
- *Eu acompanhei muito a procissão, muito bonita. Nair Augusta Pontes, 77 anos. Aposentada e moradora do Largo (novembro de 2012).*

Em algumas passagens das entrevistas e conversas, parecia não haver distinção dos órgãos envolvidos e a função que coube a cada um.

- *O Projeto eu acho que ele tem uma linha aí e é só o ateliê. É ateliê mesmo? Ah, o Instituto. Francisco Teixeira, 62 anos. Aposentado e morador do Largo (novembro de 2012).*

Pelo fato do ano da execução do Projeto ser de eleições municipais, alguns comentários apresentaram desconfiança. Em determinadas etapas acreditavam que ainda existia falha e superficialidade. Um morador e proprietário de comércio local disse que “a revitalização é para embaçar a vista do povo”, pois estava havendo pressa e economia nas obras, creditando essas ações ao envolvimento político no Projeto. O senhor Francisco Teixeira conta que é a primeira vez que o deputado Wander Borges leva um projeto para o Largo do Ó, apesar de sempre ajudarem na Festa de São João. Ele diz que:

- *Mas ele pecou porque o Projeto dele caiu num ano político. Ele estava sendo visto como obra eleitoreira. Francisco Teixeira, 62 anos. Aposentado e morador do Largo (novembro de 2012).*

Mas enfim, prevaleceu em todos os depoimentos um sentimento de amor e identificação com o lugar, e mesmo quando as pessoas não sabiam aprofundar sobre o Projeto, manifestaram apoio a qualquer atividade que pudesse trazer benefícios.

- *Agora eu acredito que as pessoas vão cuidar mais das casas. Pelo menos a frente vão ver que tá bonito e vão falar “ah, agora eu vou continuar”, ver que está bonito e continuar pintando. Francisco Teixeira, 62 anos. Aposentado e morador do Largo (novembro de 2012).*
- *Além de embelezamento vai trazer maior disciplina para o local, o pessoal vai ter mais gosto. Eu por exemplo tenho gosto de limpar aqui na frente, aquela grama ali na frente eu mesmo cuido. Antônio Bárbara Oliveira, 69 anos. Aposentado e morador do Largo. (novembro de 2012).*
- *Deu outro ar né?! O conjunto ficou muito bonito. Rosilene Alcântara, 48 anos. Mora em Sabará e trabalha no Largo (novembro de 2012).*

Foram mencionadas também situações de insegurança causada pelas drogas, mas apesar de todas as ressalvas colocadas, de um modo geral, a resposta dessa categoria foi bem positiva em relação ao Projeto. Naturalmente os detalhes estão mais salientes nesse grupo, que devido a convivência percebem com mais sensibilidade cada particularidade que envolve o Projeto.

7.3 A relação dos Visitantes

Na ocasião das entrevistas e observações ao Grupo 3, nenhum dos visitantes que colaborou conhecia previamente o Projeto de Revitalização do Largo do Ó, e seu estágio já estava bem próximo do fim. Por isso, é importante colocar que esses indivíduos conheceram o Largo com a maioria das ações do Projeto já executadas e opinaram a partir do que vivenciaram naquele momento. Mas mesmo assim eles foram considerados parte essencial do mesmo, pois o acontecimento foi pensado para eles também, como demonstraram os outros grupos. Entretanto, não há uma fala específica do Grupo Visitantes sobre o Projeto de Revitalização, de onde se possa extrair diretamente como eles o perceberam.

Para a maioria dos entrevistados e representantes do grupo denominado Visitantes, a dimensão histórica do patrimônio é a que mais caracteriza Sabará, com o segundo lugar para a dimensão artística. Poucas pessoas faziam as visitas em caráter religioso. O motivo delas variou muito. Dentre eles atividades escolares, turismo e lazer ou conhecer as características históricas, artísticas e religiosas ou, por exemplo, apreciar o monumento “símbolo de Sabará”.

Na hora que eu subi. Inclusive eu subi com uma moradora, quando eu cheguei ali no início da rua eu fiquei maravilhada. Maria da Conceição, comerciária. Turista.

Embora existisse unanimidade entre os visitantes ao dizer que o Largo e a Capela do Ó corresponderam suas expectativas, algumas observações sobre o estado de conservação da cidade foram apontadas:

Já estive aqui há mais ou menos 10 anos e achei que a cidade está a mesma coisa da outra vez. Mas o guia turístico que está conosco falou que Sabará está muito descaracterizada. Roberto Rigão, engenheiro civil e turista.

Roberto ainda completa que considerou o Largo conservado, mas não revitalizado. E apesar dessa observação ponderou que deve apenas ser mantido como está. O local fazia parte do seu roteiro de visitas por opção da agência pela qual viajava. Outra visitante que também já conhecia a cidade diz:

Já conhecia Sabará, mas só o centro. Hoje vim acompanhar a família do meu cunhado. Achei o Largo e a Capela conservados e em bom estado, diferente das outras igrejas do centro. Tânia, Belo Horizonte.

Um casal do Rio de Janeiro entra num consenso e revela que *gostaram da conservação do Largo e Capela do Ó. As expectativas foram correspondidas, no entanto o lugar e principalmente Sabará está longe de outras cidades históricas como Ouro Preto e Parati.* O turista e projetista de Belo Horizonte Ildeu Vicente Pinto, que visitou o local por *curiosidade*, fez uma observação sobre a *necessidade de revitalizar o interior da Capela, que já está bem fragilizado e a falta de bancos no entorno do Largo.* Mas apesar da colocação, teve suas expectativas correspondidas, que era a de conhecer as características históricas, artísticas e religiosas da Capela do Ó. A estudante paulista Giovana Santos incluiu a Capela e o Largo em seu roteiro de visitas por considerar o lugar

o símbolo de Sabará, e concluiu que *só precisa manter do jeito que está*. Assim como Antônio Germano de João Monlevade que disse *sempre venho visitar o local, o Largo está sempre conservado*. A turista Zoraia, de Friburgo, compartilha da mesma opinião dizendo que *a Capela está bonita e bem conservada*.

Um grupo de visitantes de Rondônia elogia o conjunto composto pelo Largo e Capela do Ó. Entretanto, um de seus membros que já havia visitado Sabará há 20 anos notou que *a paisagem no entorno foi alterada. Os morros... Acho que não devia poder!*

O modo de expressar nessa categoria se caracterizou extremamente positivo, porém as narrativas desses atores eram sempre marcadas pela concisão. A opinião sobre serviços, preços, transporte, acessibilidade, alimentação e hospitalidade por exemplo, que são elementos geralmente considerados relevantes para os visitantes, em momento algum foi citada. Todos se limitaram em responder às questões colocadas sobre o Largo e a Capela.

A maioria dos entrevistados neste grupo considerou o lugar conservado e sem a necessidade de passar por revitalização, apenas manutenção. Apesar de apontadas, as observações sobre reparos e adaptações não prevaleceram. De um modo geral, o destino encanta, mas ainda pode ser melhorado.

É possível perceber que a permanência cria no imaginário do visitante aspectos que consolidam a ideia de valor cultural daquele local. Para atender suas expectativas, é importante para esse grupo, que a cena local permaneça intocada, o que transmite certa indecisão entre “mudar” e “conservar”. Ao mesmo tempo que consideram relevante o bom estado da Capela e Largo do Ó, não querem que eles passem por modificações, como se estas descaracterizassem o espaço. A narrativa deles é pautada no respeito ao patrimônio, o que torna possível abstrair que, apesar da relação indireta, a categoria dos Visitantes se sente tocada e envolvida pelo Projeto de Revitalização do Largo do Ó. De maneira diferente dos outros interlocutores, a atribuição de significado para este grupo é delineada de forma subjetiva.

7.4 A fala dos Colaboradores

Assim como o grupo anterior, a categoria denominada Colaboradores foi acrescentada após a verificação da recorrência desses personagens nas narrativas de alguns participantes dos Grupos 1 e 2. Como já detalhado anteriormente, estabelecemos 6 representantes para este grupo. Cada um deles por sua vez, responderia à uma instituição que fez parte da execução do Projeto. Entretanto, apesar de entrar em contato com todos, obtivemos apenas 2 retornos. Dessa forma, a nossa análise parte destas respostas e se ampara ainda nas declarações expostas por representantes dos outros grupos.

Em primeiro lugar a narrativa otimista sobre o Projeto tomou conta dos Colaboradores, como ilustra o secretário de cultura à época, quando diz que *a perspectiva da instituição era evidenciar a importância daquele sítio histórico para todos*. Sérgio Alexandre representou a prefeitura do município, parceira no Projeto, *desde os primeiros passos* e em função de sua *afinidade com os moradores* colocou-se *à disposição para recolher as assinaturas de autorização de intervenção*. Dentre outros, o deputado que representou a parceria do governo também fez suas considerações através da imprensa:

- *“É um trabalho simples que será feito aqui na região, mas carregado de um simbolismo muito forte daquilo que representa a Igreja Nossa Senhora do Ó e de todo seu entorno”. Folha de Sabará, Ed. 816, 2012.*
- *Basta ver os registros fotográficos do antes e do depois para ter a certeza de que a revitalização fez um bem muito grande não só para as casas contempladas como também, e principalmente para a própria igreja. Sérgio Alexandre, secretário municipal de cultura em 2012.*
- *Aqui é todo mundo junto. Todo mundo trabalhando com o mesmo objetivo. Um ambiente histórico, restaurado, limpo, em condição de atender à comunidade e quem chega para visitar. Sidney Pereira, pintor.*

Grande ênfase se voltou à questão da adaptação sofrida pelo Projeto quanto aos recursos levantados, limitando ações que desejavam executar:

- *No começo do ano passado, o Instituto ficou sabendo que a SEDESE tinha um convênio que dava pra encaixar esse Projeto no seu edital,*

que era de R\$200.000, 00. E o Projeto como um todo era muito maior que a revitalização das casas, a pintura das casas. Ele previa iluminação subterrânea, paisagismo, recuperação de calçadas... Então a gente reduziu, o Instituto me chamou para fazer uma adequação do Projeto. Tatiana Harue Dinnouti, arquiteta.

- *“Nossa esperança é a de que, com a revitalização das casas, empresas manifestem o desejo de nos apoiar”. Carmen Teresa Lopes Alves, secretária de Planejamento de Sabará. Portal Defender, 2012.*

Questionado sobre alguma mudança no projeto, o representante da instituição municipal faz uma única colocação:

- *Orçamento. Para poder trabalhar de forma mais completa a questão paisagística. Sérgio Alexandre, secretário municipal de cultura em 2012.*

A relevância do patrimônio e a importância da renomada artista plástica que propôs o Projeto e a aplicação de sua paleta de cores também recebeu evidência neste grupo:

A presença / proposta da renomada artista plástica Yara Tupynambá aliada à sua vontade de fazer o Projeto acontecer, fez com que o trabalho fluísse com maior desenvoltura e precisão. Não podemos desprezar o fato de que a Capela da Expectação e as cores da paleta da artista mobilizaram toda a imprensa mineira. Quando falo “toda a imprensa” não é por força de expressão, mas testemunho dos fatos. Sérgio Alexandre, secretário municipal de cultura em 2012.

Houveram constantes menções aos moradores locais, como comprovam as passagens dos representantes da prefeitura:

- *Não posso deixar de citar a alegria dos moradores que foram transformados nos protagonistas da ação, deixando, de forma proposital, o discurso oficial em segundo plano(...) Há que se considerar que toda ação cultural, artística e social irradia seus benefícios por toda a comunidade elevando o nível de consciência e pertencimento. Sérgio Alexandre, secretário municipal de cultura em 2012.*
- *Esse Largo é um Largo muito charmoso, muito gracioso. E a população aqui tem uma expectativa da recuperação desse Largo. Em buscar o passado com as suas tradições. Vídeo TV Horizonte, 2012.*

Entretanto, em alguns momentos, verificou-se nas narrativas pequenos desentendimentos. Sobre as restrições do Projeto, alguns reparos nas fachadas durante as obras e na etapa da pintura, por exemplo, algumas explicações tiveram que ser frequentemente dadas devido a interpelações constantes. Mas segundo a arquiteta responsável pelo Instituto, *“é natural, pois estamos interferindo não apenas no imóvel deles, mas na vida e no que possuem de mais valioso”*.

O Grupo Colaboradores frisa bastante a importância do Projeto ser voltado à conscientização da comunidade:

- *“À medida que a obra foi evoluindo, as pessoas foram mostrando interesse e valorizando o patrimônio”, informa José Theobaldo. Jornal Estado de Minas, 2012.*
- *“As mudanças são pequenas, mas os benefícios vão além do visual. Uma pintura pode levar à recuperação da autoestima dos moradores do Largo que, percebendo as diferenças, terão mais vontade de cuidar desse bem histórico de Sabará”. Tatiana Harue Dinnouti, arquiteta. Portal Defender, 2012.*
- *“O mais importante disso tudo é que a revitalização do Largo do Ó está estimulando moradores de ruas próximas a também preservarem suas residências. “Ficou um ambiente limpo, bem cuidado”. Tatiana Harue Dinnouti, arquiteta. Jornal Estado de Minas, 2012.*
- *[...] “senti uma responsabilidade muito grande em fazer esse serviço. Fizemos de tudo para não desagradar a comunidade, afinal eu moro aqui, estou inserido na comunidade”. Carlos Augusto da Silva, encarregado de obra e morador. Folha de Sabará, Ed. 833, 2012.*

E houve ainda a presença de explicações referentes às ações operacionais e seus objetivos:

- *A primeira ação foi remover chapiscos das paredes de algumas casas que estavam soltos, em seguida foi feita a recomposição, utilizando cal na massa, para ter melhor aderência nas paredes que são de adobe. Além disso, as trincas e rachaduras de algumas casas foram preenchidas com massa e em casos mais sérios foram usados grampos. Também na primeira etapa foram feitas as trocas de janelas que se encontravam em estado bastante degradado e outras foram restauradas. Além disso, portões foram trocados e reformados. Tatiana Harue Dinnouti, arquiteta. Folha de Sabará, Ed. 833, 2012.*

- *“A Yara fez em uma tela uma pintura das casas. Ela pintou cada casinha seguindo uma harmonia. A primeira casa é a azul, a do lado é amarela com detalhe azul, a outra verde com detalhe amarelo e assim foi. Já as casas da época da Siderúrgica foram todas pintadas da mesma forma. As outras que são de variados estilos arquitetônicos foram pintadas em tons pasteis”, conta a arquiteta. Tatiana Harue Dinnouti, arquiteta. Folha de Sabará, Ed. 833, 2012.*
- *“Optamos por uma paleta de cores que desse harmonia ao conjunto e destacasse a igreja, considerada uma das principais representações do barroco mineiro”, explica. (...) Tatiana acredita que as intervenções vão trazer homogeneidade ao Largo do Ó, cujas casas não seguem um padrão arquitetônico. Tatiana Harue Dinnouti, arquiteta. Portal Defender, 2012.*

A contribuição para a atividade turística também foi citada como fator importante:

- *Valorização do Largo e consequentemente da Capela, grifar o fator turismo, estímulo à preservação, valorização da beleza, etc. Sérgio Alexandre, secretário municipal de cultura em 2012.*
- *O objetivo da revitalização é deixar o lugar mais bonito, onde o turista pode chegar e além da fachada da Igreja admirar todo o espaço. Carlos Augusto da Silva, encarregado de obra e morador. Folha de Sabará, Ed. 833, 2012.*

Apesar de em alguns momentos transparecer que, a maioria dos representantes desta categoria não entendia claramente as particularidades da comunidade e o que realmente era relevante para eles, a percepção geral deste grupo foi de que não foi revitalizada apenas a estrutura física das casas em si, mas o sentimento e tudo que ele implica por quem vivencia aquele ambiente como um todo. Eles acreditam que o Projeto de Revitalização do Largo do Ó trará harmonia para a paisagem e estímulo positivo aos habitantes no cuidado ou mesmo reforçando a identidade e apego que possuem.

8. DISCUSSÃO

No presente estudo nos restringimos ao Largo Nossa Senhora do Ó, cujo principal bem material é a Capela. Mas que por si só não tem representatividade se não analisada em conjunto com seu entorno e contexto social. Ao apropriar-se do bem cultural, através do uso e de uma relação afetiva, a sociedade pode contribuir para a continuidade dos seus aspectos culturais e ambientais. Abranger diferentes protagonistas para pensar como o lugar foi vivenciado no passado e é atualmente foi uma das ferramentas que conferiram sentido legítimo à pesquisa.

A cultura manifesta singularidades que abarcam indiscutível valor humanístico. Quando se preserva legalmente e na prática, conserva-se a memória do que fomos e do que somos: a identidade. O patrimônio é riqueza comum que herdamos como cidadãos e que se vai transmitindo de geração a geração. Uma sociedade que busca o entendimento e o registro de sua evolução cultural deve preservar recursos e exigir métodos de intervenção capazes de respeitar os inúmeros elementos que compõem o seu Patrimônio Cultural. Relacionar os usos sociais desses bens no presente, conservando a produção cultural do passado é um ato de manter testemunhos que possibilitam à sociedade reconhecer e valorizar sua identidade, estabelecendo referenciais para a construção de seu futuro através da apropriação.

O Patrimônio Cultural é a soma dos bens culturais de um povo, portanto, os sentimentos que ele evoca são transcendentais, ao mesmo tempo em que sua materialidade povoa o cotidiano e referencia fortemente a vida das pessoas. Não podemos perder de vista, no entanto, que o conceito e seu tratamento, permanecem em constante transformação enquanto construtos culturais. Assim, devemos evitar críticas arbitrárias ao tratamento de outras épocas sem uma contextualização. Deve sempre existir uma postura de reflexão permanente quanto às suas práticas e conceitos. Maffesoli (1996) observa por exemplo, que a arquitetura pós-modernista não se satisfaz mais com variações no academicismo ou com as delícias da linha própria ao estilo moderno. “Em compensação, ela representa como que uma colcha de retalhos sobre a multiplicidade das maneiras, sobre a reunião de elementos heterogêneos, a fim de deixar aparecer todas as potencialidades das matérias utilizadas” (MAFFESOLI, 1996, p. 217).

De acordo com Pereira, a psicologia reforça os aportes da percepção comunicativa quando esclarece os elementos sensoriais e aspectos da experiência estética da seguinte maneira:

O ser humano é um “sistema” aberto em constante intercâmbio consigo próprio (vida interior mental e visceral) e com o mundo ambiental. Isso só é possível graças aos elementos e órgãos que formam o conjunto sensorial (órgãos do sentido, sensibilidade à dor, etc., etc.) e às funções perceptivas. [...] Durante a transmissão de sinais ou símbolos, no trabalho de comunicação, o colorido emocional e a tonalidade afetiva tem fundamental importância (PEREIRA, 1973, p. 108).

Dessa forma, o Largo do Ó se constitui como produção de sentidos consequentes da formação entre sujeitos e ambiente construído a partir da interação entre os mesmos. O patrimônio cumpre um papel além da beleza histórica e estética das técnicas de arquitetura. Gonçalves (2003, p.27) considera que enquanto símbolo, o patrimônio é usado para agir, representar e comunicar. Através da mediação entre seres humanos e passado e presente, o patrimônio é para ser contemplado assim como para representar ideias e valores abstratos, e de certo modo construindo e formando pessoas.

Há relações de interdependência entre o espaço urbano construído e o espaço simbólico. A cidade é percebida e formada pela apreensão de códigos da cidade concreta, mas também de signos projetados sobre ela e que formam a cidade percebida e vivenciada. Portanto na vida cotidiana também está fortemente presente a imagem de uma cidade desejada, de modo que os atores enxerguem e vivam a cidade que ainda não está lá. É o uso futuro que se busca inserir no presente, para formar os lugares no imaginário, de onde junto a outros elementos, os discursos são construídos.

Verificar a tessitura comunicacional do discurso patrimonial através dos interlocutores envolvidos em um acontecimento serviu como ponto de partida para reflexões no sentido de aprimorar a conexão dos processos em questão. Afinal, os sujeitos mudam com o espaço urbano quando compartilham informação, fatos sociais, políticos, históricos e culturais. Castriota observa algumas estratégias de intervenção patrimonial, e dentre elas a reavaliação da gestão do meio ambiente urbano em conjunto com a sociedade:

Antes de qualquer intervenção no tecido vivo da cidade, é muito importante a percepção dos mecanismos criadores de significado em jogo ali: é vital

perceber, acima de tudo, como os moradores e usuários utilizam e valorizam aqueles espaços que constituem o seu dia-a-dia. É necessária, para isso, a criação de mecanismos que permitam a real e efetiva participação dos agentes envolvidos no processo (CASTRIOTA, 2009, p. 91).

Observar o panorama contemporâneo implica perceber que as mudanças dos indivíduos imprimem também variações no envolvimento com a cidade e seu cenário, que podem ser parcialmente captadas em suas narrativas. Os grupos sociais, o ambiente em que se inserem e o patrimônio são agentes em constante diálogo e mutação. Assim, apreender o Projeto de Revitalização do Largo do Ó como referencial empírico foi o primeiro passo para reconhecer o acontecimento como agente e instrumento de análise da sociedade, que cada vez mais se reelabora e promove intensas trocas culturais.

Choay pontua que toda construção pode ser promovida a monumento pelas novas técnicas de comunicação com a função de legitimar a autenticidade a qual doravante se delega seu valor, não importando se tal realidade construída não coincida com as representações midiáticas (CHOAY, 2001, p.22-23). Entretanto, nossas análises apontam para uma abordagem mais ampla, onde a recepção do acontecimento vai além da ótica midiática, por mais força que esta possua. A natureza perturbadora do acontecimento leva em conta outros protagonistas na ordem social, que também são afetados e compõem o quadro. Não existe uma relação de causalidade direta e objetiva entre acontecimento e o papel da mídia. Ela é um dos componentes que contribui em conjunto com outros agentes para a representatividade e significação dos fenômenos experienciados coletivamente.

Enfim, é importante estar atento a variedade dos protagonistas que conformam cada situação e os discursos que se fazem possíveis através de um mesmo acontecimento. As narrativas descortinam a complexidade das percepções voltadas ao patrimônio cultural, assim como a transitoriedade e peculiaridade de seus valores em cada contexto. É a leitura de um emaranhado de experiências cotidianas que se sobrepõem e convivem em conjunto.

9. CONCLUSÃO

Finalizado o exame do nosso estudo de caso, algumas considerações podem ser apreendidas acerca dos diferentes modos de se articular a narrativa sobre o patrimônio cultural pelos interlocutores. Mais do que simples formações discursivas, existe nesta dinâmica um complexo sentido social dotado de simbologias, configurando uma pluralidade impossível de ser fragmentada e observada individualmente. Para melhor compreensão, nosso capítulo conclusivo foi dividido em duas partes. Na primeira buscamos posicionar os dois grandes temas da pesquisa na constituição de uma contribuição para possibilidades analíticas. No segundo momento, indicamos algumas conclusões especificamente sobre a pesquisa empírica.

Patrimônio Cultural e Comunicação Social

O patrimônio cultural reflete intimamente os movimentos sociais que o circundam e que podem ser apreendidos dentre outras formas através das narrativas que imprimem o processo de significação que o constitui. Mas a necessidade de compreensão e leitura crítica dessa parte da cidade torna-se premente, na medida em que temos consciência de que a materialidade linguística também é composta de fatores externos e anteriores ao texto. Com base nessa afirmativa, concluimos que atribuir sentido ao discurso é conhecer também os mecanismos pelos quais eles se submetem. Os textos são construídos por subjetividades muitas vezes ocultas em falsas aparências.

Frente à evidência de que a preocupação com a valorização do Patrimônio Cultural remonta de diferentes épocas e lugares e de acordo com os seus contextos, perceber o ambiente vivenciado deve estar relacionado ao sistema de valores como indicação de respostas humanas dos diferentes atores. Além disso, fatos registrados na memória, personalidade, cultura, tipo de transmissão, e informação também exercem influência. O indivíduo entende o ambiente de acordo com aquilo que conhece ou no que é motivado a conhecer.

Quando se fala em patrimônio tombado, é inevitável que uma série de olhares componha sentimentos e impressões permeados por diferentes elos e conexões a partir da construção de imagens e valores pelos indivíduos. O Patrimônio Cultural, desta forma,

aponta marcas e traços perfeitos ou imperfeitos que constituem a experiência dos sujeitos e seus reflexos.

A nossa análise aponta que a discussão atual deve levar em conta tanto o “Patrimônio Ambiental Urbano”¹⁴ quanto à dinâmica cultural e social. Portanto, observar o significado e as conotações do Patrimônio Cultural através da comunicação engajada em um quadro particular, é importante para a leitura e interpretação mais acertada da percepção real. Ao levar em consideração a visão holística da situação, entende-se que estímulos e respostas estão integrados aos movimentos próprios de acontecimentos específicos. E essa questão evidencia a possibilidade de diagnóstico que os acontecimentos podem proporcionar. A trajetória do Projeto de Revitalização do Largo do Ó confirma que, mais do que o sentimento de identificação e pertencimento, este lugar carrega consigo um patamar de afetação muito maior. O lastro comunitário aciona condutas que criam campos problemáticos apontando dimensões que por vezes confirmam a expectativa da estabilidade e por outras provocam fissuras na rede cotidiana.

O poder de revelação do Projeto se produziu por meio de diferentes formações discursivas que acabaram por conformar uma variedade de enquadramentos, que manifestaram o rompimento com um cenário homogêneo. As diversas experiências engendraram partilhas de emoções através da interação comunicativa que auxiliou a condução de situações para um mesmo foco, dotando-a de estabilização. Os valores nem sempre eram comuns a todos os personagens que compuseram o Projeto de Revitalização do Largo do Ó. E este fato é imprescindível de ser levado em conta, afinal são múltiplas organizações semiodiscursivas a se considerar antes de fazer escolhas que vão interferir no Patrimônio Cultural da cidade.

O estudo de sentido social do patrimônio cultural de Sabará através das diferentes possibilidades discursivas formadas durante o Projeto de Revitalização do Largo do Ó ilustra perfeitamente a ocorrência da complexidade urbanística que fez surgir ao longo de sua história problemas comuns a outras cidades brasileiras que constituem regiões metropolitanas. O município precisa encontrar seu ponto de equilíbrio entre os anseios do

¹⁴ Conceito cunhado por Leonardo Castriota, descrito enquanto matriz contemporânea a partir da qual se pode pensar a preservação sem se limitar à visão tradicional, onde conservar, renovar e transformar evolua de maneira equilibrada.

desenvolvimento e a preservação do patrimônio. Preservação no sentido de direcionar os valores do município conciliados às suas mudanças, mantendo unidade e integridade do meio ambiente além de propiciar melhor qualidade de vida aos seus cidadãos, que são formados por uma diversidade de atores.

O modo de operar o ambiente em que vivem é a resposta dos sujeitos e sua conformação pessoal. De acordo com ela os indivíduos deixam sua marca e levam consigo alguma também. É uma troca, onde os interlocutores envolvidos não saem como entraram ao viver uma experiência em um dado acontecimento. O Largo do Ó é um depósito do passado, mas o mesmo precisa dialogar com o presente, pois possui valor histórico e simbólico para a comunidade. E os valores são fundamentais para a conservação do patrimônio, inclusive, ajudando a aproximar a comunidade do bem cultural. Os valores que orientam as ações e conduta são o resultado da relação entre a comunicação dos atores sociais. O cidadão apreende e interpreta situações relacionando-as ao seu repertório no contexto onde o patrimônio se inscreve e sobre o qual atuam e do qual recebem reflexos.

Deste modo, o Projeto de Revitalização do Largo do Ó acarretou em interferências na dinâmica local, indicando a possibilidade de uma forma de compreender situações problemáticas sobre a cultura sabarense, que podem consequentemente propor um comedimento das ações patrimoniais. O uso do Largo e da Capela do Ó deve atuar no sentido do fortalecimento da cultura com a qual está envolvida, fator que contribui com a preservação do ambiente. Conduzir os interlocutores ao entendimento de conceitos que envolvem o patrimônio inerente ao ambiente levaria à compreensão e vivência de um momento de troca de experiências na diversidade local, refletindo na preservação do patrimônio e motivação cultural.

O Largo e a Capela do Ó são o reflexo da comunidade onde a mesma se insere. O envolvimento dos atores sociais agrega valores que a torna monumental e parte da cultura sabarense. Os depoimentos mostraram que os compromissos com a Capela são em grande parte assumidos pela comunidade. Portanto, fica claro que se não houver constante atenção da relação e interação com os demais interlocutores, o quadro atual ficará comprometido acarretando reconsiderações e revisões que a submeterão à

mudanças. O Largo do Ó, os sujeitos sociais, a mídia e todos os interlocutores que de alguma forma compõe o contexto são interdependentes: um encontra suporte no outro.

Originar atividades multidisciplinares que despertam no cidadão a identificação dos aspectos culturais resgatados através dos acontecimentos incentiva a permanência, preservação, manutenção e divulgação da cultura local. O necessário equilíbrio entre preservação e renovação é hoje um grande desafio enfrentado pelas cidades históricas. O município de Sabará do século XXI contempla seu passado ao mesmo tempo em que se prepara para superar obstáculos atuais que precisam de atenção. A cidade deve se organizar para as futuras gerações afirmando seus princípios e valores, mantendo seu traço cultural aliado às novidades e mudanças do presente.

Foi confirmado que a comunidade é parte fundamental no processo da construção de identidade e na conservação sustentável do ambiente construído. Seus membros são responsáveis por estimular a manutenção dos bens tangíveis e intangíveis, além de mediar conflitos, atendendo aos interesses de várias partes. A pesquisa indicou também, que a comunidade do Largo do Ó se apoia e apropria de crenças. Ao mesmo tempo elas constituem um suporte religioso, mítico e até mágico e representam evidências do seu mundo particular, tranquilizando-os.

Frente às mudanças ocorridas no campo do patrimônio cultural, afloram valores socialmente reelaborados. As narrativas dos protagonistas do Projeto de Revitalização do Largo do Ó e seus diferentes valores, como por exemplo, religiosos, históricos, culturais e estéticos, relacionados à Capela, demonstram claramente o fortalecimento do vínculo coletivo. Consequentemente todos os interlocutores exercem algum tipo de função na manutenção da Capela e nos rituais vinculados a ela. A pesquisa retratou também as relações de interdependência entre bens materiais, imateriais e os sujeitos que o vivenciam. Foi verificado que através de experiências habituais o espaço propicia identificação e familiaridade aos envolvidos. Sendo assim, se caracteriza como indissociável a apropriação que consequentemente se desdobra em costumes e práticas culturais gerando novas experiências cotidianas.

Evidenciamos que as questões do Patrimônio Cultural podem ser inseridas em metodologias de análise do acontecimento que envolvem a Comunicação Social. Neste contexto, destaca-se a carência de pontos de vista diferenciados a respeito do patrimônio, que podem auxiliar na manutenção dos seus valores atuais. A intervenção do acontecimento auxiliou na compreensão da interação entre os atores que compuseram o Projeto, tendo em vista a multiplicidade de polêmicas que envolve a vida social de cada um.

O acontecimento e suas narrativas

O caso analisado em nossa pesquisa, o Projeto de Revitalização do Largo do Ó, é de caráter público enquanto processo coletivo de individualização e socialização. Ele é um acontecimento provocado, tematizado e delineado em um espaço temporal, e são estas condições que o inscrevem em uma dinâmica experiencial que coloca em relevo a resposta ativa dos interlocutores afetados por sua problemática. Além disso as discussões, percepções, mobilizações e ações sociais fizeram dele um acontecimento de caráter público. Mas em tal dinâmica de múltiplas apreensões, capturamos algumas relações e focos, concluindo que estes são inesgotáveis.

No tocante ao público atingido, revelou-se importante a sensibilidade de captação de dois grupos representantes de distintas categorias de interlocutores, além dos inicialmente estipulados, devido à constatação de que eles também foram “porta-vozes” do Projeto de Revitalização do Largo do Ó. Evidenciou-se alcance regional e nacional referente aos interlocutores denominados Mídia e Visitantes. Entretanto, a sua abrangência foi maior em nível local, recebendo destaque entre os Habitantes e Colaboradores.

Dentro de seu contexto e situação particular, o Projeto ganhou significado e identidade após sua individualização e socialização no espaço público, provocando rupturas nos quadros de sentido que contribuíram para a criação de novos enquadramentos. A primeira mudança atribuída foi ao próprio espaço físico, alterado por meio da pintura e obras na fachada de algumas casas. Outra constatação se refere à ocasionada situação de conflito social, na qual alguns atores levantaram questionamentos sobre a manutenção posterior às intervenções, assim como manifestaram desagrado à cor das casas após o início da etapa de pintura, mesmo tendo sido participado sobre as mesmas anteriormente.

A importância de conservar e preservar por exemplo, passa a dizer respeito não só aos bens, como também aos valores, respondendo às exigências da sociedade. Através do processo dialético suscitado pelas experiências cotidianas incorporadas no Projeto de Revitalização do Largo do Ó, assiste-se o devir de um novo quadro de valores que superam o anterior. São os interlocutores quem decidem o que deve ser merecedor de atenção no Largo e na Capela, assim como o motivo pelo qual devem ser mantidos ou modificados. Alguns atores possuem mais força e outros menos influência, mas é o eco que surge desse conjunto social que definitivamente toca o quadro de valores do Largo e Capela do Ó. Embora estes mantenham uma capacidade própria de auxiliar na formação de identidade, os significados simbólico, estético e espiritual começam timidamente a dividir espaço com funções de ordem econômicas e políticas.

Outra constatação foi a de que o Projeto de Revitalização do Largo do Ó não aconteceu isoladamente. Ele suscitou outros eventos e dialogou com as eleições municipais e principalmente com a Festa de São João. Esta, por sua vez, foi avaliada como elemento de extrema e fundamental importância para a cultura e tradição da população sabarense e mais especificamente do Largo do Ó. Explorar a discussão e reflexão sobre a Festa de São João pode conferir grande contribuição à manutenção e preservação do legado do patrimônio sabarense.

No grupo denominado Mídia, encontramos elevado número de dados divergentes sobre detalhes do Projeto, uma errata, textos informativos idênticos em diferentes publicações, além de uma divulgação que não procedeu. Mesmo sabendo que o recorte do mundo operado pelas mídias coloca-se de maneira distinta e que o espaço social é uma realidade compósita e não homogênea, a contradição e qualidade da notícia afeta a credibilidade do veículo, que acaba se comprometendo. Principalmente porque verificamos também que a mídia ocupa um papel considerável na formação identitária, que reflete como os interlocutores categorizam os demais indivíduos e como ela própria é reproduzida ou modificada, atingindo diretamente as emoções coletivas. O tempo todo detectou-se submissão às sensações causadas na interpretação e reinterpretação das mensagens midiáticas.

Levando em conta o sentido implícito adotado durante a produção e os diferentes objetivos dos veículos midiáticos, de um modo geral consideramos as conotações otimistas, já que é natural que um meio local se refira com mais frequência ao que acontece em sua proximidade em oposição à grande extensão que o regional tem que abarcar. Cada veículo respondia claramente à sua linha editorial, implicando algumas particularidades características aos veículos de comunicação de massa. As distorções e desconstruções atenderam aos interesses específicos do setor de atividade dos veículos analisados. Entretanto, indícios de “jogos de manipulação” entre alguns veículos e as fontes, foram verificados, como nos casos de excessiva exploração e foco no caráter político coincidindo com um ano de eleições. A atitude produziu efeitos de ausência de prudência, suspeita e seriedade profissional.

Constatamos também que o discurso da mídia é relevante para a maioria dos representantes dos outros grupos. Eles entendem que quando publicado em algum veículo de comunicação, o Projeto de Revitalização daria mais evidência ao Largo e a Capela do Ó. Com exceção da mídia local que forçou um “efeito de destaque”, os veículos se posicionaram moderadamente, mobilizando o imaginário e provocando mudanças em pontos de vistas. Alguns atores revelaram que é como se a mídia tirasse o Projeto de um mero fato cotidiano e o projetasse a um alcance maior, formando uma visão midiaticizada da realidade. Mas é importante não perder de vista que a Mídia atuou em conjunto com os demais interlocutores na fabricação da representação do Projeto para a sociedade.

No grupo denominado Habitantes, manifestou-se antes de tudo, receio e apreensão por parte dos entrevistados. A todo momento houve a impressão de que os mesmos conduziam suas narrativas para satisfazer o que a pesquisadora buscava. Como se inconscientemente estivessem acostumados a formular discursos apropriados e que agradam entrevistadores. Depois de algum tempo eles se sentiam à vontade e a conversa fluía melhor e alguns pontos puderam ser retomados. Mas verificou-se evidente a necessidade de aprimorar a técnica, de modo que se possa apreender a percepção dos sujeitos sobre os acontecimentos com mais precisão e talvez veracidade.

Num segundo momento, concluímos que a afetação do acontecimento é muito direta na vida deles. Isso faz com que suas narrativas demonstrem excessiva sensibilidade ao

Projeto. Eles deixam claro que quando o evento se encerra, têm plena consciência de que as mudanças trazidas, boas ou ruins, passarão a fazer parte da sua rotina. O vínculo que possuem com o Largo e a Capela do Ó é tão intenso, que eles receberam o Projeto como uma benfeitoria, mas nem por isso deixaram de impor “suas regras” articuladas no cotidiano. As ocorrências afetaram estes participantes de modo direto e eles transmitiram essa característica em suas narrativas, assim como demonstram a necessidade de reduzir incertezas sobre os seus efeitos. Algumas interferências e indeterminações evidenciaram rupturas que perturbaram a ordem normal, tornando a situação estranha e negativa para os Habitantes. Em determinados momentos, uma espécie de atitude de defesa foi tomada em forma de discursos que pretendiam impor a reprovação de medidas que modificariam a regularidade e continuidade do dia-a-dia. A narrativa dos Habitantes deixa entrever que eles lidam com o paradoxo de desejar o desenvolvimento ao mesmo tempo que temem mudanças, em um processo complexo e ambíguo.

Por fim concluímos que houveram interferências na forma como foram transmitidas as informações sobre o Projeto aos Habitantes. A frequência de algumas colocações evidenciou falta de entendimento sobre detalhes, principalmente no que se referiu às adaptações sofridas no plano de trabalho devido à adequação da verba. Este fato desencadeou falta de afinidade entre grupos e situações de conflito, principalmente sobre a questão do paisagismo.

As origens dos Visitantes confirmaram-se extremamente diversificadas, além da constante movimentação turística. Estas observações comprovam que, ao contrário do que uma primeira impressão sugere, a paisagem bucólica e serena não interfere na variedade e presença dos representantes deste grupo no local. O significado do Projeto de Revitalização do Largo do Ó para a categoria Visitantes é peculiar e se diferencia das demais, pelo fato já mencionado anteriormente, deste grupo não ter ciência da realização do evento e mesmo assim ter relevância no mesmo. O discurso deles é sempre direcionado ao Largo e Capela do Ó, independente do Projeto. Em suas falas encontramos queixas e observações sobre o estado de conservação do local, mas de um modo geral a impressão foi positiva e gratificante. Concluímos que, pelo fato da narrativa destes atores não ter elementos diretos sobre o acontecimento, e mesmo assim possuírem importância e consequente inserção na pesquisa, eles se situaram em uma

condição de “atores-espectadores”. Esse apontamento indicou a necessidade de dispensar atenção e desenvolvimento de reflexões mais aprofundadas sobre essa modalidade de sujeitos nos acontecimentos. Afinal, mesmo sem se darem conta, eles estão presentes na interação do Projeto e repercutem na vida cotidiana dos outros interlocutores.

A incidência no Projeto de Revitalização verificada através do discurso do grupo denominado Colaboradores ganhou destaque a partir da revisão do nosso interesse de partida. Através do olhar sensível e indispensável em cada situação e seu contexto, concluímos que como consequência dos valores contemporâneos referentes ao patrimônio cultural, essa categoria emergiu no Projeto e não poderia ser relegada. As manifestações da comunidade revelaram que os membros que fizeram parte da execução do Projeto deveriam ser levados em conta, pois eram os “responsáveis” pelas mudanças. Essa condição nos informou que deveríamos prestar atenção também na narrativa dos Colaboradores. Porém, a legitimidade dos valores para estes personagens é mais direcionada à questões profissionais e comerciais. Apesar de declarar a pretensão de melhorar a aparência do lugar e consequentemente a vida dos moradores através das mudanças trazidas pelo Projeto, o discurso deles é pautado em referências técnicas, que nem sempre conseguem alcançar o papel da sedimentação social. O movimento articulado pela fala destes atores constitui a formação de preocupações, muitas vezes, diversas às de outros participantes.

Ao analisar a sucessão de ocorrências heterogêneas e qualificar a síntese dos elementos do Projeto de Revitalização descritos sob a forma de intriga, concluímos que o seu esgotamento foi alcançado quando sua totalidade foi individualizada e tornada inteligível. O objetivo do Projeto de prover a continuidade cultural sofreu rupturas que tornaram em alguns aspectos a direção e o resultado diverso do esperado. Porém, um novo horizonte de expectativas possíveis foi vislumbrado. A normalização encontra seu auge no evento de comemoração que simboliza o encerramento do Projeto, onde há redução de sua incontinência e indeterminação. A partir daquele momento o acontecimento é dotado de um passado e de um futuro, que reduz o estranhamento dos interlocutores em relação a ele. É como se a partir dali, tudo “voltasse ao normal”, sem interferências, ou caso estas se fizerem presentes, eles já estarão aptos a lidar com elas.

Os conflitos discursivos entre as diferentes vozes que se manifestaram, evidenciou o desdobramento e a interpretação do Projeto de Revitalização do Largo do Ó atribuído por uma atividade reflexiva que buscou encontrar o melhor caminho para regular os problemas coletivos. Este acontecimento foi para os interlocutores uma arena de discursos, e estes por sua vez foram considerados nesta pesquisa um elemento de movimento descontínuo, provocando ora o rompimento, ora reiterando a relação do cidadão com o patrimônio cultural. E tal prática comunicativa reforça que a interação é uma circunstância inerente e preponderante da ação humana e social no cotidiano.

Finalmente destacamos que apesar de todas as constatações acerca das narrativas sobre o Projeto de Revitalização do Largo do Ó, conclui-se que as leituras sobre o Patrimônio Cultural local são divergentes. A empiria mostrou distanciamento da visão sustentada na revisão bibliográfica e a percepção dos colaboradores dos quatro grupos de interlocutores. Nenhum deles demonstra preocupação com valores de conservação e preservação voltados à sociedade, mas sim inquietações individuais. Entretanto, apesar dessa característica, se explicita de maneira indireta e a todo instante o devotamento ao simbolismo que o Largo e a Capela do Ó carregam consigo. O sentimento de pertença e engajamento dos sujeitos está encoberto. Eles os exprimem por meio de ações, nas quais as normas de convivência no cotidiano são negociadas.

Evidentemente, a presente pesquisa não esgota o estudo sobre o Projeto de Revitalização, Capela, Largo do Ó e o modo como o discurso dos seus atores sociais expõem algumas possíveis maneiras de perceber e apreender as experiências cotidianas. O prosseguimento deste trabalho através da análise de outros acontecimentos, técnicas, entrevistas e publicações podem fornecer mais informações relacionadas ao tema. Por último, explorar a Festa de São João e a força do seu vínculo com a comunidade local e Capela do Ó se evidenciou como uma grande possibilidade de empreender outra pesquisa que envolve alguns assuntos tratados no presente trabalho.

Enfim, conduzir novas diretrizes para o aperfeiçoamento dos objetos aqui parcialmente abordados, auxiliará na constatação da eficácia das disciplinas estudadas e reforçará a interdisciplinaridade entre os campos do saber, que se faz cada dia mais urgente e proeminente.

REFERÊNCIAS

AMOS, Rapoport. *Human aspects of urban form: Towards a man - Environment Approach to Urban Form and Design*. London. Pergamon Press, 1977.

ARENDT, Hannah. *A Condição Humana*. Trad. Roberto Raposo. Posfácio Celso Lafer. 10^a ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

AUGÉ, Marc. *Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*. São Paulo: Papirus. 2007.

ÁVILA, A. *Iniciação ao Barroco Mineiro*. São Paulo: Nobel, 1984.

BARBERO, Jesús Martín. *Al sur de la modernidad*. Comunicación, globalización y multiculturalidad. Instituto Internacional de Literatura Iberoamericana, University of Pittsburgh, 2001.

BABO-LANÇA, Isabel. *Acontecimento e memória*. In: FRANÇA, Vera Regina Veiga; OLIVEIRA, Luciana de (organizadoras). *Acontecimento: Reverberações*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012. p. 55-65.

BAKHTIN, Mikhail. *A interação verbal*. Marxismo e Filosofia da Linguagem. São Paulo: Editora Hucitec, 1986.

_____. (Voloshinov, V.N. -1929). *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1992.

BARBOSA, Waldemar de Almeida. *História de Minas*. Belo Horizonte: Comunicação, 1979. vol.2

BATESON, G. *Communication*. In: WINKIN, Yves (org.). *La nouvelle communication*. Paris: Seuil, Points Essais nº 136, 1981.

BAUMAN, Zygmunt. *Identidade*. Rio de Janeiro : Zahar, 2006.

BAZIN, Germain. *A arquitetura religiosa barroca no Brasil*. Vol. 2. Rio de Janeiro: Record, 1983

BENEVOLO, Leonardo. *História da Cidade*. São Paulo: Perspectiva, 1999.

BENJAMIN, Walter. *Obras Escolhidas: Magia e Técnica, Arte e Política*. Tradução de Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 2^a edição. 1994.

BOTTON, João Batista. *Entre tempo e narrativa: concordância/discordância*. In: *kriterion*, Belo Horizonte, nº 125, p.299-310. 2012

BRAGA, José Luiz. *“Lugar de Fala” como conceito metodológico no estudo de produtos culturais*. In: *Mídias e processos socioculturais*. São Leopoldo: UNISINOS, 2000, p.159-184.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. *Proteção e revitalização do patrimônio cultural no Brasil: uma trajetória*. SPHAN, Pró-Memória, Brasília: 1980.

BRETAS, Beatriz. *Propagação Telemática dos acontecimentos e novos fazeres midiáticos*. In: FRANÇA, Vera Regina Veiga; OLIVEIRA, Luciana de (organizadoras). *Acontecimento: Reverberações*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012. p. 67-79.

CANCLINI, N. G. *Culturas Híbridas: Estratégias para Entrar e Sair da Modernidade*. Trad.Heloísa Pezza Cintrão, Ana Regina Lessa. 3^a ed. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000.

CARLOS, Ana Fani Alessandra. *O lugar no/do mundo*. São Paulo: FFLCH, 2007.

CASEY, E. S. *Remembering: A Phenomenological Study*. Bloomington: Indiana University Press, 1987.

CASTELLS, Manuel. *O Poder da Identidade*. A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura, Volume 2. Editora Paz e Terra, São Paulo, 1999.

CASTELLO, Lineu. *A percepção de lugar: repensando o conceito de lugar em arquitetura-urbanismo*. Porto Alegre: PROPAR-UFRGS, 2007.

CASTRIOTA, Leonardo Barci. *Patrimônio cultural: conceitos, políticas, instrumentos*. São Paulo: Annablume, Belo Horizonte: IEDS, 2009.

CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso das Mídias*. Trad. Angela S. M. Corrêa. 2. Ed. 1^a reimpressão. São Paulo: Contexto, 2012.

CHARTIER, Roger. *O mundo como representação*. Revista das Revistas Scielo. Instituto de Est. Av., São Paulo, vol. 5, nº11, Jan./Abr. 1991, p. 173-191.

CHIAVENATO, Idalberto. *Comportamento Organizacional: A Dinâmica dos Sucessos das Organizações*. São Paulo: Thonson. 2004.

CHOAY, Françoise. *A alegoria do patrimônio*. Trad. Luciano Vieira Machado. São Paulo: Estação Liberdade: Editora Unesp, 2001.

CORREIA, J. C. *A teoria da comunicação de Alfred Schutz*. Lisboa: Livros Horizonte, 2005.

DEWEY, J. *Democracia e educação*. 4. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1979.

_____. *Experiência e educação*. 2. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1976

_____. *Tendo uma experiência*. In: LEME, M. O. R. P. Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo, Loyola, 1996.

_____. *As palavras e as coisas*. 8. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

FRANÇA, Vera Regina Veiga. L. *QUÉRÉ: dos modelos da comunicação*. Revista Fronteiras, estudos midiáticos, São Leopoldo-RS, v. V, n. 2, dez. 2003.

_____. *O crime e o trabalho de individuação do acontecimento no espaço midiático*. In: Caleidoscópio, Revista de Comunicação e Cultura – Dimensões do acontecimento - Configuração, mediação, tempo e experiência, Lisboa, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias – departamento de Ciências da Comunicação, Artes e Tecnologias da Informação. Edições Universitárias Lusófonas, n. 10, p. 59-72, 1º semestre 2011.

_____. *O acontecimento para além do acontecimento: uma ferramenta heurística*. In: FRANÇA, Vera Regina Veiga; OLIVEIRA, Luciana de (organizadoras). *Acontecimento: Reverberações*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012. p. 39-51.

FRANÇA, Vera Regina Veiga; OLIVEIRA, Luciana de (organizadoras). *Acontecimento: Reverberações*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

FREITAS, Sônia Maria de. *História Oral: possibilidades e procedimentos*. 2. ed. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006.

G1. *Revitalização do Largo do Ó, em Sabará, anima moradores*. Disponível em <<http://g1.globo.com/minas-gerais/noticia/2012/10/revitalizacao-do-largo-do-o-em-sabara-anima-moradores.html>> Acesso em 16 de outubro de 2012.

_____. *Revitalização de casas históricas atrai turistas para Sabará, na Grande BH*. Disponível em <http://g1.globo.com/videos/minas-gerais/t/mgtv-2a-edicao/v/revitalizacao-de-casas-historicas-atrai-turistas-para-sabara-na-grande-bh/2190917/> Acesso em 09 de dezembro de 2012.

GOFFMAN, Erving. *Frame analysis: an essay on the organization of experience*. Boston, Northeast-tern University Press. 1986.

_____. *A representação do eu na vida cotidiana*. 8ª Ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1999.

_____. "Footing". In: RIBEIRO, Branca Telles; GARCEZ, Pedro (org). *Sociolinguística interacional*. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. *A Retórica da Perda: os discursos do patrimônio cultural no Brasil*. Rio d Janeiro: Editora UFRJ; IPHAN, 1996.

_____. *O patrimônio como categoria de pensamento*. In Regina Abreu e Mário Chagas (orgs.). *Memória e Patrimônio: Ensaio Contemporâneos*. Rio de Janeiro, DP&A, 2003. p. 21-29

HABERMAS, Jurgen. *Teoria do agir comunicativo 1: racionalidade da ação e racionalização social*. Trad. Paulo Astor Soethe; revisão da tradução Flávio Beno Siebeneichler. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.

HALBWACHS, M. *Memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.

HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. 10ª ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2005.

HAYDEN, Dolores. *The Power of Place*. Cambridge: The MIT Press, 1995.

IEPHA. *Barroco Mineiro também tem olhos puxados*. Minas Gerais: Iepha, 2009.

IPHAN. *Os Sambas, as Rodas, os Bumbas, os Meus e os Bois: a trajetória da salvaguarda do patrimônio cultural imaterial no Brasil*. 1936/2006. Brasília: Instituto Patrimônio Histórico Nacional/Departamento de Patrimônio Imaterial, jun. 2006b

_____. *Patrimônio Material*. Disponível em <<http://portal.iphan.gov.br/montarPaginaSecao.do?id=12297&retorno=paginalphan>> Acesso em 07 de Abril de 2011.

_____. *Patrimônio Cultural recebe investimentos em Sabará-MG*. Disponível em <<http://portal.iphan.gov.br/montarDetalheConteudo.do;jsessionid=59D08FABC7DCEDCDF376BEEB24036E09?id=16393&sigla=Noticia&retorno=detalheNoticia>> Acesso em 05 de agosto de 2012.

JAMES, William. "Pragmatismo". Os Pensadores. Abril Cultural, 1979.

JAPIASSU, Hilton. *Interdisciplinaridade e patologia do saber*. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. 5. ed. Campinas (SP): Ed. da UNICAMP, 2003.

LEMOS, Carlos A. C. *O que é patrimônio histórico*. 2. ed. rev. e ampl. São Paulo: Brasiliense, 2010.

LOSEKANN, Silvana. Restauração resgata imponência de ponto turístico em Sabará/MG. *Defender*. Disponível em <<http://www.defender.org.br/restauracao-resgata-imponencia-de-ponto-turistico-em-sabaramg/>> Acesso em 09 de dezembro de 2012.

LOW, Setha M. Social sustainability: people, history, and values. In: TEUTONICO, J. M.; MATERO, F. *Managing Change: Sustainable Approaches to the Conservation of the Built Environment*. Los Angeles: The Getty Conservation Institute, 2001.p. 47-64.

MAFFESOLI, Michel. *No Fundo das Aparências*. Trad. Bertha Halpern Gurovitz. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

MANGINI, F. N. R., MIOTO, R. C. T. *A interdisciplinaridade na sua interface com o mundo do trabalho*. UFSC: 2009.

MARTINS, Clerton. *Patrimônio cultural e identidade*. In: Martins, Clerton (org.). *Patrimônio cultural: da memória ao sentido do lugar*. São Paulo: Roca, 2006. p.39-50.

MEAD, G. H. *L'esprit, le soi et la société*. Paris: PUF, 2006.

MGTV. *Fachadas de casas do Largo do Ó, em Sabará, vão ser restauradas*. Publicado em 12 de março de 2012. Disponível em <<http://www.youtube.com/watch?v=q0EWfcXxqrl>> Acesso em 09 de dezembro de 2012.

MORIN, Edgar. *Os Sete Saberes necessários à Educação do Futuro*. 2ª. Ed. São Paulo: Cortez, 2000.

_____. *A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. 8ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

_____. *Cultura de massas no século XX*. O espírito do tempo 1. Neurose. 6ª Ed., Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1984.

_____. *A mundialização: uma oportunidade ou desgraça última para a humanidade?* In: MORIN, Edgar; NAIR, Sami. *Uma política de civilização*. Lisboa: Instituto Piaget, 1997. p. 115-132. (Coleção Economia e Política).

NORA, Pierre. *Entre Memória e História*. A problemática dos lugares. *Revista Projeto História*, São Paulo, vol. 10, 1993.

OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. *Reviravolta linguístico-pragmática na filosofia contemporânea*. 2. ed. São Paulo: [s. ed.], 2001.

PANROTAS. *Igreja de Sabará (MG) passará por obras de revitalização*. Disponível em <http://www.panrotas.com.br/noticia-turismo/destinos/igreja-de-sabara-mg-passara-por-obras-de-revitalizacao_74502.html> Acesso em 09 de dezembro de 2012.

PEREIRA, José Maria Nascimento. *Fundamentos psicológicos da comunicação*. In: Adísia Sá (Coord.). *Fundamentos científicos da comunicação*. Petrópolis: Vozes, 1973.

PINTO, Milton José. *Comunicação e discurso: introdução à análise de discursos*. São Paulo: Hacker Editores, 1999.

QUÉRÉ, Louis. “*De um modelo epistemológico da comunicação a um modelo praxiológico*”. Traduzido por Lúcia Lamounier Sena e Vera Lúcia Westin (mimeo). Do original: “D’un modèle épistémologique de la communication à un modèle praxéologique”. In: *Réseaux*, n. 46/47. Paris: Tekhné, 1991.

_____. *Entre facto e sentido: a dualidade do acontecimento*. *Trajectos. Revista de Comunicação, Cultura e Educação*, Lisboa, n. 6, p. 59-75, 2005.

_____. *A dupla vida do acontecimento: por um realismo pragmatista*. In: FRANÇA, Vera Regina Veiga; OLIVEIRA, Luciana de (organizadoras). *Acontecimento: Reverberações*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012. p. 21-38.

QUIVY, R.; CAMPENHOUDT, L.V. *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. 2ª edição. Coleção *Trajectos*. Trad. Marques, Y. M.; Mendes, M. A.; Carvalho, M. Lisboa: Gradiva, 1998.

RICOEUR, P. *Entre temps et récit: concorde/discorde*. In: M. Schneider – M. Philibert, *Recherches sur la philosophie et le langage*, Paris, Vrin, 1982, p. 3-14

_____. *Do texto à acção: ensaios de hermenêutica II*. Porto: Rés-Editora, 1989.

SABARÁ, Folha de. *Largo do Ó Revitalizado*. Edição nº 798, 22 de dezembro de 2011.

_____. *Revitalização do Largo do Ó próxima de ser realizada*. Edição nº 806, 16 de março de 2012.

_____. *Revitalização dará nova vida ao Largo do Ó*. Edição nº 816 - 08 de junho de 2012b.

_____. *Minas ao luar revive o passado e aguça o sentimento do público presente*. Edição nº 819, 29 de junho de 2012.

_____. *A revitalização em um dos pontos turísticos mais visitados de Sabará está quase pronta - novas cores para o Largo do Ó*. Edição nº 833, 26 de outubro de 2012.

_____. *Errata*. Edição, nº 834, 02 de novembro de 2012.

_____. *População recebe Largo do Ó revitalizado*. Edição nº 835, 16 de novembro 2012.

SACHS, Ignacy. *Desenvolvimento: includente, sustentável, sustentado*. Rio de Janeiro: Garamond, 2008.

SANTOS, Milton. *Memória e Modernidade*. In: O País Distorcido. Publifolha, 2002.

_____. *Metamorfoses do espaço habitado*. São Paulo: Edusp, 2008.

SCHUTZ, Alfred. *La construcción significativa Del mundo social*. Paidós: Barcelona, 1989.

THROSBY, David. 2001. Sustainability in the conservation of the built environment: an economist's perspective. In: TEUTONICO, J. M.; MATERO, F. *Managing Change: Sustainable Approaches to the Conservation of the Built Environment*. Los Angeles: The Getty Conservation Institute, p.3-10.

TUAN, Yi-Fu. 1983. *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*. São Paulo: DIFEL.

TUPYNAMBÁ, Yara. *Largo do Ó será revitalizado*. Disponível em < <http://www.yaratupynamba.org.br/largo-do-o-sera-revitalizad/>> Acesso em 05 de agosto de 2012.

TVHORIZONTE. *Largo do Ó – Sabará*. Enviado em 24 de fevereiro de 2012. Disponível em < http://www.youtube.com/watch?v=QKEJOlcTo_I> Acesso em 09 de dezembro de 2012.

UFMG, Boletim. *Uma escrita pictográfica*. Nº 1469 - Ano 31 - 2005. Disponível em < <https://www.ufmg.br/boletim/bol1469/quinta.shtml>> Acesso em 18 de Agosto de 2012.

UNESCO. *Patrimônio Intangível*. Disponível em <http://www.unesco.org/new/pt/brasil/culture/world-heritage/intangible-heritage/#c154838> Acesso em 07 de Abril de 2011.

WERNECK, Gustavo. Patrimônio de Sabará ganha novo visual. *Jornal Estado de Minas*. Minas Gerais, 13 de novembro de 2012.

WEINSTEIN, Mary. *A indissociabilidade do patrimônio material e imaterial e o transporte no espaço e no tempo dentro de uma perspectiva também tecnológica*. V Enecult - Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura. Faculdade de Comunicação/UFBa,

Salvador-Bahia-Brasil. 27 a 29 de maio de 2009. Disponível em <<http://www.cult.ufba.br/enecult2009/19391.pdf>> Acesso em 25 de Março de 2011.

WINKIN, Yves. *A nova comunicação: da teoria ao trabalho de campo*. Campinas-SP: Papirus, 1998.

WOLF, M. *Teorias das Comunicações de Massa*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

ANEXOS**DIÁRIO DE CAMPO****LOCAL:****DATA:****HORA:****SITUAÇÃO:**

DESCRIÇÃO	REFLEXÃO
➤	•
➤	•
➤	•
➤	•

AUTORIZAÇÃO DE USO DE DEPOIMENTO

Eu, _____, RG: _____

Endereço: _____

Telefones: _____ / _____

estou ciente e autorizo o uso do conteúdo da entrevista concedida a pesquisadora Fabiana De Lucca Munaier, para fins de trabalhos acadêmicos, científicos ou utilização em projetos culturais e educacionais.

Data da gravação:

Local:

Tema:

Observações:

Depoente

Sabará, _____ de _____ de 2012.

ROTEIRO DE ABERTURA

Entrevista realizada no dia __ de _____ de 2012, em Sabará, por Fabiana De Lucca Munaier – mestranda em Ambiente Construído e Patrimônio Sustentável pela Escola de Arquitetura da UFMG.

A entrevista tem a finalidade de colher informações sobre o Largo, a Capela do Ó e Projeto de Revitalização assim como a relação dos entrevistadores com os mesmos.

GUIA DE ENTREVISTA

Dia: _____

Hora: _____

Local: _____

Duração: _____

Observações: _____

I - Identificação do Entrevistado

a) Nome¹⁵

b) Idade

- ☐ Até 15 anos
☐ 16 a 25 anos
☐ 26 a 40 anos
☐ Acima de 41 anos

c) Sexo

- ☐ Feminino
☐ Masculino

d) Ocupação

- ☐ Trabalho
☐ Estudo
☐ Aposentado
☐ Desempregado

Outros: _____

a) Grau de Escolaridade

- ☐ Ensino Fundamental
☐ Ensino Médio
☐ Ensino Superior
☐ Não Possui

b) Renda Familiar¹⁶

- ☐ Até 1 salário
☐ Até 2 salários
☐ Até 3 salários
☐ Acima de 3 salários

¹⁵ Será usado um nome fictício caso o entrevistado não queira se identificar.

¹⁶ Baseado no salário de 01/01/2012, de valor R\$622,00.

II – Relação Com a Cidade

a) Mora em Sabará?	☐ Sim ☐ Não
b) Há quanto tempo?	☐ Desde que nasceu ☐ Até 10 anos ☐ Há mais de 10 anos ☐ Recentemente
c) Trabalha em Sabará?	☐ Sim ☐ Não
d) Se não mora, qual é a sua relação com a cidade?	☐ Trabalho ☐ Família / Amigos ☐ Turismo ☐ Outros: _____ _____ _____
e) Como era a cidade antes (infância / adolescência ou quando chegou aqui)?	_____ _____ _____ _____ _____ _____ _____
f) Qual característica você acha que representa melhor Sabará?	☐ Patrimônio Histórico ☐ Patrimônio Artístico ☐ Patrimônio Religioso ☐ Patrimônio Cultural

III – Relação com o Largo do Ó

a) Qual a sua relação com o Largo do Ó?

- ☐ Morador da cidade ou Largo
☐ Trabalho
☐ Turismo / Visita
☐ Missa, eventos, lazer

b) Quais atividades acontecem no Largo do Ó ao longo do ano?

c) O que você acha dessas atividades?

d) As atividades que você mencionou correm o risco de acabar? Por quê?

e) Essas atividades tem alguma relação direta com o Largo?

- ☐ Sim
☐ Não

IV – Relação com o Projeto de Revitalização

a) Você conhece o Projeto de Revitalização do Largo do Ó?

☐ Sim

☐ Não

b) Como ficou sabendo dele?

☐ Mídia.

☐ Vizinhos, parentes, conhecidos

☐ Órgãos públicos

☐ Outros _____

c) O que você acha do Projeto?

☐ Bom

☐ Ruim

☐ Médio

☐ Não conheço

d) Você participou ou participa das decisões referentes ao Projeto?

☐ Participo

☐ Participei

☐ Não quis / pude participar

☐ Não sabia que podia me envolver de alguma forma

e) Você acha que o projeto vai trazer benefícios? Quais? Se não, por quê?

f) O que você mudaria no Projeto?

V - Envolvido diretamente com o Projeto de Revitalização

a) Qual a sua atividade / função no Projeto?

- ☐ Nas obras
☐ Representa Instituto
☐ Representa Governo
☐ Outros _____

b) Há quanto tempo trabalha no Projeto?

- ☐ Desde a elaboração da proposta
☐ Desde a aprovação do Projeto
☐ Início da execução das obras
☐ O Projeto já estava em andamento

c) Qual perspectiva você tem do Projeto?

- ☐ O Largo do Ó vai ficar mais bonito
☐ O turismo e o comércio local vão melhorar
☐ Reforçar o sentimento pelo lugar
☐ Não vai mudar nada

VI - Turistas e Visitantes

a) Por que a Capela / Largo do Ó está no seu roteiro de visitas?

- ☐ Vim a Sabará conhecer justamente esse lugar
☐ É o símbolo de Sabará
☐ Conhecer suas características históricas / artísticas / religiosas
☐ O roteiro já havia sido elaborado por uma agência / guia
☐ Outros _____

b) O que você achou do Largo / Capela do Ó?

- ☐ Corresponderam minhas expectativas
☐ Gostei mais do que imaginava
☐ Correspondeu parcialmente
☐ Fiquei frustrado, diferente do que eu pensava
☐ Outros _____

c) Acha que o Largo do Ó precisa ser revitalizado? Por quê?

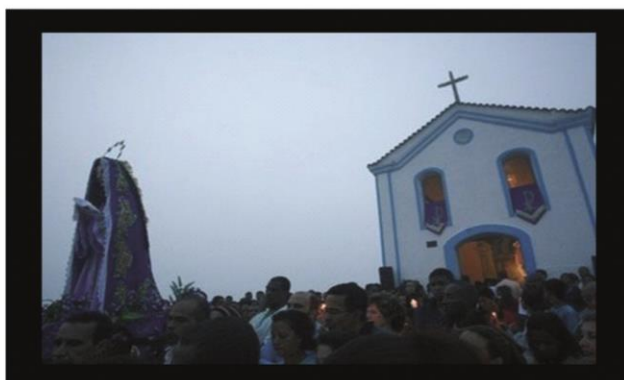
FICHAS USADAS NA ENTREVISTA



Elementos orientais no interior da Capela do Ô



Bloco caricato carnavalesco em frente à Igreja do Carmo



Procissão da Penitência na Capela do Senhor Bom Jesus



Chegada da Estrada Real a Sabará: Antiga Rua Direita e ponte pequena ao fundo

BOLETINS ANALISADOS



CULTURA EM FOCO

Secretaria Municipal de Cultura - Sabará/MG

Informativo : Ano I - Edição 8 - Junho de 2012

OFICINAS INDICAM DELEGADOS



Indicados pela comunidade no dia 26, em reunião na Casa Azul, General Carneiro, os últimos Delegados Regionais para participação no Fórum Municipal de Cultura que terão a incumbência de definir as propostas e metas para o Plano Municipal de Cultura. São eles:

Ravena: Ailton Melo, Stéfane Karoline Viana e Eder Lito F. Pinto. Borges: Valéria Aganete, Carlos Valério M. dos Santos e Jorgeia Dias da Silva. Ana Lúcia: Alphonso de Melo Silveira, José de Paula Filho, Roberto Silveira Grossi e Geraldo Magela Lage. Sede: Ana Carolina Borges Umbelino, Roberto Gomes, João Rafael Lopes, Herólia Batista Herculano. Fatima: Samuel Martins, Claudio Wladimir de Oliveira, Adriano de Paula Carmo. Gal. Carneiro: Kenya Nunes Teixeira, Paulo Henrique Valadares Neves, Sérgio Andrade, Claudinéia das Dores Alves.

LARGO DO Ô - REVITALIZAÇÃO INICIADA

Na sexta-feira, dia 1º de Junho, a comunidade sabarense esteve reunida com autoridades para assinatura da ordem de serviço e o início das obras de revitalização do Largo do Ô.

As obras de revitalização das fachadas, são fruto de convênio entre o Governo do Estado, a Prefeitura Municipal e o Instituto Yara Tupinambá, e já foram iniciadas.

A Coordenação do Projeto está a cargo dos arquitetos Jose Theobaldo Junior e Tatiana Hanue que estiveram conversando com os moradores apresentando a proposta individualmente, e discutindo a paleta de cores especialmente elaborada pela renomada artista Yara Tupinambá para o Largo do Ô.

A Secretaria Municipal de Cultura vem estabelecendo contatos e providências visando o Tombamento Municipal dos retábulos com tábua do Sec.XVIII da Igreja de Santo Antônio de Roça Grande.



Assinatura da autorização de obras no Largo do Ô

SECRETARIA LANÇA O CADASTRO CULTURAL

A Secretaria Municipal de Cultura lança o Cadastro Cultural, com o objetivo de identificar as mais diversas manifestações no município, através dos atores individuais ou grupos. Com a denominação de "Apresente-se", o cadastramento possibilitará uma maior visibilidade, ao mesmo tempo em que amplia o espaço para participação dos atores culturais, na Agenda Cultural do Município.

O FESTIVAL DE INVERNO VEM AÍ !

Sendo finalizada a programação de mais um Festival de Inverno comemorando os 301 anos da Elevação a Vila Real. A programação, com uma grande variedade de atrações, está sendo montada pelas Secretarias Municipais de Cultura e de Turismo.

Shows, peças teatrais, oficinas diversas, barracquinhas, o tradicional encontro de bandas, projeção de filmes, encontro de quadrilhas, atividades circenses, teatro de rua, serestas, banda nos bairros, feira de artesanato, música ao vivo no coreto, são algumas das atrações para o período de 1º a 31 de Julho próximo.



O prédio do Polo Cultural na Rua Mariêta Machado, está abrigando, desde o dia 06 de Maio, a "Casa das Artes" coordenada pela Borrachaloteca, com as atividades de Biblioteca Infanto-Juvenil, Literatura de Cordel, Atrativos da Poesia e Tambores Gerais, contando com o apoio da Prefeitura Municipal.

CULTURA SABARENSE EM DIA!

Sabará - MG - Agosto de 2012

LARGO NOSSA SENHORA DO Ó - OBRAS EM ANDAMENTO



A paisagem do Largo Nossa Senhora do Ó vem sendo enriquecida com o desenvolvimento das obras de revitalização das fachadas. Os serviços de reparos na alvenaria estão praticamente concluídos sendo que a etapa seguinte será a pintura, de acordo com paleta de cores elaborada pela artista plástica Yara Tupinamba, e debatida com a comunidade.

FESTA DO ROSÁRIO : CELEBRAÇÃO DE FÉ E CORES



Rei e Rainha do Rosário 2012, Jandy e Silvana, participaram com Fé e Alegria, da programação da Festa do Rosário.

A Soc.Musical Santa Cecília abrigou a Procissão de encerramento da Festa do Rosário, participação centenária em Sabará.

EVENTOS MOVIMENTAM SABARÁ



IV Encontro de Opalas na Praça Santa Rita



Hoje é Dia de Banda, em Ravena

CULTURA SABARENSE EM DIA!

Sabará - MG - Setembro de 2012

SEGUNDA ETAPA INICIADA !



Foram iniciadas as obras da segunda etapa do Projeto de Revitalização do Largo Nossa Senhora do Ó. O Projeto está utilizando mão de obra residente na região para os serviços de reparos na alvenaria e na pintura das fachadas. Embora em estágio inicial, o resultado está sendo elogiado !

MURO CONCLUÍDO NO POMPÊU !



Com prazer, verificamos a conclusão dos serviços de restauro no muro de proteção da secular Igreja de Santo Antônio ,no Pompêu, que desabou parcialmente, nas últimas chuvas.

PROJETO DE REVITALIZAÇÃO EM RAVENA



Localizada na Praça N.Srda Assunção, em Ravena, a edificação foi beneficiada pelo Programa de Revitalização do Patrimônio Cultural do Município. Serviços concluídos.



Grupo Sonhos em Serenata, apresentação dia 14, em Ravena.



A Palma Barroca vai tornar-se Patrimônio Cultural Imaterial de Sabará. Providências em andamento!.

CULTURA SABARENSE EM DIA!

Sabará - MG - Novembro de 2012

Largo N.Sra. do Ó revitalizado !



A paleta de tintas foi elaborada pela artista Yara Tupinambá, visando destacar a Igreja de N.Sra.do Ó no cenário local.

Em evento realizado no dia 14 de novembro, foram entregues as obras de Revitalização do Largo N.Sra. do Ó, com o apoio do Governo do Estado através do Conselho Estadual de Defesa dos Direitos Difusos-CEDIF, entidade executora o Instituto Yara Tupinambá, com apoio da Prefeitura Municipal, uma obra de R\$-199 mil.

Participaram do evento, além dos moradores locais e convidados, o prefeito William Borges, o Secretário de Estado de Regularização Fundiária, deputado Wander Borges; o Presidente do Inst. Yara Tupinambá, José Theobaldo Júnior; a artista plástica Yara Tupinambá; o Coordenador Regional de Trade Marketing, Cesar Alves Schieler, da Tintas Coral; o Presidente da Casa & Tinta, Júlio Gomes Ferreira; e a Sra. Maria da Conceição do Carmo, "Dona Bia", representando comunidade local.

O Prefeito William Borges destacou e agradeceu o apoio dos moradores para a realização dos serviços de revitalização do Largo N.Sra. do Ó, e a importância daquele patrimônio cultural para a preservação da história de Sabará.



O Presidente do Inst.Yara Tupinambá, José Theobaldo Júnior



Dona Bia, falando em nome da comunidade local.



O Secretário de Estado, Wander Borges, representando o Governador Antonio Anastasia na solenidade de entrega dos serviços.



A artista plástica Yara Tupinambá e o prefeito William Borges, junto com convidados, pintando um muro local, simbolizando o término das obras de revitalização.